



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – IH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGGEA

*Linha de Pesquisa: Produção do Espaço Urbano, Rural e Regional*  
*Área de Concentração: Representação Espacial da Dinâmica Territorial e Ambiental*

TEMÍZIA CRISTINA LOPES LESSA

**BRASÍLIA, ENTRE IMPERATIVOS  
INSTITUCIONAIS E EXISTENCIAIS:**  
**A Geografia dos Deslocamentos pela Representação Social do Migrante**

Brasília – DF  
Dezembro – 2019

TEMÍZIA CRISTINA LOPES LESSA

# **BRASÍLIA, ENTRE IMPERATIVOS INSTITUCIONAIS E EXISTENCIAIS:**

**A Geografia dos Deslocamentos pela Representação Social do Migrante**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPG/GEA do Curso de Doutorado em Geografia da Universidade de Brasília/UnB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Geografia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Marília Luiza Peluso

Brasília, DF  
Dezembro – 2019

TEMÍZIA CRISTINA LOPES LESSA

# **BRASÍLIA, ENTRE IMPERATIVOS INSTITUCIONAIS E EXISTENCIAIS:**

**A Geografia dos Deslocamentos pela Representação Social do Migrante**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia/PPGGEA na Universidade de Brasília/UnB como requisito parcial para avaliação e obtenção do título de Doutora em Geografia.

## **BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. **Marília Luiza Peluso** (Orientadora)  
Universidade de Brasília – UnB

Prof. Dr. **Fernando Luiz Araújo Sobrinho**  
Universidade de Brasília – UnB

Profa. Dra. **Ana Lúcia Galinkin**  
Universidade de Brasília – UnB/ Faculdade de Psicologia

Profa. Dra. **Regina de Souza Maniçoba**  
Centro Universitário de Brasília – UNICEUB

Prof. Dr. **Juscelino Eudâmidas Bezerra** (Suplente)  
Universidade de Brasília – UnB

Data: 13 de dezembro de 2019  
Resultado: APROVADA

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço ao Criador por esse momento tão especial em minha vida e pelas pessoas que Ele colocou em meu caminho.

À professora Marília Peluso, minha querida orientadora pelo apoio e disponibilidade a qualquer hora do dia, e principalmente, pela ternura em compreender a nossa história e pretensões com a pesquisa.

Ao professor Fernando Sobrinho, meu eterno orientador, a quem tenho grande carinho e profunda admiração.

Às professoras Regina Maniçoba e Ana Lúcia Galinkin pelas ricas contribuições nas bancas de qualificação e defesa, a quem declaro admiração e carinho.

Aos professores Adalberto Lassance e Aldo Paviani pelas ricas contribuições, nas entrevistas que me concederam.

Aos amigos Uilma, Geisla, Alan, Denilson, Donizete, Maricélia, Hélio, Lena, Alcides e Diego, por fazerem das entrevistas de grupo focal, mais produtivas e divertidas.

Agradeço, principalmente, a Edmar, meu companheiro, pela parceria e dedicação a mim e aos nossos filhos, sempre presente em todas as etapas do trabalho de campo com João Pedro e Clarissa.

*Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, das circunferências dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado (...). A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que flui das recordações e se dilata. (...) Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas. (CALVINO, 1990, p.14)*

## RESUMO

O objetivo desta tese é contribuir com os estudos geográficos sobre a temática do deslocamento. A proposta não foi de avaliar qual “conceito” de Brasília é o mais adequado, entre tantos posicionamentos de expressivos estudiosos e pesquisadores que têm Brasília e o Distrito Federal como objetos de estudos. O centro de análise deste trabalho é o deslocamento populacional enquanto processo. É compreender como o deslocado apreende e vivencia o fenômeno do deslocamento, mas sobretudo, como o deslocamento altera a identidade de quem desloca. Nesse sentido, toda análise foi conduzida a partir da perspectiva do sujeito deslocado. Como este compreende o processo de desterritorialização, suas expectativas, valores e temores. Deste modo, reforçou-se a importância do contexto regional para a compreensão da dinâmica urbano-populacional. Considerando a Geografia dos Deslocamentos como categoria de análise e a representação social como teoria e método da Geografia dos Deslocamentos, trabalhamos com entrevistas em profundidade, grupo focal e evocações livres. Onde buscou-se compreender os componentes fundamentais da representação, bem como a sua significação. Primeiro, pelo contexto discursivo e depois, pelo contexto social – considerando, neste caso, as influências ideológicas e midiática na representação social do sujeito deslocado. Para mais, destaca-se ainda, o rigor estatístico desta pesquisa, com a utilização do software IRAMUTEQ na análise quantitativa dos dados textuais.

**Palavras-Chaves:** Deslocamento, Representação Social, Brasília, Identidade.

## **ABSTRACT**

The aim of this thesis is to contribute to geography studies related to the theme of displacement. Its purpose was not to evaluate which “concept” of Brasilia is the most appropriate, among so many views of distinguished researchers and scholars who have focused their studies on Brasilia and the Federal District. The central analysis of this study is population displacement as a process. It is to understand how displaced people grasp and experience the phenomenon of displacement, but especially how displacement alters the identity of those who are displaced. Thus, the whole analysis was carried out from the perspective of displaced subjects; how they understand the process of deterritorialization, their expectations, values, and fears. The importance of the regional context was therefore emphasized aiming at the understanding of urban population dynamics. Considering Geography of Displacement as a category of analysis and social representation as the theory and method of Geography of Displacement, we worked with in-depth interviews, focal groups, and free evocations, seeking to understand the core components of the representation, as well as its signification, first from the discursive context, and then from the social context – considering in this case the ideological and mediatic influences on the social representation of the displaced subject. This study achieved statistical rigor with the use of the IRAMUTEQ software in the quantitative analysis of the textual data.

Keywords: Displacement, Social Representation, Brasilia, Identity.

## RESUMEN

El objetivo de esta tese es contribuir con los estudios geográficos sobre la temática del desplazamiento. La propuesta no fue de evaluar cual “concito” de Brasilia es lo más apropiado, entre tantos posicionamientos de expresivos estudiosos y pesquisadores que tiene Brasilia y el Distrito Federal con objetos de estudios. El centro de analice de este trabajo es el desplazamiento poblacionales mientras proceso. Eres comprender como el desplazado aprende y vivencia el fenómeno del desplazamiento, pero principalmente, como el desplazamiento afecta la identidad del desplazado. En este sentido toda la analice fue conducida a partir de la perspectiva de la persona desplazada. Como este comprende el proceso de desterritorialización, suyas expectativas, valores y miedos. De este modo, reforzase la importancia del contexto regional para la comprensión de la dinámica urbano-poblacional. Considerando la Geografía de los desplazamiento como categoría de analice y la representación social como teoría y método da de la Geografía del desplazamiento, trabajamos con entrevistas en profundidad, grupo focal y evocaciones libre. Donde se buscó comprender los componentes fundamentales de la representación, bien como su significación. Primero por el contexto discursivo y después, por el contexto social-considerando, en este caso, las influencias ideológicas y los medios en la representación social del sujeto desplazado. Para más, se destacase aun, el rigor estadístico de esta investigación con la utilización del software IRAMUTEQ en la analice cuantitativa de los datos textuales.

**Palabras llaves:** Desplazamiento, Representación social, Brasilia, Identidad.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01:</b>	Embaixada dos Estados Unidos, Brasília/ Distrito Federal.....	70
<b>Figura 02:</b>	Taguatinga Shopping, Pistão Sul, Taguatinga/ Distrito Federal.....	72
<b>Figura 03:</b>	Restaurante nordestino – Asa Norte, Brasília/ Distrito Federal.....	73
<b>Figura 04:</b>	Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional – Brasília/ Distrito Federal...	74
<b>Figura 05:</b>	Parque Recreativo do Gama/ Distrito Federal.....	75
<b>Figura 06:</b>	Estrada Parque Vicente Pires/ Distrito Federal.....	76
<b>Figura 07:</b>	Casa de apoio da Abrace, Guará/ Distrito Federal.....	78
<b>Figura 08:</b>	Museu do automóvel, Brasília/ Distrito Federal.....	79
<b>Figura 09:</b>	Lago Paranoá, a volta dos pescadores, Brasília/ Distrito Federal.....	80
<b>Figura 10:</b>	O quadrilátero do Distrito Federal e a questão Ambiental.....	82
<b>Figura 11:</b>	Bacia Hidrográfica do Lago Paranoá, Distrito Federal.....	84
<b>Figura 12:</b>	A cachoeira de Saia Velha, ponto turístico goiano procurado pelos brasilienses.....	85
<b>Figura 13:</b>	O pombal, Brasília/ Distrito Federal.....	86
<b>Figura 14:</b>	Estádio de futebol do Núcleo Bandeirante (Metropolitana), Nucleio Bandeirante/ Distrito Federal.....	87
<b>Figura 15:</b>	Museu de Anatomia da Universidade Católica de Brasília, Taguatinga/ Distrito Federal.....	88
<b>Figura 16:</b>	Memorial dos Povos Indígenas, Brasília/ Distrito Federal.....	89
<b>Figura 17:</b>	Avenida Paranoá, Paranoá/Distrito Federal.....	91
<b>Figura 18:</b>	Avenida São Sebastião, São Sebastião/DF.....	92
<b>Figura 19:</b>	Cidade Recanto das Emas, Distrito Federal.....	93
<b>Figura 20:</b>	Parquinho infantil da praça do DI, Taguatinga/ Distrito Federal.....	94
<b>Figura 21:</b>	Ginásio Nilson Nelson, Brasília/ Distrito Federal.....	95
<b>Figura 22:</b>	Praça Itajubá, Guará/ Distrito Federal.....	96
<b>Figura 23:</b>	Distrito Federal, terceiro maior consumo de embarcações do Brasil.....	97

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 24:</b>	A casa que nasci, no Maranhão.....	107
<b>Figura 25:</b>	As casas das minhas irmãs.....	108
<b>Figura 26:</b>	Minha casa de tijolo, construída no Maranhão.....	110
<b>Figura 27:</b>	Minha casa em Brasília.....	111
<b>Figura 28:</b>	O trabalho do meu pai na roça.....	112
<b>Figura 29:</b>	As quebradeiras de coco de babaçu.....	114
<b>Figura 30:</b>	O trabalho da minha mãe e minhas irmãs.....	115
<b>Figura 31:</b>	O sustento de muita gente.....	115
<b>Figura 32:</b>	Onde eu moro, o meu lugar.....	117
<b>Figura 33:</b>	O lago Paranoá, em Brasília.....	119
<b>Figura 34:</b>	O Congresso Nacional e o céu de Brasília.....	121
<b>Figura 35:</b>	Trajetos para o trabalho.....	122
<b>Figura 36:</b>	Lá na roça, na casa dos meus pais.....	123
<b>Figura 37:</b>	O trabalho dos meus pais na Bahia.....	124
<b>Figura 38:</b>	Grade de rapadura artesanal.....	125
<b>Figura 39:</b>	O rio Santo Antônio.....	126
<b>Figura 40:</b>	Quintal da casa da minha mãe.....	128
<b>Figura 41:</b>	Etapas do deslocamento I.....	142
<b>Figura 42:</b>	Etapas do deslocamento II.....	147
<b>Figura 43:</b>	Etapas do deslocamento III.....	150
<b>Figura 44:</b>	Etapas do deslocamento IV.....	152
<b>Figura 45:</b>	Etapas do deslocamento V.....	154
<b>Figura 46:</b>	Etapas do deslocamento VI.....	158
<b>Figura 47:</b>	Nuvem de palavras do grupo focal.....	160

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 48:</b>	Nuvem de palavras – Professor I.....	162
<b>Figura 49:</b>	Nuvem de palavras – Professor II.....	164

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro A</b>	Elementos da forma do conteúdo/ expressão.....	61
<b>Quadro B</b>	Quadrantes da Análise Prototípica.....	154

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Gráfico de Similitude das Reportagens do Correio Brasiliense: “Isto é Brasília” .....	100
<b>Gráfico 2</b>	Análise de Similitude: Deslocado I.....	143
<b>Gráfico 3</b>	Análise de Similitude: Grupo Focal.....	159
<b>Gráfico 4</b>	Análise de Similitude: Professor I.....	161
<b>Gráfico 5</b>	Análise de Similitude: Professor II.....	163
<b>Gráfico 6</b>	Dendograma de representação das classes.....	168
<b>Gráfico 7</b>	Análise de Similitude das entrevistas de profundidade.....	173
<b>Gráfico 8</b>	Análise de Similitude – Evocações Livres.....	176

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>ABRACE</b>	Associação Brasileira de Assistência às Famílias de Crianças Portadoras de Câncer e Hemopatias
<b>CF</b>	Constituição Federal
<b>CHD</b>	Classificação Hierárquica Descendente
<b>CL/DF</b>	Câmara Legislativa do Distrito Federal
<b>CODEPLAN</b>	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
<b>DER</b>	Departamento de estrada e Rodagens
<b>DF</b>	Distrito Federal
<b>EPB</b>	Estudo dos Problemas Brasileiros
<b>EPNB</b>	Estrada Parque Núcleo Bandeirante
<b>EPTG</b>	Estrada Parque Taguatinga
<b>EPVP</b>	Estrada Parque Vicente Pires
<b>IAPI</b>	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários
<b>IHGDF</b>	Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal
<b>IPGH</b>	Instituto Pan-americano de Geografia e História
<b>LO/DF</b>	Lei Orgânica do Distrito Federal
<b>LO/DF</b>	Lei Orgânica do Distrito Federal
<b>PDAD</b>	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio
<b>RA</b>	Região Administrativa
<b>RIDE/DF</b>	Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal
<b>RS</b>	Representações Sociais
<b>SCIA</b>	Setor Complementar de Indústria e Abastecimento
<b>SIG</b>	Sistema de Informação Geográfica
<b>TRS</b>	Teoria de Representação Social
<b>UCE</b>	Unidades de Contextos Elementares
<b>UCI</b>	Unidades de Contextos Iniciais

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>23</b>
<b>1 GEOGRAFIA DOS DESLOCAMENTOS: TRABALHO, MEMÓRIA E PERSPECTIVAS</b> .....	<b>23</b>
1.1 <i>A questão da migração: Uma breve revisão</i> .....	26
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>37</b>
<b>2 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL COMO TEORIA E MÉTODO DA GEOGRAFIA DOS DESLOCAMENTOS</b> .....	<b>38</b>
2.1 <i>Deslocamentos: Entre a saída e a chegada – A travessia</i> .....	39
2.2 <i>A busca pelo sujeito da Geografia: Contribuição das Representações Sociais para a pesquisa geográfica</i> .....	43
2.3 <i>Por uma Geografia dos Deslocamentos</i> .....	49
<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>53</b>
<b>3 OS CAMINHOS DA PESQUISA: ENTRE O DIÁLOGO E A RESSIGNIFICAÇÃO DA CATEGORIA SUJEITO</b> .....	<b>54</b>
<b>CAPÍTULO IV</b> .....	<b>64</b>
<b>4 BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL E PLANO PILOTO: DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS À PRODUÇÃO DE SENTIDOS</b> .....	<b>65</b>
4.1 <i>Brasília, entre a mídia e as preferências individuais</i> .....	66
4.2 <i>Os imperativos institucionais</i> .....	102
4.3 <i>Os Imperativos Existenciais: Entre Afetos, Memórias e Percepções</i> .....	103
<b>CAPÍTULO V</b> .....	<b>130</b>
<b>5 GEOGRAFIA DOS DESLOCAMENTOS: BRASÍLIA E DISTRITO FEDERAL NA PERSPECTIVA DO MIGRANTE</b> .....	<b>131</b>
5.1 <i>As etapas do deslocamento: Entre idas, vindas e retornos</i> .....	133
5.2 <i>As etapas do deslocamento: Expectativa de melhoria de vida</i> .....	144
<b>CAPÍTULO VI</b> .....	<b>165</b>
<b>6 QUEM FALA, DE ONDE FALA, SOBRE O QUE FALA: RESULTADOS</b> .....	<b>166</b>
6.1 <i>Entrevista de profundidade</i> .....	167
6.2 <i>Análise das classes</i> .....	168
6.3 <i>Análise de Similitude</i> .....	171
6.4 <i>EVOCAÇÕES</i> .....	173
<b>À GUIA DE CONCLUSÃO</b> .....	<b>178</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>181</b>

<b>APÊNDICE</b> .....	<b>196</b>
<b>A – ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	<b>197</b>
<b>B – TERMO DE CONCESSÃO DE INFORMAÇÕES</b> .....	<b>202</b>



# INTRODUÇÃO

*Nada a poderia perturbar mais do que olhar para fora  
e aguardar de fora respostas a perguntas  
a que talvez somente seu sentimento mais íntimo  
possa responder na hora mais silenciosa.  
(Rainer Maria Rilke)*



## INTRODUÇÃO

As questões que me motivaram a buscar novos enfoques teórico-metodológicos se tornaram perceptíveis durante a conclusão da dissertação de mestrado, quando fui questionada sobre o motivo de considerar Brasília como sendo o Plano Piloto em conjunto com as Regiões Administrativas, conhecidas, por muito tempo, como “Cidades-Satélites” do Distrito Federal.

A princípio, essa não foi uma preocupação, pois era assim que grande parte dos moradores do Distrito Federal se referiam ao local onde residem. Por certo, acreditei que pudesse ter sido influenciada a conceber Brasília, Plano Piloto e Distrito Federal de forma destoante do que a legislação prevê.

Como trabalhei o migrante e a formação de territórios no Distrito Federal, tendo a Estrutural/SCIA, uma Região Administrativa do Distrito Federal, como o meu objeto de estudo, passei a questionar se a minha inclinação de migrante/ deslocado não era o que me fazia “separar” Brasília, Distrito Federal e “Cidades-Satélites”, visto que esta era a mesma percepção que todos os participantes da pesquisa do mestrado apresentavam. Surpreendentemente, surge uma questão problematizadora que deu origem a esta tese, pois percebi que o tema mereceria uma análise mais acurada, pois é polêmico e haviam questões a serem discutidas.

Assim, na busca de respostas (não verdades absolutas), estruturei esta tese, no campo da Geografia, a partir de uma reflexão teórico-metodológica interdisciplinar e plurimetodológica<sup>1</sup>, em que procuro as Representações Sociais (RS) dos deslocados, residentes no Distrito Federal, que têm suas histórias amalgamadas à história de Brasília, especialmente no que tange às questões:

- Como o brasiliense entende o Distrito Federal e sua divisão político-administrativa?
- Como o migrante, agora residente no Plano Piloto e nas demais Regiões Administrativas apreendem o Distrito Federal e sua divisão político-administrativa?

---

<sup>1</sup> Conforme ABRIC (2001).

- O deslocamento pode, de alguma forma direcionar o posicionamento dos entrevistados sobre a percepção e apreensão de Brasília e do Distrito Federal?
- Com base em quê, os moradores justificam as formas de compreensão que apresentam sobre Brasília e o Distrito Federal?
- É possível afirmar que as mídias locais influenciam os posicionamentos dos moradores do Distrito Federal?

Nesse contexto, a abordagem proposta é oportuna e se justificou quando reconhecemos a importância das redes de pesquisadores, centros, núcleos e grupos de pesquisa que têm se dedicado ao tema das migrações (deslocamentos e mobilidades), isso porque as mobilidades sociais são fenômenos relevantes tanto na perspectiva histórica como contemporânea (BAENINGER et al., 2012). Todavia, tão importante quanto revisar conceitos e tipologias de deslocamentos é direcionar o foco dos estudos ao sujeito, como eles tratam subjetivamente das suas experiências de viver entre espaços sociais e tempos diferenciados (MARTINS, 1986).

Para tanto, este trabalho foi estruturado em seis capítulos, sendo o, que o *Capítulo I*, intitulado “*Geografia dos Deslocamentos: Trabalho, memória e perspectiva*”, traz uma breve revisão da questão migratória, ressaltando importantes colaborações de pesquisadores, especialmente brasileiros, uma vez que as migrações internas têm papel relevante, tanto na distribuição espacial da população, quanto na constituição dos mercados de trabalhos urbanos. Além disso, porque é na área urbana que os sujeitos desta pesquisa se encontram.

O *Capítulo II*, com o título “*A Representação Social como Teoria e Método da Geografia dos Deslocamentos*”, apresenta um aporte teórico-metodológico consistente no campo da Psicologia Social, que se apresenta como indispensável para o entendimento do sujeito. Por outro lado, estabelece as principais orientações e possibilidades da Teoria da Representação Social (TRS) para esta pesquisa, que foi estruturada com base nas categorias geográficas (espaço, território e lugar), que são socialmente construídas.

Já o *Capítulo III*, tem como título “*Os caminhos da pesquisa: Entre o diálogo e a resignificação da categoria sujeito*”, apresenta os percursos metodológicos da pesquisa, aqui, apontando os caminhos que utilizamos,

desde a escolha da imagem como recurso metodológico, até a decisão de quantificar os elementos textuais obtidos por meio de entrevistas em profundidade, entrevistas em grupo focal, além de técnicas de evocações livres.

Todas as escolhas metodológicas foram pensadas para não descuidarmos da diversidade e da subjetividade humanas porque a tarefa de estabelecer ligações entre fenômenos já é enormemente complexa. Entretanto, numa visão mais ampla, é sabido que atitudes e crenças não podem ser excluídas, nem mesmo da abordagem prática, pois é comum reconhecer as paixões humanas em qualquer cálculo, uma vez que elas não podem ser excluídas da abordagem teórica. Como sugere Tuan (2012, p.16), “É preciso compreender o sujeito em sua profundidade e não, simplesmente mapeá-lo”.

O *Capítulo IV*, por sua vez, intitulado “*Brasília e Distrito Federal: Das práticas discursivas à produção de sentido*” apresentamos algumas questões institucionais que “tecnicamente” nos impediriam de utilizar os termos Brasília e Distrito Federal de forma equivocada, considerando toda uma legislação existente, incluindo o decreto de exclusão do termo cidade-satélite. Destaca-se ainda, uma breve análise de reportagens locais para apreendermos a influência da mídia na Representação Social dos sujeitos.

Ademais, as questões existenciais – afetos, memória e percepção aparecem ainda neste capítulo, todavia as análise e discussão se dão por meio das imagens produzidas pelos sujeitos desta pesquisa.

Já o *Capítulo V*, traz a “*Geografia dos Deslocamentos: Brasília e Distrito Federal na perspectiva do migrante*”. Neste, todo o conteúdo é resultado das entrevistas realizadas ao longo da pesquisa. Nesse sentido, o sujeito é protagonista.

O *Capítulo VI*, intitulado “*Quem fala, de onde fala, sobre o que se fala*”, traz a discussão da análise quantitativa dos elementos textuais. Embora esse tenha sido um objetivo da pesquisa, por preciosismo, resolvemos tratar os dados qualitativos quantitativamente e nesse capítulo estão dispostos os resultados.

Nesse sentido, a proposta, então, é contribuir com os estudos geográficos sobre a temática do deslocamento. No entanto, esta análise foi conduzida a partir do ponto de vista do sujeito deslocado (migrante). Como

este compreende o processo de desterritorialização, suas expectativas, valores e temores. Deste modo, será reforçada neste estudo a importância do contexto regional para a compreensão da dinâmica urbano-populacional.

Assim, o centro de análise desta tese é o deslocamento populacional enquanto processo, como o deslocado apreende e vivencia o fenômeno do deslocamento, mas sobretudo, como o deslocamento altera a identidade de quem desloca.

# CAPÍTULO 1

*“Tudo que corre já será passado,  
porque somente o que faz jazida se abre para o nosso entendimento”.*  
*(Rainer Maria Rilke)*



## CAPÍTULO I

### GEOGRAFIA DOS DESLOCAMENTOS: TRABALHO, MEMÓRIA E PERSPECTIVAS

Por muito tempo, a questão dos deslocamentos internos da população brasileira foi vista apenas como uma consequência da “fatalidade das secas”, que assolam periodicamente uma área considerável da região nordeste, conhecida como “polígono das secas”. Nesse contexto, o fenômeno era visto exclusivamente sob o prisma da natureza, dentro de uma perspectiva exclusivamente determinista. Sendo assim, tratava-se de uma questão sem solução (LESSA; ARAÚJO SOBRINHO, 2014).

Ultrapassada a visão limitada sobre um fenômeno tão mais profundo, os deslocamentos da população brasileira passaram a ser acompanhados por importantes institutos de pesquisas e renomados estudiosos brasileiros das mais diversas áreas de formação, que concentraram esforços em trabalhar o tema em escala local, regional e nacional. Todas as escalas, num mesmo grau de importância, são fundamentais para compreensão dos deslocamentos empreendidos pela população brasileira ao longo dos tempos (LESSA; ARAÚJO SOBRINHO, 2014).

Nas últimas décadas, as questões migratórias no Brasil deixaram de convergir ao clássico movimento rural-urbano que durante as décadas de 50 e 60 mobilizou amplamente os estudos nesta área. Os movimentos inter-regional, intra-regional, internacional, pendular (*commuting*) e sazonal passaram a ser analisados como múltiplas faces de um mesmo fenômeno demográfico, que por sua vez, despontou e ganhou importância qualitativa e quantitativa em virtude das transformações ocorridas nos âmbitos econômico, social e político tanto em escala nacional quanto internacional (CUNHA, 2005, p.3).

É sabido e consensual que as migrações internas têm papel relevante, tanto na distribuição espacial da população, quanto na constituição dos mercados de trabalhos urbanos (KOUCHER, 2014, p. 178). Todavia, é fundamental compreender os aspectos mais importantes no processo de migrações internas, que FAISSOL (1994, p. 261), denominou – “mecanismo de

migração por etapas”. A migração campo – cidade, a primeira etapa é caracterizada pelo deslocamento intramunicipal e de curta distância, atributo da maioria dos movimentos populacionais ocorridos no Brasil até a década de 70 do século XX. A segunda etapa é caracterizada pela migração de destino urbano, cidade – cidade, com foco em cidades centrais (KOUCHER, 2014).

A questão da urbanização, sempre atrelada ao fenômeno do deslocamento, foi concebida como algo irreversível e imutável. Segundo CUNHA (2005, p. 3), isso se deveu ao fato de que os indicadores utilizados nas análises de dados eram moldados para esse fim. Todavia, a urbanização é ressignificada, a partir do surgimento de novas formas de assentamentos humanos, como resultado de mudanças consistentes nas relações econômicas e sociais entre o rural e o urbano, que pode ser verificado, em estudos correspondentes, em escala internacional (CHAMPION, 2003; CUNHA, 2005).

Segundo KOUCHER (2014), até a década de 1970, o aspecto mais marcante da estruturação do espaço urbano brasileiro foi a concentração progressiva e acentuada da população em cidades cada vez maiores, e as migrações internas constituíram-se, no principal componente desse processo. Já na década de 1990, trabalhos de importantes pesquisadores assinalaram o início de um processo de irradiação populacional, que reverteu o modelo concentracionista verificado nas principais regiões brasileiras, até os anos de 1970 (AZZONI, 1995; BAENINGER, 1998; MARTINE, 1995; DINIZ, 1991; SANTOS, 1993; KOUCHER, 2014).

Na fase inicial da urbanização, as tendências à concentração econômica e populacional costumava atingir poucos espaços. Segundo KOUCHER (2015, p. 178), com o inchamento desses polos, naturalmente a dispersão começa a evidenciar-se atingindo espaços regionais diversos, constituindo um processo de reestruturação do espaço urbano nas principais regiões metropolitanas do Brasil (GUIMARÃES NETO, 1995; MARTINE, 1995; SANTOS, 1994; KOUCHER, 2014).

O resultado da dispersão populacional configura a reestruturação paulatina do espaço urbano brasileiro, que se expressa pela multipolarização das atividades econômicas, no que se refere à localização espacial, pela diminuição do crescimento populacional, especialmente nos grandes centros



urbanos e, outrossim, pela formação de novos centros regionais, que remodela o padrão concentrador das metrópoles (KOUCHER, 2014, p. 179).

Nesta circunstância, a análise migratória assinala a emergência de uma nova organização espacial das atividades econômicas. Ademais, configuraram uma nova problemática em relação à abordagem do processo de deslocamento populacional. Assim, tanto os problemas decorrentes dos deslocamentos, quanto os motivos que levaram a população a se deslocar, não poderiam ser considerados, analisados e entendidos como se fossem fatos isolados, mas como resultado de arranjos políticos, econômicos e culturais que resultam em fortes questões sociais – um campo rico para encontro com o *sujeito da Geografia*.

Os deslocamentos não são os mesmos ao longo dos tempos, nem obedecem aos mesmos parâmetros. Todavia, arrisco-me a afirmar que as questões históricas e socioeconômicas, de alguma forma, os orientam. A esse respeito, é necessário identificar a face figurativa do deslocamento (aspecto aparente, visual – o que vira notícia) e a face simbólica (o sentido, a representação do sentimento, que só pode ser expresso subjetivamente).

Assim, considerar a Geografia dos Deslocamentos como a responsável pela análise do processo da mobilidade humana, em que o “espaço relacional” faz das culturas uma reflexão sobre o mundo vivido, é entre outras coisas, conjecturar as Inter-vivências e as experiências como fatores que modelam o presente. Nesse sentido, a Geografia dos Deslocamentos forma-se uma abordagem das ações humanas na identidade dos sujeitos que criam, recriam e transformam a identidade do lugar, e sua própria identidade, sempre mediados pela significação e percepção do mundo (PAULA, 2009, p.28).

Os deslocamentos são concebidos nas relações humanas e através delas, que por sua vez, ocorrem por meio de um referencial dialógico carregado de subjetividade e alteridade em meio aos desdobramentos espaciais. Segundo Paula (2009), as relações vividas podem ser consideradas na perspectiva “do habitar o lugar”, uma vez que as relações vividas e vivenciadas apresentam e representam na realidade socioespacial, perpassando as teorias e modelos. Uma vez que os símbolos e o imaginário

formam a identidade, que por sua vez, ganha forma e conteúdo concreto a partir da experiência do deslocamento.

Assim, com as cidades de porte médio constituindo uma importante parcela do dinamismo econômico regional, a análise do fenômeno migratório ganhou novas especificidades: mudaram a direção, a intensidade e, principalmente, a composição dos movimentos (KOUCHER, 2014, p.180).

### **1.1 A questão da migração: Uma breve revisão**

Nos discursos sobre o subdesenvolvimento, o fenômeno da migração tem sido considerado um elemento secundário de análise. A maior preocupação atinha-se ao crescimento vegetativo, natural. Nos anos de 1960, o crescimento natural aparece com importância secundária em relação à análise da migração (DAMIANI, 1997).

A migração como área de conhecimento foi fortemente ignorada pelos autores clássicos das principais ciências sociais, no contexto histórico em que estas se constituíram e consolidaram. Segundo PEIXOTO (2004, p. 03), “a história disciplinar das teorias das migrações é, em vários aspectos atribulada”. Os fluxos migratórios ganharam grande importância na Europa do final do século XIX e início do século XX, seja sob a forma de intensos movimentos internos, dirigidos dos campos para as cidades, seja de forma transoceânicas – que permitiu “libertar parte do êxodo rural e povoar os novos continentes”. Todavia, apesar da grande importância na composição social e cultural dos territórios, o tema da migração ocupou posição marginal para a maioria dos autores que se ocuparam desse contexto (PEIXOTO, 2004, p. 03).

Ressalte-se ademais, que durante o século XX, as ligações disciplinares das teorias sobre migrações também não ficaram evidentes. Sublinha-se que o tema da migração não surge como uma ciência, mas uma área de interesse comum. Entre as várias disciplinas, a Geografia lhe tem dado mais atenção, decerto pelos vínculos comuns com o espaço, bem como, ao fato de muitos geógrafos utilizarem contributos teóricos oriundos de outras ciências sociais, que é lugar comum entre os estudiosos da migração (PEIXOTO, 2004).

Segundo PEREIRA e FILHO (2012, p.1), os processos migratórios sempre tiveram papel relevante na composição sociocultural do território, sendo esses, assunto de grande importância para os estudos da Geografia. Para tanto, é importante se compreender a justificativa para a existência dos fenômenos migratórios, como sugere DAMIANI (2001, p. 39), “a discussão da migração tem um caráter estratégico no desenvolvimento da relação entre a dinâmica populacional e o processo de acumulação do capital, para além da concepção de crescimento natural – a do excesso de nascimentos sobre mortes”.

Para mais, considerando o histórico dos estudos sobre migração, que não é o objetivo desta tese, desnuda-se uma questão importante – o pioneirismo da Geografia nos estudos da migração, ressaltada também por PEIXOTO (2004), que o único autor considerado clássico deste tema é RAVENSTEIN<sup>2</sup> – geógrafo e cartógrafo inglês que é reiteradamente, a principal referência da teoria migratória, citado em trabalhos de diversas áreas de conhecimento. No final do século XIX, Ravenstein elaborou as “leis das migrações” em dois textos, discorrendo sobre os fluxos internos e internacionais. É importante salientar que os estudos de Ravenstein são primários, uma dedução teórica baseada na realidade empírica, mas isso não minimiza o seu caráter precursor e notório no estudo do tema (PEIXOTO, 2004, p. 04).

Para KOUCHER (2014, p. 179), o entendimento do fenômeno migratório é de grande importância para a compreensão do processo de acúmulo de capital, uma vez que os fluxos possuem um sentido de saída de áreas pouco influentes em direção às áreas de maior expressividade. Os chamados polos de desenvolvimento, com maior relevância estratégica no espaço nacional, que tinham como características básicas a concentração das atividades econômicas e o acentuado crescimento populacional são áreas que continuam a atrair fluxos migratórios, por se tratar de áreas de maior dinamismo econômico.

Um aspecto considerável da reestruturação do espaço urbano brasileiro, por exemplo, foi a concentração progressiva e acentuada da

---

<sup>2</sup> As produções de Ravenstein datam de final do século XIX e início do século XX.

população em cidades cada vez maiores, em que as migrações internas se constituíram como o principal componente desse processo. Outrossim, o deslocamento é o fenômeno mais importante dos movimentos de concentração e dispersão próprios da dinâmica espacial urbana. Segundo PEIXOTO (2004, p. 8), a natureza aberta das fronteiras disciplinares dos estudos sobre migrações favorece, de forma clara, a sua ligação aos temas da sociologia econômica e urbana.

No que tange aos deslocamentos populacionais internos do Brasil, CUNHA e BAENINGER (2000, p. 17), afirmam:

[...] áreas antes de grande atração populacional, como eram os casos dos estados do Centro-Oeste ou de Rondônia, experimentaram forte arrefecimento de sua imigração. O mesmo se passou com a grande área de atração migratória do Brasil, São Paulo, que registrou uma queda acentuada em seus volumes de imigrantes; muitos desses migrantes deixaram de sair de estados tradicionalmente expulsos de população, como Minas Gerais e Paraná, configurando, provavelmente, um redirecionamento dos fluxos para dentro de seus próprios estados. Quanto ao Nordeste, em particular os estados como Ceará, Pernambuco e Bahia, os dados mais recentes mostraram que, mesmo com um pequeno declínio, os volumes de emigração continuaram em níveis elevados, tendo inclusive aumentado no caso do último estado. Apesar da continuidade dessa tendência, o fenômeno novo que se pode observar para a região refere-se ao aumento sem precedentes de sua imigração, grande parte fruto de um movimento de retorno. Essa aparente contradição, em termos do processo migratório, envolvendo o Nordeste, foi sem dúvida umas das grandes questões emergentes da realidade migratória nacional.

Contudo, KOUCHER (2014, p. 180), afirma que as migrações não podem ser vistas apenas como simples movimentos no espaço, um “ir e vir de um lugar para outro”. A esse respeito, GUIDDENS (1989) afirma que a vida social se dá por interseções de presença e ausência, daí a necessidade de se explicar o deslocamento populacional espacial e temporalmente.

Todavia, entre a “presença” e a “ausência” se encontram as percepções, vivências de sujeitos que têm suas vidas, suas identidades transformadas, modificadas a partir de um relevante fenômeno demográfico, de importância anunciada por renomados pesquisadores, como PATARRA e PACHECO (1997), que destacam a relevância dos estudos dos deslocamentos populacionais:

Essa importância crescente dos estudos e análises sobre movimentos populacionais deve-se, em parte e sob a ótica da produção demográfica, a uma tendência de convergência dos níveis de fecundidade e mortalidade que, pouco a pouco, vai envolvendo maiores contingentes populacionais e ampliando-se para espaços diversos quanto a suas características gerais de condições econômico-sociais. (PATARRA & PACHECO, 1997, p. 25).

Para as autoras, trata-se de uma tendência que reflete quedas acentuadas nas taxas de crescimento populacional como ocorreu no Brasil depois dos anos de 1970, com a redução da taxa de natalidade, entendida como reflexo do intenso processo de urbanização pelo qual o país passara. Para mais, “tornam-se mais nítidas as disparidades da alocação da população no espaço”, bem como as transformações decorrentes dos movimentos migratórios intensos, variados e em crescente diversidade, que transformam a dimensão da dinâmica demográfica, fundamental para a reflexão sobre as relações entre população, desenvolvimento econômico e social (PATARRA e PACHECO, 1997, p. 25).

Segundo PATARRA e PACHECO (1997, p.15), os movimentos migratórios marcados pela condição de pobreza passaram a mesclar-se com fluxos migratórios de populações de renda média e alta. Destacam ainda os deslocamentos de uma população envelhecida, que as autoras afirmam ser fruto de alterações observadas no perfil demográfico da população brasileira. Todavia, é importante destacar que os motivos que levam um sujeito a se deslocar são os mais diversos. De acordo com DEZAN (2007), a humanidade registra iterados deslocamentos populacionais em diversas épocas. Segundo PEREIRA e TUMA FILHO (2011, p. 280):

O desenvolvimento econômico e cultural no Brasil está atrelado ao fenômeno das migrações que vão se apresentar como característica fundamental a ser analisada quando estudamos a evolução de uma determinada região. Esses movimentos populacionais são determinantes em território brasileiro apresentado nas miscigenações que temos em nosso país.

Muitos dos padrões migratórios considerados emergentes constituem modalidades de deslocamentos populacionais já configurados em outro contexto histórico. Conforme PATARRA & PACHECO (1997), as

alterações nos fluxos migratórios, mudança dos fatores de atração e de expulsão, diferenças na seletividade dos migrantes e dos grupos sociais envolvidos, aumento das migrações de retorno, circularidade dos movimentos, manutenção de movimentos sazonais e temporários têm sempre como pano de fundo questões relativas a excedente populacional. No entanto, é fundamental considerar as motivações econômicas e sociais, que configuram os processos migratórios ao longo do processo de desenvolvimento socioeconômico, como sugere JANSEN (1969, p. 60)

“A migração é um problema demográfico: influencia a dimensão das populações na origem e no destino; é um problema econômico: muitas mudanças na população são devidas a desequilíbrios econômicos entre diferentes áreas; pode ser um problema político: tal é particularmente verdade nas migrações internacionais, onde restrições e condicionantes são aplicadas àqueles que pretendem atravessar uma fronteira política; envolve a psicologia social, no sentido em que o migrante está envolvido num processo de tomada de decisão antes da partida, e porque a sua personalidade pode desempenhar um papel importante no sucesso com que se integra na sociedade de acolhimento; e é também um problema sociológico, uma vez que a estrutura social e o sistema cultural, tanto dos lugares de origem como de destino, são afectados pela migração e, em contrapartida, afectam o migrante”.

ÂNTICO (1997, p. 97) afirma que a década de 1980 pode ser caracterizada por marcantes alterações no processo de redistribuição espacial da população brasileira, uma vez que trouxe a necessidade de repensar as interpretações e formas de abordagem dos movimentos migratórios. A autora lembra ainda que estudos datados desse período perderam parte do potencial explicativo com as transformações do processo produtivo e da configuração dos espaços, bem como da dinâmica urbana em geral, pois:

O atual panorama diversificado dos deslocamentos populacionais – envolvendo a movimentação entre núcleos urbanos, o crescimento da busca por cidades médias, movimentos migratórios de distintos grupos sociais e em diferentes etapas do ciclo vital, movimentos pendulares, de retorno [...] – já não possibilita mais análises restritas às formulações puramente econômicas ou do tipo atração – expulsão. (ÂNTICO, 1997, p. 97).

Assim, as várias dimensões do processo migratório, incluindo a individual, envolvendo escolhas, estratégias e alternativas, adquirem papel

relevante para o seu entendimento. Porque, para ÂNTICO (1997), as razões para migrar deixaram de ser relacionadas exclusivamente a emprego, mas também, vislumbram acesso a serviços sociais, moradia e estudos.

Entretanto, as análises anteriores focavam nas características dos grupos que migravam, enquanto deixavam de lado as características do sujeito que se desloca, o que certamente motivou a crítica de SOUZA (2012, p. 148), ao afirmar que muitos estudiosos têm negligenciado o estudo dos produtores do espaço, em seus aspectos mais importantes. Isso ocorre, segundo ele, “mesmo nos casos em que abraçam uma perspectiva de crítica social, anticapitalista e em oposição ao Estado capitalista”.

No que se refere à Geografia, nem mesmo a ‘virada crítica’ do início dos anos de 1970 (ou especificamente no caso brasileiro, de fins dos anos 1970), trouxe consigo, de imediato, uma superação da centralidade conferida à ‘visão de sobrevoo’. Ainda que ‘crítica’ [...], essa ‘Geografia nova’, predominantemente influenciada por um marxismo de tipo estruturalista, superenfatizava as estruturas em detrimento dos agentes, a economia e o trabalho em detrimento do imaginário [...]. Não é à toa, por conseguinte, que o capital e o Estado foram privilegiados, como objetos de estudo, em comparação com os movimentos sociais. (SOUZA, 2007, p.148)

SOUZA (2012) sugere ainda, que trabalhar a questão urbana não é tratar da relação entre as coisas apenas, mas, sobretudo, de relações e práticas sociais, o que exige do estudioso levar em conta muito mais profundamente os homens e as mulheres concretos, suas expectativas, seus valores, temores, e, claro, suas palavras. Levar em conta o que na maioria das vezes é oculto e invisível.

MARTINS (2003, p.12-13) trata do *sujeito vivencial*, “aquele que se propõe como sujeito nas ocultações próprias do processo social, que se manifesta não no pretendido e no não esperado, o sujeito cuja visibilidade depende das revelações da análise sociológica”. E, no caso da presente tese, também da análise geográfica.

Segundo MARTINS (2003, p.12), “não é João, não é José, [...] não é sem fé”. É o sujeito que surpreende e contraria quando sua verdade social se manifesta em contradição com o desenho ideológico que lhe imputam os que dele esperam conduta diversa, é o “*sujeito vivencial*” – é o “sujeito cuja visibilidade depende das revelações da análise sociológica”.

Assim, ao migrar, as vivências no novo contexto terão o *habitus* incorporado como o pano de fundo que balizará as relações com o local de chegada e também com lugar de origem. Para tanto, o conceito de *habitus* para efeito desta tese, é conforme o proposto por SETTON (2002):

Concebo o conceito de *habitus* como um instrumento conceptual que me auxilia pensar a relação, a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos. Trata-se de um conceito que, embora seja visto como um sistema engendrado no passado e orientando para uma ação no presente, ainda é um sistema em constante reformulação. *Habitus* não é destino. *Habitus* é uma noção que me auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. *Habitus* como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. Embora controversa, creio que a teoria do *habitus* me habilita a pensar o processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo. (SETTON, 2002, p. 61)

Isto é, ao vivenciar a migração, os homens e as mulheres fazem-na tendo em vista a ancoragem nas categorias de ação e percepção previamente internalizadas, o que poderá redundar na transformação, ressignificação e, talvez, até mesmo na manutenção de elementos constituintes dessa categoria que denominamos – Geografia dos Deslocamentos. Haja vista que a análise de uma realidade tão complexa como é o deslocamento populacional, cuja amplitude escapa aos objetivos desta tese, pode-se destacar os impactos do desenvolvimento econômico na sociedade em função dos desníveis de produtividade, da realocação de recursos, de novos mercados, de tipos de circulação de mercadorias e serviços e, conseqüentemente, da distribuição geográfica dos recursos humanos (MARTINELLI; SMELSER, 1990).

As formas de mobilidade são difusas nos espaços e no tempo. Nesse sentido, estudar os espaços em uma perspectiva temporal permite compreender as transformações socioeconômicas, as dinâmicas migratórias e suas implicações na vida dos sujeitos que as vivencia, uma vez que o sentimento de ausência é um importante constituinte da experiência do migrante.



Segundo SANTOS (2012, p. 63) “a expansão do chamado capital técnico-científico leva à expulsão de um grande número de residentes tradicionais e à chegada de mão de obra de outras áreas”. Independentemente do caso, há sempre um deslocamento: primeiro, do mercado de trabalho e, em seguida, o deslocamento geográfico, conduzindo os trabalhadores e/ou proprietários a migrarem para outras áreas.

SINGER (1980, p. 217), por sua vez afirma que “as migrações são sempre historicamente condicionadas, sendo o resultado de um processo global de mudanças, do qual elas não devem ser separadas”. Para ele, a organização espacial das atividades econômicas é motivada pela industrialização, que solicita os insumos necessários à produção, como infraestrutura, energia, sistemas de transporte, comunicação e mão-de-obra (população).

Nesse sentido, o surgimento de Brasília como polo de desenvolvimento dá início a uma importante fase no processo de ocupação do território na Região Centro-Oeste, com a implantação da modernização conservadora com base na lavoura comercial para exportação, que tem a sua origem na década de 1960. Ressalte-se, que a urbanização ganhou intensidade como o deslocamento em massa de população rural em direção ao tão falado “polo de desenvolvimento”. Nesse ínterim, o assalariamento e a migração campo–cidade vêm formar o mercado interno brasileiro (FERREIRA, 2010, p. 47).

Segundo MARTINS (1994, p. 42), a distribuição da população sobre o território reflete as características dos ciclos econômicos. A relação entre a produção econômica e os deslocamentos populacionais no Brasil, foi influenciada durante longos ciclos exportadores. KOUCHER (2014), afirma que o início de cada ciclo econômico alterava a direção dos movimentos populacionais, e também, o cenário sócio demográfico de cada região. Nos anos de 1950, com a interligação das estradas de rodagem e a construção das redes de comunicação, viabilizou-se a completa integração regional do território brasileiro, intensificando os fluxos populacionais.

Salienta-se, que a partir da década de 1990, estudos já apontavam para o início de um processo de desconcentração espacial da população no contexto metropolitano brasileiro. Como declara KOUCHER (2014, 192):

A desconcentração e a expansão das primeiras áreas metropolitanas, definidas [...] como um processo de desmetropolização, onde contribuíram para o surgimento, no final dos anos 90, de uma nova metropolização, significativamente diferente da anterior, já que emergiu da dispersão populacional, que veio a reafirmar o processo de desconcentração do espaço urbano regional do Brasil.

Na medida em que o Brasil se integrava à ordem internacional como nação subdesenvolvida industrializada, o alargamento da base territorial de complementação ao parque industrial do Sudeste mostrava-se de extrema importância. Buscou-se, então, no novo modelo de desenvolvimento, concentrar funcionários públicos e criar um mercado urbano consumidor numa área de tênue inserção ao sistema (OLIVEIRA, 1983; FERREIRA, 1985; FARRET, 1985)

Entretanto, no caso de Brasília, as indústrias (detentoras de postos de trabalho) não migraram para as periferias como era comum nas metrópoles. Isso fez com que os trabalhadores, residentes de áreas distantes, tivessem de se deslocar por longos períodos a fim de exercerem a sua função ligada à reprodução da força de trabalho. Segundo KOWARICK (1979), embora se tratando de um outro contexto, pode ser utilizado para a compreensão da realidade espacial do Distrito Federal, quando afirma que o custo social da habitação periférica foi muito alto, com a extrema deterioração das condições de vida da classe trabalhadora. Longas horas passadas em meios de transporte precários, perda de horas de descanso utilizadas na construção de seus barracos constituem-se numa das muitas facetas da “espoliação urbana” (PELUSO, 1983).

Contrariamente a isso, no espaço finito e fechado do Plano Piloto, envolto por extensas áreas verdes de posse do governo, estava tudo o que era necessário para o bem-estar de seus moradores e para a função de Capital federal. As mazelas dos grandes centros seriam afastadas dessa cidade burocrática, tranquila e planejada. Encarregado de não permitir deturpações no Plano, a administração garantiria a equidade, a beleza e a harmonia, atuando neutra e racionalmente (PELUSO, 1983).

[...] a periferia próxima ao centro – Plano Piloto – foi satelitizada, vivendo em função do mesmo, suplementando-o naquelas atividades que a seletividade expulsou, inclusive no que se refere ao atendimento do contingente populacional local e da periferia próxima e mais distante [...] A periferia mais distante (dentro do DF e nos seus limites externos) concentra a

população periférica e as atividades ligadas a esse mercado de subsistência: subúrbios dormitórios. (FERREIRA, 2010, p. 50).

Diante do exposto, é possível afirmar que a produção espacial de Brasília se dá por meio de duas forças concomitantes – uma que polariza e centraliza, e outra que exclui e periférica as pessoas. Tem-se, então, de um lado, o centro com funções estabelecidas, e de outro, a periferia desestruturada e fragmentada territorialmente, que por sua vez, abriga tanto a população quanto as atividades excluídas do centro (FERREIRA, 2010; LESSA & ARAÚJO SOBRINHO, 2014).

Ressalte-se também que tanto a preservação do plano urbanístico da cidade-patrimônio quanto a valorização da terra urbana fizeram com que os pobres, num processo de segregação socioespacial compulsório, fossem excluídos do perímetro valorizado e planejado. Como consequência disso, começam a surgir as periferias, paralelamente à implantação da cidade-polo, que passa a ser segmentada em classes e fragmentada espacialmente.

Assim, o Distrito Federal desenvolveu uma estrutura social de dupla natureza que se consolida numa rapidez inimaginada pelos idealizadores da nova capital. Segundo NUNES (1996, p.13), “Brasília reflete em seu espaço a sensação de uma ‘ilha da fantasia’, ao lado da face mais cruel da urbanização que segrega os menos influentes”.

Nesse contexto de segregação, surgem as chamadas cidades – satélite ou Regiões Administrativas (RAs) do Distrito Federal, compostas por uma grande massa de migrantes que se instalaram e ainda se instalam em condições precárias, na tentativa de se beneficiar da promessa de acesso à moradia e aos equipamentos de saúde e educação de qualidade.

A expansão da população brasiliense pelos municípios vizinhos, o chamado “Entorno do DF” configurou uma verdadeira área metropolitana estruturada ao redor da Capital federal, formada por núcleos urbanos destinados à moradia da classe assalariada, “expulsa” para os anéis externos pela falta de política habitacional, pela especulação imobiliária e pela pauperização continuada a que se submetem os periféricos. (PAVIANI, 1996, p. 52).

Essa breve revisão da criação de Brasília se faz necessária uma vez que é nesse contexto de urbanização que se dá o marco da imigração no

Distrito Federal. FOUCAULT (2012), auxilia a compreender o contexto analisado, quando afirma:

(...) Mas o importante é que a história não considera um elemento sem definir a série da qual ele faz parte, sem especificar o modo de análise da qual esta depende, sem procurar conhecer a regularidade dos fenômenos e os limites de probabilidade de sua emergência, sem interrogar-se sobre as variações, as inflexões e a configuração da curva, sem querer determinar as condições das quais dependem. Certamente a história há muito tempo não procura mais compreender os acontecimentos por um jogo de causas e efeitos na unidade informe de um grande devir, vagamente homogêneo ou rigidamente hierarquizado; mas não é para reencontrar estruturas anteriores, estranhas, hostis ao acontecimento. É para estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o “lugar” do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição. (FOUCAULT, 2012, p.53)

Diante do exposto, e, preocupada com os requisitos conceituais que deverão ser atendidos para suprir a fundamentação teórica desta tese, bem como a arquitetura lógica do enunciado, busquei a essência dentro do fenômeno do deslocamento a partir da Representação Social do deslocado.

## CAPÍTULO 2

*É tão novo, tão inexperiente ainda perante as coisas,  
que desejaria pedir-lhe, o melhor que soubesse,  
uma grande paciência, para tudo que ainda não estiver resolvido em seu coração  
Esforce-se para amar as suas próprias dúvidas como se cada uma delas fosse um  
quarto fechado, um livro escrito em língua estrangeira.  
Não procure, por enquanto, respostas que não lhe podem ser dadas,  
porque ainda não saberia pô-las em prática, vivê-las.  
E trata-se, precisamente de viver tudo.  
De momento, viva apenas as suas interrogações.  
Talvez que, simplesmente vivendo-as acabe um dia  
por penetrar insensivelmente nas respostas.  
(Rainer Maria Rilke)*



## **CAPÍTULO II**

# **A REPRESENTAÇÃO SOCIAL COMO TEORIA E MÉTODO DA GEOGRAFIA DOS DESLOCAMENTOS**

Os deslocamentos são concebidos nas relações humanas e através delas, que por sua vez, ocorrem por meio de um referencial dialógico carregado de subjetividade e alteridade em meio aos desdobramentos espaciais. Segundo PAULA (2009), as relações vividas podem ser consideradas na perspectiva do habitar o lugar, uma vez que as relações vividas e vivenciadas apresentam e simbolizam a realidade socioespacial ao mesmo tempo que a representam. Perpassam, dessa maneira, teorias e modelos abstratos uma vez que os símbolos, o imaginário e a hibridização formam a identidade, que por sua vez, ganha forma e conteúdo concreto a partir da experiência do deslocamento. MARANDOLA JR. confirma que espaço e presença não podem ser pensados separadamente quando afirma:

Heidegger escreve: “O espaço nem está no sujeito nem o mundo está no espaço. Ao contrário, o espaço está no mundo na medida em que o ser-no-mundo constitutivo da presença já descobriu sempre um espaço. O espaço não se encontra no sujeito nem o sujeito considera o mundo como se estivesse num espaço. É o sujeito entendido ontologicamente, a presença, que é espacial em sentido originário”. Isso implica uma precedência do encontro com o espaço no mundo circundante, e não a projeção de um espaço a partir do sujeito [...] espaço e presença não podem ser pensados separadamente. (MARANDOLA JR., 2012, p.237)

A afirmação de MARANDOLA JR. (2012) mostra que a pesquisa social tem evoluído com a humanidade e à medida que se distancia da visão positivista das leis universais incorpora e aprimora pressupostos próprios da pesquisa qualitativa dentro do paradigma interpretativo. Segundo SILVA, GOBBI e SIMÃO (2004, p.2), isso ocorre pelo entendimento do homem como agente social que influencia e é influenciado pela estrutura social, dotado de percepções peculiares da realidade, que poderá ser distinta de acordo com o observador, bem como da sua posição quanto ao fenômeno estudado.

SILVA, GOBBI e SIMÃO (2004, p.2) afirmam ainda, que o processo no qual ocorre a interação do agente e o fenômeno social é permeado por um emaranhado de conceitos e significados construídos socialmente. Em vista disso, é importante elencar teorias que, com base na interpretação subjetiva do indivíduo sobre a própria realidade, forneça ao pesquisador, elementos tangíveis para uma reconstrução de significados que apresentem uma compreensão mais aprofundada da interpretação de realidade do grupo estudado, no caso desta pesquisa, o deslocado (migrante).

PEIXOTO (2004, p. 8), adverte que a maior parte das teorias tem sido desenvolvida para a análise “clássica” dos movimentos migratórios. Segundo ele, isso reforça o caráter interdisciplinar do tema quando observamos as novas formas de “mobilidade”, análise da “circulação”, “pendularidade” e de todas as formas de mobilidade que se afastam da “migração”, o que exige uma “conjugação reforçada de perspectivas teóricas”.

Por conseguinte, este capítulo visa estabelecer as principais orientações e possibilidades da Teoria da Representação Social (TRS) para fundamentação teórico-metodológica de pesquisa em *Geografia dos Deslocamentos* (que transpõe o conceito de migração), estruturadas com base nas categorias geográficas de análise: espaço, território e lugar, ancorada em categorias socialmente construídas.

## **2.1 Deslocamentos: Entre a saída e a chegada – A travessia**

Segundo DAMIANI (1997), o estudo da migração desencadeou uma análise do processo de desenvolvimento, a partir da degradação das estruturas de pequenas propriedades e da consolidação das grandes propriedades. Nessa perspectiva, o enfoque populacional não aparecia como exterior a esse processo, porquanto a questão populacional passou a ser considerada parte integrante do processo de acumulação.

Essa importância crescente dos estudos e análises sobre movimentos populacionais deve-se, em parte e sob a ótica da produção demográfica, a uma tendência de convergência dos níveis de fecundidade e mortalidade que, pouco a pouco, vai envolvendo maiores contingentes

populacionais e ampliando-se para espaços diversos quanto a suas características gerais de condições econômico-sociais. (PATARRA et al., 1997, p. 25).

Para os autores, trata-se de uma tendência que reflete quedas acentuadas nas taxas de crescimento populacional. Nesse sentido, “tornam-se mais nítidas as disparidades da alocação da população no espaço”, bem como, as transformações decorrentes dos movimentos migratórios intensos, variados e em crescente diversidade, que transforma a dimensão da dinâmica demográfica, fundamental para a reflexão sobre as relações entre população, desenvolvimento econômico e social (PATARRA; PACHECO, 1997, p. 25).

Contudo o fenômeno do povoamento não poderia ser compreendido sem o estudo dos movimentos migratórios. Por isso, os trabalhos geográficos a respeito das migrações envolvem uma perspectiva histórica ampla desde a antiguidade, inclusive, apresentando conteúdo bastante rico. Partindo dessa premissa, pode-se afirmar que as cidades testemunham com força expressiva rara as etapas anteriores das civilizações humanas.

RAVESTEIN (1885)<sup>3</sup>, em estudo precursor sobre o tema, apresenta as “sete leis da migração”:

1ª - A maioria dos migrantes apenas percorre uma curta distância, e as «correntes de migração» dirigem-se para os centros de comércio [e da indústria].

2ª – O processo de atração para uma cidade em rápido crescimento começa pelas suas zonas circundantes, e gradualmente estende-se para lugares mais remotos.

3ª – O processo de dispersão é o inverso do de atração.

4ª – Cada corrente principal de migração produz uma contracorrente compensadora.

5ª – Os migrantes provenientes de longas distâncias preferem os grandes centros de comércio [e da indústria].

6ª – Os nativos das cidades são menos migratórios do que os das zonas rurais do país.

7ª – As mulheres são mais migratórias do que os homens”.

PEIXOTO (2004, p. 4), complementa, incluindo: a 8ª lei – “o do aumento da migração com o progresso tecnológico (desenvolvimento dos meios de locomoção, indústria e comércio)”; e a 9ª lei – “da dominância dos motivos econômicos (predominância do desejo de melhoramento dos aspectos

---

<sup>3</sup> Tradução de João Peixoto (2004).



“materiais” da vida humana)”. No texto de 1889 Ravenstein escreve: “Estou perfeitamente consciente de que as nossas leis da população, e as leis econômicas em geral, não têm a rigidez das leis físicas, porque estão continuamente sob a interferência da ação humana” (RAVENSTEIN, 1889, p.241; PEIXOTO, 2004, p.4).

Segundo PATARRA et al. (1997, p.15), os movimentos migratórios marcados pela condição de pobreza passaram a mesclar-se com fluxos migratórios de populações de renda média e alta. Destacam ainda os deslocamentos de uma população envelhecida, que os autores afirmam ser fruto de alterações observadas no perfil demográfico da população brasileira. Muitos dos padrões migratórios considerados emergentes constituem modalidades de deslocamentos populacionais já configurados em outro contexto histórico. Conforme PATARRA e PACHECO (1997), as alterações nos fluxos migratórios, mudança dos fatores de atração e de expulsão, diferenças na seletividade dos migrantes e dos grupos sociais envolvidos, aumento das migrações de retorno, circularidade dos movimentos, manutenção de movimentos sazonais e temporários têm sempre como pano de fundo questões relativas a excedente populacional.

ÂNTICO (1997, p. 97) afirma que a década de 1980 pode ser caracterizada por marcantes alterações no processo de redistribuição espacial da população brasileira, uma vez que trouxe a necessidade de repensar as interpretações e formas de abordagem aos movimentos migratórios.

A autora lembra ainda que estudos datados desse período perderam parte do potencial explicativo com as transformações do processo produtivo e da configuração dos espaços, bem como da dinâmica urbana em geral. O atual panorama diversificado dos deslocamentos populacionais – envolvendo a movimentação entre núcleos urbanos, o crescimento da busca por cidades médias, movimentos migratórios de distintos grupos sociais e em diferentes etapas do ciclo vital, movimentos pendulares, de retorno – já não possibilita mais análises restritas às formulações puramente econômicas ou do tipo atração – expulsão. (ANTICO, 1997, p. 97).

Assim, as várias dimensões do processo migratório, incluindo a individual, envolvendo escolhas, estratégias e alternativas, adquirem papel

relevante para o seu entendimento. Porque, as razões para migrar deixaram de ser relacionadas exclusivamente a emprego (ÂNTICO, 1997).

SOUZA (2012, p.148) afirma que muitos estudiosos têm negligenciado o estudo dos produtores do espaço, em seus aspectos mais importantes. Isso ocorre, segundo ele, “mesmo nos casos em que abraçam uma perspectiva de crítica social, anticapitalista e em oposição ao Estado capitalista”.

No que se refere à Geografia, nem mesmo a ‘virada crítica’ do início dos anos de 1970 (ou especificamente no caso brasileiro, de fins dos anos 1970), trouxe consigo, de imediato, uma superação da centralidade conferida à ‘visão de sobrevoo’. Ainda que ‘crítica’, essa ‘Geografia nova’, predominantemente influenciada por um marxismo de tipo estruturalista, super enfatizava as estruturas em detrimento dos agentes, a economia e o trabalho em detrimento do imaginário. Não é à toa, por conseguinte, que o capital e o Estado foram privilegiados, como objetos de estudo, em comparação com os movimentos sociais. (SOUZA, 2007, p.148).

Souza (2012) sugere ainda que trabalhar a questão urbana não é tratar da relação entre as coisas apenas, mas, sobretudo, das relações e práticas sociais. Fato que exige do estudioso levar em conta muito mais profundamente os homens e mulheres concretos, suas expectativas, seus valores, temores, e, claro, suas palavras, o que na maioria das vezes é oculto e invisível.

É o sujeito que surpreende e contraria quando sua verdade social se manifesta em contradição com o desenho ideológico que lhe imputam os que dele esperam conduta diversa, é o sujeito vivencial. Assim, ao migrar, as vivências no novo contexto terão o *habitus* incorporado como o pano de fundo que balizará as relações no local de chegada e também com lugar de origem. Ou seja, ao vivenciar a migração, os homens e as mulheres fazem-na tendo em vista a ancoragem nas categorias de ação e percepção previamente internalizadas, o que poderá redundar na transformação, resignificação e, talvez, até mesmo na manutenção de elementos constituintes dessa categoria.

As formas de mobilidade são difusas nos espaços e no tempo. Nesse sentido, estudar os espaços em uma perspectiva temporal permite compreender as transformações socioeconômicas, as dinâmicas migratórias e

suas implicações na vida dos sujeitos que as vivencia, uma vez que o sentimento de ausência é um importante constituinte da experiência do migrante.

## **2.2 A busca pelo sujeito da Geografia: Contribuição das Representações Sociais para a pesquisa geográfica**

A Teoria das Representações Sociais (TRS) procura compreender um fenômeno, em que o homem manifesta sua capacidade inventiva e interpretativa do/sobre o mundo por meio de conceitos, afirmações, explicações originadas na vivência diária nas/através das interações sociais a respeito de qualquer objeto social ou natural, tornando-o familiar. Garantindo assim, a comunicação no interior do grupo, bem como a interação com outras pessoas e grupos diferentes (MOSCOVICI, 1961/1976).

As Representações Sociais como área de conhecimento, surgiu de uma crítica aos modelos que minimizavam a participação do sujeito, tanto na produção autônoma da história, quanto da consideração de sua capacidade criativa através de função simbólica complexa (SOUZA FILHO, 1993, p. 110).

Segundo Souza Filho (1989), o projeto científico de Serge Moscovici pretendia resgatar três importantes dimensões negligenciadas pela psicologia social que durante muito tempo fora influenciada sobremaneira por uma visão cognitivista e comportamental:

- O papel do sujeito como produtor de sistemas simbólicos e sociais;
- Ênfase ao estudo de sistemas simbólicos complexos;
- As interações intra e intergrupos e o funcionamento e mudança da sociedade.

Nesse sentido, vale destacar que a TRS representou uma importante alternativa à crise teórico-metodológica experimentada pela psicologia social desde a década de 1960, haja vista que o estudo dos fenômenos psicossociais sofria uma limitação explícita. As microteorias incorporadas no quadro da cognição social e do behaviorismo, além dos instrumentos metodológicos, ignoravam a complexidade dos fenômenos sociais estudados (ALBA, 2014).

Na interseção entre o psicológico e o social, as RS como campo de atuação da psicologia social surge com a “promessa” de renovar o estudo de atitudes, opiniões, imagens, estereótipos, ideologia, visão de mundo, da psicologia social e da sociologia. Porém, o estudo das RS foi ignorado pelos pesquisadores sociais por um tempo considerável. Na década de 1970 a psicologia social começa a desenvolver os instrumentos técnico – metodológicos que possibilitaria a sua apreensão adequada, ainda que sujeita a transformações necessárias.

A teoria das representações sociais constitui um referencial teórico que aborda fenômenos psicossociais em seu contexto social e histórico. O que viabilizou o estudo dos processos sociais e psicológicos que afetam nossas sociedades, a partir de uma perspectiva mais afinada com a complexa realidade em que elas são produzidas, em contraste com o referencial teórico proposto por uma psicologia social de viés individualista e descontextualizadas. (ALBA, 2014, p. 520).

O conceito de RS compreende um processo sociocognitivo específico e não apenas uma ampla classe de ideias ou uma ampla categoria geral que tem como objetivo abarcar toda forma de pensamento social. Ao reconhecer que as representações são, ao mesmo tempo, geradas e adquiridas, elas se tornam mais dinâmicas e perdem o caráter estático, fixo e pré-estabelecido que tinha o conceito original (ALBA, 2014). Como propôs MOSCOVICI (1989, p. 82): “Já não se trata de entender a tradição, mas a inovação, nem a vida social já feita, mas o curso da construção”. Trata-se de uma teoria inovadora, como bem ilustra JODELET (2014, p. 265):

A teoria de Moscovici é, ao mesmo tempo, “útil” se a julgarmos pelas aplicações que ela suscitou nos diversos campos, “verdadeira” se considerarmos, como na filosofia do conhecimento, que uma verdade é uma asserção justificada e, como tarde, que ela é reconhecida e compartilhada no espaço e no tempo, como evidenciado pela ampla adesão manifestada no meio científico, e “bela” pelos vários modelos que foram inventados a partir de sua formulação fundadora.

Para JODELLET (2014), construímos representações como uma necessidade de identificarmos e nos posicionarmos diante das nossas relações no espaço, e com ele, “compartilhamos o mundo com os outros”. Através das

RS tratamos de uma infinidade de fenômenos em diferentes aspectos das vivências individuais.

Assim, como forma de interpretar a cada uma das experiências, tomando, na maioria das vezes, uma posição em relação aos fatos. As RS são uma forma de conhecimento particular, cuja função é elaborar comportamentos e permitir a comunicação entre indivíduos (MOSCOVICI, 1961, p.26). Para Moscovici, as representações são ao mesmo tempo produtos e processos de construção da realidade.

A Teoria das Representações Sociais (TRS) estabelece um vínculo entre o individual e o coletivo. Trata-se de estudar como o social se manifesta nas representações que as pessoas elaboram em sua vida diária, e as compartilham com os outros (difusão – propagação – propaganda).

Para Durkheim, a sociedade penetra na consciência do indivíduo por meio da educação e o regula, exercendo forte poder de coerção social. A existência do sujeito autônomo é praticamente uma ilusão, pois os membros da sociedade se encontram fortemente determinada por ela. A relação dialética *social – individual* que estabelece a Teoria das Representações Sociais pode ser observada não só quando analisamos os conteúdos da representação, mas também nos processos que contribuem para a sua construção: a objetivação e a ancoragem.

Na *objetivação*, percebe-se como um indivíduo materializa uma ideia abstrata em função tanto de sua própria experiência e criatividade pessoal, como das normas e valores sociais (ALBA, 2014). Na *ancoragem*, todo novo elemento vai ser interpretado pelo indivíduo de acordo com um quadro de referência anterior, que é, em grande parte, um contexto cultural ou social dado pelos grupos ou instituições a que pertence (ALBA, 2014). Alba (2014, p. 519), afirma ainda que “O processo de ancoragem proposto por Moscovici na TRS destaca o papel da memória social nas construções simbólicas que permite ao homem compreender o mundo em que vive”.

No campo das ciências humanas, as RS são reconstruídas por meio do trabalho científico, ora como teoria (psicologia social), ora como método (sociologia). Nesse sentido, as RS tornaram-se objeto central das ciências humanas. Para mais, espera-se, com o apoio teórico da TRS e no balizamento oferecido pela Geografia e Sociologia, valorizar as dimensões socioespaciais

sob a ótica do migrante, utilizando as categorias espaço, território e lugar a partir do estudo cognitivo e da abordagem perceptiva da migração e da mobilidade social.

A opção pela TRS como método de análise se fundamenta na ideia de que esta permitiu recuperar a noção de sujeito como ator social, na medida em que este é considerado um indivíduo ativo que constrói a sua realidade alicerçado no contexto sociocultural em que está inserido. Sua ação está intimamente relacionada ao sistema de RS que lhe é próprio, tanto de maneira individual como coletiva (ALBA, 2014).

A abordagem qualitativa nessa pesquisa tem como marca o saber do outro, significando uma possibilidade de interação entre os sujeitos que pesquisam e os que são possuidores de histórias que podem ser desveladas, narradas, contadas como um saber, como uma história ou estória, um acontecimento, uma lenda, um mito, e que descrevem, entre o vivido e o pensado, os modos de vida e de trabalho das pessoas nos diversos espaços, tempos e lugares que são criados e recriados pelo exercício de uma cultura peculiar através dos seus atores humanos logo, sociais (PAULA, 2009).

Assim, a abordagem perceptiva em Geografia é uma forma de apreender a essência do espaço. Para tanto, consideram-se como fundamentais nesse processo a linguagem e a maneira pela qual as significações são direcionadas e cedidas ao mundo aos outros e a nós mesmos. Por essa razão, o termo “representação” é utilizado, uma vez que é realizada por meio de um aparato linguístico específico, que dá a um determinado recorte espacial e um substrato simbólico específico, historicamente estabelecido, socialmente imposto, politicamente consensual e culturalmente vivenciado. Relativamente a esse aspecto, SCHUTZ (2012, p. 268-273) afirma:

As formas simbólicas sob as quais as forças do universo, da natureza e da sociedade são apresentadas [...] são tão variadas quando os símbolos que as apresentam (expressivos, propositais ou gestos miméticos, apresentações linguísticas ou pictóricas, simpatias, encantamentos, ritos mágicos ou religiosos, cerimônias). [...] é o significado de nossas experiências, e não da estrutura ontológica dos objetos, o que constitui a realidade.

Nesse sentido, a compreensão de um símbolo não consiste, portanto, na apreensão de seu significado de um modo racional, mas em experienciá-lo existencialmente em sua intenção simbólica como a referência única a algo transcendente que desaparece num ponto-limite. O dinamismo das RS permite integrar uma dimensão temporal na análise dos processos psicossociais, o que se mostra em consonância com as rápidas mudanças das sociedades contemporâneas e permite estudá-las no passado, presente e futuro não como um sistema fechado de determinações, mas como uma totalidade aberta, como escreve MERLEAU-PONTY (1994, p. 296):

Temos a experiência de um mundo, não no sentido de um sistema de relações que determinam inteiramente cada acontecimento, mas no sentido de uma totalidade aberta cuja síntese não pode ser acabada. Temos a experiência de um Eu, não no sentido de uma subjetividade absoluta, mas indivisivelmente desfeito e feito pelo curso do tempo. A unidade do sujeito ou do objeto não é uma unidade real, mas uma unidade presuntiva no horizonte da experiência; é preciso reencontrar, para alguém da ideia do sujeito e da ideia do objeto, o fato de minha subjetividade e o objeto em estado nascente, a camada primordial em que nascem tanto as ideias como as coisas.

Diante disso, buscamos desvelar e descrever as “verdades” gerais do fenômeno estudado (migração no contexto do Distrito Federal) por intermédio da TRS. Sob este prisma, a abordagem perceptiva preocupa-se com aquela realidade cognitiva que está incorporada nos processos das experiências humanas subjetivas – consciência, experiência, significado, conduta, atenção à vida e ação no mundo exterior. Isto porque o mundo social ou mundo da vida constitui a esfera de todas as experiências, orientações e ações cotidianas, mediante as quais os indivíduos buscam realizar seus interesses e seus negócios a partir da manipulação de objetos da interação entre e com as pessoas e da elaboração e efetivação de planos (SCHUTZ, 2012).

Diante do exposto, as ferramentas metodológicas acionadas por este trabalho serão: pesquisa bibliográfica; levantamento de dados – serão fundamentados no aspecto qualitativo e quantitativo. Os dados primários serão coletados através de entrevistas, por meio de roteiro, contemplando questões

de migração e trabalho, os modos de pensar, sentir e agir (questão cultural), expectativas, valores e temores (Apêndice A).

Nesse sentido, segundo SANTAELLA (2012), a significância conceitual da linguagem subjaz sua significância existencial e por meio dos discursos, as narrativas se tornam visíveis, pois:

Em primeiro lugar, o comentário. Suponho (...), que não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar; fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza (...) os discursos que “se dizem” no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer. (FOUCAULT, 2012, p. 21)

A TRS é indispensável à realização deste trabalho, pois a tônica das representações sociais está em como os sujeitos constroem suas representações a partir de suas experiências, de suas afiliações a grupos diferentes, da posição que ocupam na estrutura social, de seus conhecimentos formais e informais (ALBA, 2014).

Segundo Moscovici (2003, p.09), o conhecimento emerge do mundo onde as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão, satisfação ou frustração. O conhecimento surge das paixões humanas e, como tal, nunca é desinteressado; ao contrário, ele é sempre produto dum grupo específico de pessoas.

Segundo PEIXOTO (2004, p. 17), uma perspectiva mais sociológica do estudo micro das migrações apresenta uma natureza, sobretudo, biográfica, nesse caso, as principais variáveis estudadas são a influência do ciclo de vida (individual e familiar) – entrada na vida adulta, casamento, nascimento de filhos, divórcios, reformas, a trajetória de mobilidade social, carreira profissional e demais questões que influenciam os percursos territoriais.



Nessa perspectiva, chega-se a variáveis afetivas, individuais e coletivas, que na maioria das vezes, não podem ser explicadas como meras conjecturas de escolha racional do deslocado, dada a importância da dimensão espacial associada ao processo. Nesse sentido, embora em contexto diferente MUSGROVE (1963), cria o conceito de migratoriedade (*migratoriness*), afirmando se tratar de uma das dimensões fundamentais da modernidade. Para este autor, a “migratoriedade é uma dimensão negligenciada da mudança”.

### **2.3 Por uma Geografia dos Deslocamentos**

Mudam-se os tempos, modificam-se os espaços, delimitam-se territórios e as migrações continuam a ocorrer, como sugere PAULA (2014, p.2):

[...] mudam-se os espaços, os tempos, as dinâmicas, os contextos, os personagens, mas ainda continuam ocorrendo as migrações [...]. De certo modo, o processo migratório ocasionou uma multiplicidade de identidades, aonde quem migra continua a reproduzir os modos de vida do seu lugar de origem, mas também passam a representar identidades do seu lugar de destino. Na bagagem, um pouco do que ficou para trás. No coração, a esperança de uma vida melhor. No fim, partem para se desenvolver, mas acabam voltando para “viver”. Afinal, mobilidades.

Apreender o processo de deslocamento de um indivíduo ou grupo social, é constatar que a migração é um fenômeno para além “do estar em espaços sociais diferentes”, é um modo de reprodução social definido nas relações de tempo e espaço, enfatizando a dualidade de se estar em movimento. Sendo assim, o processo migratório é também socioespacial, em que os desejos, os objetivos, os medos e esperanças dos que migram se tornam identidades. O fato é que estamos sempre em deslocamento, de algum espaço, para algum tempo, e vice-versa (PAULA, 2014, p.2).

Segundo BRITO (2013, p.78) a intensa politização dos deslocamentos humanos deu lugar de destaque aos movimentos migratórios na agenda política dos diferentes países receptores de imigrantes, tem mobilizado a opinião pública e os debates parlamentares, assumindo grande

relevância nos programas partidários, em especial dos conservadores, em que o anti-imigacionismo tornou-se um elemento político decisivo.

BRITO (2013), afirma ainda que a politização, em graus diferentes, não é uma novidade histórica: as imigrações internacionais têm sido um tema político central no desenvolvimento do capitalismo desde a segunda metade do século XIX.

A mobilidade ou deslocamento de pessoas sempre existiu, mas nos últimos anos tem se incrementado. Segundo SANCHEZ, 2012 o século XXI será conhecido como o século da migração. Para ECHANDI (2012, p.07), o tema da migração apesar de antigo, é também contemporâneo, uma vez que faz parte da realidade político-social do mundo globalizado.

No contexto latino-americano, o fenômeno do deslocamento é histórico e constante na realidade social, como leciona SANCHEZ (2012, p.07):

En las democracias latinoamericanas parece existir un divorcio entre el Estado y los derechos sociales y económicos de amplios grupos de la sociedad. Los altos grados de pobreza, desigualdad y desempleo, han vuelto a América Latina una región expulsiva. Actualmente, un 53% de los latinoamericanos estaría dispuesto a migrar si tuviera la posibilidad. Más de 20 millones de personas residen fuera de sus países de origen.

Nesse sentido, é consensual que pessoas de diferentes culturas estão em interação constante no contexto da globalização, que segundo RIBEIRO (2012), se constitui apoiada na reunião de aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos de diversas localidades que são propagados em escala mundial como consequência da circulação de pessoas, informações e mercadorias, o que SANTOS (2005, p.19) denominou “mito do encurtamento das distâncias”<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> “Imersa na pior crise humanitária, econômica, política e social da sua história, a Venezuela não é mais território pacífico, obrigando milhares de pessoas a deixarem o país em busca de condições mínimas de sobrevivência. Mais de 30 mil venezuelanos cruzaram a fronteira do Brasil e, destes, segundo a Superintendência da Polícia Federal em Roraima, entre janeiro e maio deste ano, 28,8 mil entraram pelo município de Pacaraima que dista 212 km da capital Boa Vista, no Estado de Roraima. Os venezuelanos se amontoam em enormes filas no posto de controle da Polícia Federal instalado na divisa entre os países, com o intuito de solicitar autorização para permanecer no Brasil como refugiados. [...] Uma das consequências da crise política e econômica que a Venezuela enfrenta é o deslocamento em larga escala da população para outros países. O Brasil foi um dos destinos escolhidos. A fronteira seca, sem obstáculos naturais, entre a cidade brasileira de Pacaraima e a venezuelana de Santa Elena e Uairén, transformou o Estado de Roraima no destino mais acessível. O fluxo migratório inesperado de venezuelanos para o Brasil, com o consequente aumento na demanda de

A globalização possui caráter assimétrico e desconstrói as ideias estabelecidas principalmente no que se refere às questões culturais e identitárias. Ao interconectar comunidades e organizações, promove o crescimento de conteúdos atinentes ao deslocamento espacial da população e todas as inferências desencadeadas pela migração, como implicação cultural, identitária, bem como o reconhecimento da alteridade.

Apesar de não existir uma teoria da migração única, muitos foram os tipos de migração enumerados ao longo dos estudos realizados pelos mais diversos especialistas, e por isso mesmo, desenvolvido sob diferentes perspectivas teóricas, o que proporciona grande proveito aos estudiosos do tema (PEIXOTO, 2004, p.3).

Nesse contexto, com uma abordagem multidisciplinar, surgiu um vasto número de “conceitos” de migração. Entretanto, os mais difundidos são aqueles que o termo pode ser entendido como o movimento e a realocação de pessoas de uma região para outra. Porém, mais importante do que compreender o conceito é entender a forma pela qual se dá o deslocamento humano sobre o espaço.

Segundo, MUNIZ (2011, p.01), o entendimento da distribuição e da movimentação da população entre regiões é fundamental para desenhar políticas que possibilitem um melhor aproveitamento do espaço, assim como a homogeneização econômica e social entre as regiões. Neste sentido, a caracterização dos grupos mais propensos a migrar, assim como a identificação dos chamados fatores de expulsão (*push factors*) e atração (*pull factors*) é fundamental para se traçar políticas que visem o desenvolvimento regional em todas as suas formas.

Todavia, MARANDOLA JR. (2009, p.1) afirma que as variadas tradições dos estudos migratórios apresentam confluência de abordagens e disciplinas que, cada qual com suas preocupações e objetos, compõe um grande quadro sobre o migrante, seus movimentos, os processos materiais, as consequências e implicações em diferentes escalas, os símbolos e as

---

pedidos de refúgio ao Estado brasileiro, representa uma sobrecarga nos serviços públicos de todas as áreas institucionais. A crise econômica brasileira está sendo responsável por diversos cortes em repasses financeiros para os municípios e estados e isso prejudica os serviços públicos em todos os níveis, no Estado de Roraima não é diferente”. (Marques e Leal, 2017, p. 2-3).

transformações culturais. E, chama a atenção dos pesquisadores do tema: “Estaria a Geografia atenta apenas aos padrões de organização?” (BRETTEL e HOLLIFELD, 2008; MARANDOLA JR., 2009).

É importante ressaltar que as teorias contemporâneas não se restringem à mecânica dos objetos e fluxos, embora nas grandes teorias, os estudos geográficos sobre migração priorizam a identificação e a explicação de padrões (MARANDOLA JR., 2008).

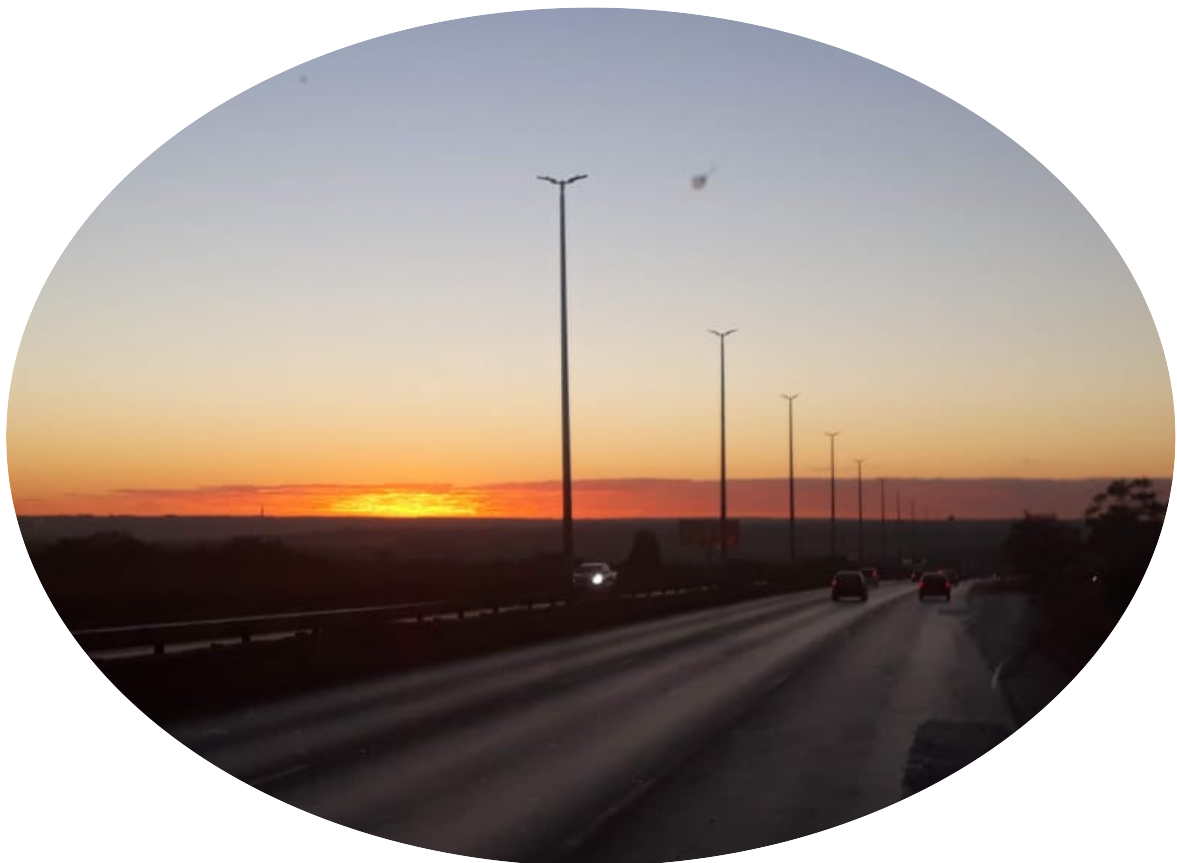
MARANDOLA JR (2008, p. 2), afirma ainda que a migração é em si um fenômeno geográfico que possui implicações territoriais e existenciais. “É um fenômeno que envolve tanto a materialidade quanto a produção social e a corporeidade, necessitando destes três polos para que possa ser compreendido”. Sobre as dimensões necessárias à compreensão do fenômeno migratório, leciona:

Estas dimensões têm sido exploradas de formas diferentes, mas nunca enfrentadas de forma direta. A dimensão territorial tem sido vista como organização espacial ou como a dimensão legal das migrações internacionais, enquanto a dimensão existencial tem aparecido em estudos antropológicos, históricos e psicossociais ou psicanalíticos. Mas a dimensão propriamente geográfica dos processos de territorialização e desterritorialização só tem sido abordada muito recentemente, e não necessariamente numa perspectiva existencial (MARANDOLA JR., 2008, p. 2).

Daí a necessidade de pensar o deslocamento pelos olhos do migrante, do sujeito que se desterritorializa por meio de um movimento que se dá, primeiramente, em termos existenciais – saída do “lugar-natal”, deixando lugares e relações que o forjaram como sujeito e sob os quais está estruturada a própria identidade (MARANDOLA JR, 2008, p. 3). Para tanto, estruturou-se os caminhos da pesquisa com foco no diálogo (fala/discurso) e a ressignificação do sujeito.

## CAPÍTULO 3

*“Nada a poderia perturbar mais do que olhar para fora  
e aguardar de fora respostas a perguntas  
a que talvez somente seu sentimento mais íntimo  
possa responder na hora mais silenciosa”.*  
*(Rainer Maria Rilke)*



## CAPÍTULO III

### OS CAMINHOS DA PESQUISA: ENTRE O DIÁLOGO E A RESSIGNIFICAÇÃO DA CATEGORIA SUJEITO

Apoiado no aporte fenomenológico e no balizamento oferecido pela Geografia, Sociologia e Psicologia, espera-se desenvolver uma tese geográfica utilizando o referencial teórico das três áreas do conhecimento, valorizando as Representações Sociais do sujeito deslocado. Todavia, é sabido que os fenômenos não podem ser captados pela pesquisa científica de um modo direto e complexo (SÁ, 1998).

Segundo SÁ (1998, p. 45), para gerar RS, o objeto deve ter suficiente relevância ou espessura social. Já JODELET (1986), adverte quanto ao cuidado que o pesquisador deve ter ao trabalhar o “discurso social fluente”. Segundo JODELET (1986), a construção do objeto de pesquisa, inclui, investigação da correspondência entre o pensamento social (ou seja, as representações sociais) e as práticas sociais da população estudada. Para tanto, as RS nesta pesquisa serão analisadas por meio das falas (discursos) dos sujeitos, como sugere SPINK & MEDRADO (2004, p. 26):

Podemos definir, assim, práticas discursivas como linguagem em ação, ou seja, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas. As práticas discursivas têm como elementos constitutivos: a dinâmica, ou seja, os enunciados orientados por vozes; as formas, que são os *speech genres*<sup>5</sup> (definidos acima); e os conteúdos, que são os repertórios interpretativos.

Segundo SPINK & MEDRADO (2004, p.22), o sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo,

---

<sup>5</sup> O contexto (situação, interlocutores presentes ou presentificados, o espaço, o tempo etc.) molda a forma e o estilo ocasional das enunciações, isto é, os *speech genres*. Segundo Bakhtin (1995), os *speech genres* ou gêneros de fala, são as formas mais ou menos estáveis de enunciados, que buscam coerência com o contexto, o tempo e o(s) interlocutor(es). Por exemplo, ao se encontrarem, duas pessoas com frequência empregam enunciados típicos, como: 1. Oi, tudo bem? 2. Tudo bem, e você?; ou, num primeiro encontro: 1. Muito prazer! 2. O prazer é todo meu! Num enterro, é comum o enunciado - Meus pêsames! E, raríssimas vezes, alguém dirá Meus parabéns!, embora, apesar da baixa probabilidade, isso não seja completamente improvável (Spink e Medrado, 2004, p. 24).

por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta.

Outra abordagem conceitual trabalhada foi a definição de sujeito, utilizada conforme explicita FOUCAULT (1984, p. 733): “o sujeito se constitui através de práticas de assujeitamento”. A definição da Geografia dos Deslocamentos, por sua vez, será o último requisito conceitual a ser construído, uma vez que depende dos campos de identidades e representações sociais dos sujeitos que contribuirão com esta tese. Nesse sentido, é fundamental que se atenda, ainda, às exigências originais na realização desta pesquisa: considerar a composição das RS e seus processos formadores – ancoragem e objetivação.

A abordagem qualitativa nessa pesquisa tem como marca o saber do outro, significando uma possibilidade de interação entre os sujeitos que pesquisam e os que são possuidores de histórias que podem ser desveladas, narradas, contadas como um saber, como uma história, um acontecimento, uma lenda, um mito. Dessa maneira, os sujeitos descrevem, entre o vivido e o pensado, os modos de vida e de trabalho das pessoas nos diversos espaços, tempos e lugares que são criados e recriados pelo exercício de uma cultura peculiar através dos seus atores humanos logo, sociais (PAULA, 2009).

Assim, a abordagem perceptiva em Geografia é uma forma de apreender a essência do espaço. Para tanto, consideram-se a *linguagem* para o texto e a maneira pela qual as significações são direcionadas e cedidas ao mundo aos outros e a nós mesmos como fundamentais nesse processo. De acordo com MERLEAU-PONTY (1994, p. 249-267), “a fala é um verdadeiro gesto e contém seu sentido, assim como o gesto contém o seu [...] a fala é o excesso de nossa existência por sobre o ser natural. Mas o ato de expressão constitui um mundo linguístico e um mundo cultural”.

Por essa razão, o termo representação é utilizado, uma vez que é realizada por meio de um aparato linguístico específico, que dá a um determinado recorte espacial um substrato simbólico específico, historicamente estabelecido, socialmente imposto, politicamente consensual e culturalmente vivenciado. Segundo Sá (1998, p. 53), “a representação seria um sistema

simbólico, socialmente construído e o objeto, por seu turno, seria construído pela representação”.

Sob este prisma, a abordagem perceptiva preocupou-se com aquela realidade cognitiva que está incorporada nos processos das experiências humanas subjetivas – consciência, experiência, significado, conduta, atenção à vida e ação no mundo exterior. Isto porque o mundo social, ou mundo da vida, constitui a esfera de todas as experiências, orientações e ações cotidianas, mediante as quais os indivíduos buscam realizar seus interesses e seus negócios fundamentado na manipulação de objetos da interação entre e com as pessoas e da elaboração e efetivação de planos (SCHUTZ, 2012).

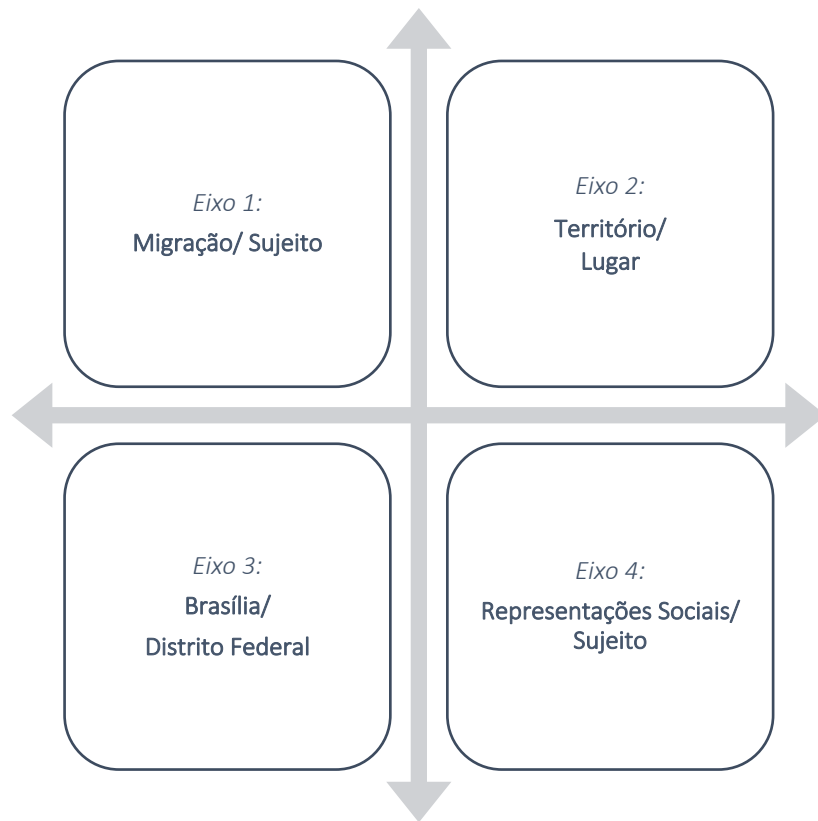
Diante do exposto, as ferramentas metodológicas acionadas por este trabalho foram:

*Pesquisa documental:* Esta foi a primeira fase da pesquisa, em que recorreremos aos dispositivos institucionais (legislação), documentos disponibilizados no sítio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), bem como jornais que detinham informações relevantes no que se refere aos processos de deslocamentos atinentes a Brasília e Distrito Federal. Segundo SÁ (1998, p. 71):

A quantidade e a forma das informações sobre o objeto, assim como os meios pelos quais ela se tornam acessíveis aos sujeitos, o grau de interesse intrínseco ou circunstancial que o objeto desperta e a necessidade mais ou menos premente de seu conhecimento para o grupo são variáveis que certamente afetarão e por isso poderão explicar, pelo menos parcialmente – o conteúdo e a estrutura da representação.

*Pesquisa bibliográfica:* Esta etapa consistiu no levantamento de informações e conteúdos que darão sustentação teórica à tese. Nesse sentido, a busca será concentrada nos eixos temáticos norteadores da pesquisa. Os eixos temáticos norteadores da pesquisa são:





Pesquisa de Campo: As saídas a campo ocorreram com o objetivo de observar, analisar a realidade dos sujeitos, possibilitando captar elementos culturais e identitários para interpretação da realidade observada, as relações singulares, como aponta MERLEAU-PONTY (1994):

O problema é compreender as relações singulares que se tecem entre as partes da paisagem ou entre a paisagem e mim enquanto sujeito encarnado, e pelas quais um objeto percebido pode concentrar em si toda uma cena, ou tornar-se a imagem de todo um segmento de vida. O sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente como lugar familiar de nossa vida. É a ele que o objeto percebido e o sujeito que percebe devem sua espessura. Ele é o tecido intencional que o esforço do conhecimento procura decompor. (Merleau-Ponty, 1994, p.84)

Esta etapa foi indispensável à realização deste trabalho, pois “é preciso sentir, reconsiderar a natureza do sentir em sua comunicação vital com o mundo” (SANTAELLA, 2012, p.20). Para tanto, utilizou-se os seguintes recursos: *Pesquisa-ação; Pesquisa participante; Expressão oral; Escuta sensível; História de vida; Depoimento pessoal; Relatos escritos*. Nesse sentido, a abordagem qualitativa – fenomenológica é entre outras coisas,

restaurar a experiência viva da intersubjetividade, refletindo o sujeito, condicionado por sua situação concreta no mundo (SANTAELLA, 2012, p. 21).

Levantamento de Dados: Foram fundamentados no aspecto qualitativo e experimental (entrevista em profundidade). Os *Dados Primários* serão coletados através de entrevistas, por meio de roteiro, contemplando questões sobre migração e trabalho, os modos de pensar, sentir e agir (questão cultural), expectativas, valores e temores, uma vez que Russerl afirma que “A pura consciência engloba tudo que está imediatamente dado na experiência” e a característica mais fundamental e problemática da experiência é o significado na significância conceitual da linguagem subjaz sua significância existencial (SANTAELLA, 2012).

Assim, a busca do significado das vivências dos sujeitos se deu por meio da: expressão oral; história de vida; depoimento pessoal; relatos escritos; registros fotográficos e literatura regional, pois é necessário saber da vida dos homens, como sugere BARTHES (1978, p.19):

A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens.

E que pode ser visualizado em João Guimarães Rosa (2001, p.114/115) na fala de Riobaldo Tatarana:

O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rara importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa.

Segundo GIBSON (1974), “Se tudo que percebemos nos chega mediante a estimulação de nossos órgãos sensoriais, e se, apesar disso, certas coisas não têm contraparte na estimulação, é necessário assumir que estas últimas são, de algum modo, sintetizadas. Como essa síntese ocorre é o problema da percepção”.

Ressalte-se ademais que muitas das condições e estruturas de que o significado depende não estão no interior de uma consciência individual, mas

que ele engloba um pano de fundo das práticas sociais, de crenças, e experiências, o que SANTAELLA (2012, p.15), denomina “o novo caminho para a fenomenologia de retorno ao mundo da vida”.

Amostra: A constituição da amostra seguiu o critério da técnica de amostragem não probabilística: a partir da população já conhecida foram identificados outros participantes da mesma população. Dessa forma, trabalhamos com 11 (onze) pessoas, sendo, um grupo focal formado por sete pessoas e quatro, entrevistas de profundidade, independente da região Administrativa<sup>6</sup> que o deslocado esteja morando.

Ressalte-se ainda, a utilização de fotografias/ imagens como recurso metodológico. Segundo Baudelaire<sup>7</sup>, a fotografia é o “instrumento de uma memória documental da realidade, concebida em toda a sua amplitude”. Para ele a fotografia é a “serva” da arte e da ciência. MAUAD (1996, p. 3), por muito tempo, considerou que a marca inseparável de realidade foi atribuída à imagem fotográfica, sendo o seu uso ampliado ao campo das mais diferentes ciências. E complementa: “entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver”.

A fotografia é a elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real. Para tanto, considera-se uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando esta atitude, uma relação estreita entre a “visão de mundo” daquele que aperta o botão.

É, justamente, por considerar todos esses aspectos, que as fotografias nos impressionam, nos comovem, nos incomodam, enfim, imprimem em nosso espírito sentimentos diferentes. Quotidianamente, consumimos imagens fotográficas em jornais e revistas que, com o seu poder de comunicação, tornam-se emblemas de acontecimentos [...] A simples menção da foto já nos remete aos fatos e aos seus resultados. (MAUAD, 1996, p. 05)

---

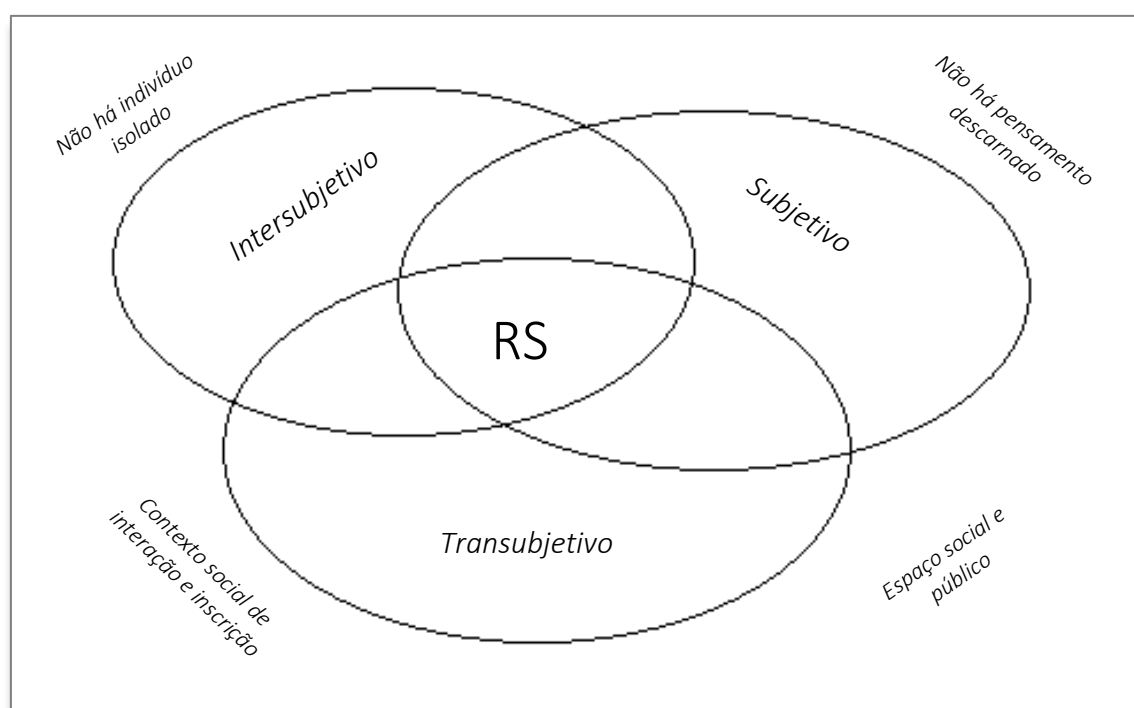
<sup>6</sup> *Regiões Administrativas do Distrito Federal* – I Plano Piloto; II Gama; III Taguatinga; IV Brazlândia; V Sobradinho; VI Planaltina; VII Paranoá; VIII Núcleo Bandeirante; IX Ceilândia; X Guará; XI Cruzeiro; XII Samambaia; XIII Santa Maria; XIV São Sebastião; XV Recanto das Emas; XVI Lago Sul; XVII Riacho Fundo; XVIII Lago Norte; XIX Candangolândia; XX Águas Claras; XXI Riacho Fundo II; XXII Sudoeste/Octogonal; XXIII Varjão; XXIV Park Way; XXV Estrutural/SCIA; XXVI Sobradinho II; XXVII Jardim Botânico; XXVIII Itapoã; XXIX SIA; XXX Vicente Pires; XXXI Fercal; XXXII Sol Nascente/ Pôr do Sol; XXXIII Arniqueira e XXXIV Arapoanga.

<sup>7</sup> Citado por MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: Fotografia e história interfaces*.

No contexto das RS, a fotografia pode ser interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. Trata-se de um instrumento cujas unidades constituintes (fotógrafo/fotografia) são culturais e assumem funções sígnias diferenciadas, onde a representação final é sempre uma escolha realizada entre outras possíveis (MAUAD, 1996).

Para mais, tentar-se-á analisar as imagens pela RS dos migrantes, a partir das premissas propostas por JODELET (2009):

- *Contexto social de interação* (em relação a Brasília/ Distrito Federal);
- *Espaço social e público* (Brasília/ Distrito Federal, independentemente do local de moradia do entrevistado);
- *Elementos que identifique* – “Intersubjetivo, Transubjetivo e Subjetivo”.



As esferas de pertença das representações sociais (Jodelet, 2009, p. 695).

A fotografia comunica através de mensagens não verbais, cujo signo constitutivo é a imagem. Portanto, sendo a produção da imagem um trabalho humano de comunicação, pauta-se enquanto tal, em códigos convencionalizados socialmente, possuindo um caráter conotativo que remete

às formas de ser e agir do contexto no qual estão inseridas como mensagens (MAUAD, 1996, p. 12).

Assim, como forma de decompor a imagem fotográfica em unidades culturais, guardando a devida distinção entre forma do conteúdo e forma da expressão, elaborou-se a ficha 1, abaixo, que será analisada conforme sugestão de UMBERTO ECO (1974, p. 16) e MAUAD (1996, p. 13):

Uma unidade é simplesmente toda e qualquer coisa culturalmente definida e individuada como entidade. Pode ser pessoa, lugar, coisa, sentimento, estado de coisas, pressentimento, fantasia, alucinação, esperança ou ideia [...] Uma unidade cultural pode ser definida semioticamente como unidade semântica inserida num sistema. [...]. Reconhecer a presença dessas unidades culturais (que são, portanto, os significados que o código faz corresponder ao sistema de significantes) significa compreender a linguagem como fenômeno social.

Feito isso, as unidades culturais apreendidas nas fotografias serão “categorizadas”, como: espaço fotográfico, espaço geográfico, espaço da figuração (elementos de fundo) e espaço da vivência.

**QUADRO A – Elementos da forma do conteúdo/ expressão**

	Representação de Brasília	Prática de lazer/ convivência	O meu lugar	O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares
Fotógrafo:				
Local retratado(a):				
O que se intencionou mostrar:				
Atributos da paisagem:				
Objetos retratados:				
Tempo retratado (dia/ noite)				
Número da foto:				
Equipamento utilizado (câmera/ celular):				

Fonte: MAUAD (1996, p.12), adaptada por LESSA (2018).

As fotografias foram produzidas pelos sujeitos da pesquisa, os mesmos que participarem das entrevistas. Por fim, cabe ressaltar que artistas plásticos, historiadores e geógrafos são unânimes na escolha da noção de espaço como chave de leitura das mensagens visuais, principalmente pela dimensão histórica que a escolha pela foto assume. Segundo LEITE (1993, p. 14), na obra intitulada “Retratos de Família”:

Chegou-se à conclusão de que a noção de espaço é a que domina as imagens fotográficas explícitas. Não apenas as duas dimensões em que a imagem representa as três dimensões do que comunica. Mas toda captação da mensagem manifesta se dá através de arranjos espaciais. A fotografia é uma redução, um arranjo cultural e ideológico do espaço geográfico, num determinado instante.

Assim, as imagens/fotografias remetem ao terreno da percepção e do imaginário, e que por sua vez, tentam problematizar o amplo espectro de possibilidades que abre uma imagem fotográfica (TITTONI; MAURENTE, 2007; LESSA, 2014). Assim, pensamos o uso de imagens na produção científica como um importante elemento que se esquivava à generalização, que por sua vez, causa certa desordem, que é originada pelo fato de que a fotografia designa a realidade, uma vez que “repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 1984, p.13). Trata-se da representação única do instante presente que não se repetirá. Como sugere BACHELARD:

A ideia que temos do presente é de uma plenitude e de uma evidência positiva singulares. Instalamo-nos nele com nossa personalidade completa. Somente ali, por ele e nele, é que temos a sensação de existência. E há uma identidade absoluta entre o sentimento do presente e o sentimento da vida (BACHELARD, 2010, p.22).

Nesse sentido, compreendemos esse recurso metodológico como a intuição ilustrada. Segundo BACHELARD (2010, 26), “a intuição ilustrada é mais a imagem de uma alma que o retrato das coisas”.

Segundo MARANDOLA JR. (2004, p. 4), “o indivíduo não pode ou não é capaz de ignorar toda sua história e formação sendo indiferente às características de sua nova realidade para estabelecer prontamente relações com o local de destino”. Nessa perspectiva, pretende-se identificar elementos

existenciais no processo de desterritorialização e reterritorialização do migrante por meio do contexto social de interação (em relação a Brasília/ Distrito Federal), bem como os espaços *social* e *público* (Brasília/ Distrito Federal/ RA de moradia do entrevistado). Para tanto, faz-se necessário uma revisão sobre Brasília, Distrito Federal e Plano Piloto.

## CAPÍTULO 4

*“O que tento lhe traduzir é mais misterioso, se enreda nas raízes mesmas do ser, na fonte impalpável das sensações”.*  
*(J. Gasquet, Cézanne)*





## **CAPÍTULO IV**

### **BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL E PLANO PILOTO: DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS À PRODUÇÃO DE SENTIDOS**

É conhecido, especialmente entre os brasilienses, que têm algum conhecimento sobre o Distrito Federal, Brasília e Plano Piloto, o quanto é confuso a utilização destes termos. Segundo Lassance (2001), expressam-se de forma simples e objetiva, como:

- Distrito Federal – é o território onde se localiza a cidade de Brasília;
- Brasília – é a Capital da República;
- Plano Piloto – é o projeto de Lúcio Costa que originou Brasília.

Todavia, esses são conceitos que não aparecem de forma clara, ou pelo menos, como sugere a legislação pertinente (LASSANCE, 2002), haja vista, que as vivências, experiências e percepções dos moradores, influenciam sobremaneira, a forma com que estes apreendem os espaços.

Segundo Lassance (2002), isso se deve ao desconhecimento do que define como “singularidades, atipicidades ou diferenças do Distrito Federal e Brasília” em relação às demais Unidades da Federação e seus respectivos municípios.

Nesta perspectiva, propõe-se discutir as “muitas” Brasília existentes no contexto do Distrito Federal, com defesas marcantes de teóricos e expoentes estudiosos de Brasília. Todavia, espera-se apreender o posicionamento do migrante, morador do Distrito Federal e da RIDE<sup>8</sup>. Para tanto, é importante destacar que além das regiões metropolitanas, foram criadas, no final dos anos de 1990, as RIDES, que agrupou municípios de mais de uma Unidade da Federação. A primeira RIDE criada no Brasil foi a do Distrito Federal e Entorno, com 22 municípios: dois do Estado Minas Gerais, 19 do Goiás, mais o Distrito Federal (KOUCHER, 2014, p. 193).

A RIDE, bem como as regiões metropolitanas e aglomerações urbanas, foram criadas com um objetivo comum – fomentar projetos de desenvolvimento regional através da unificação de procedimentos relativos aos

---

<sup>8</sup> RIDE – Regiões Integradas de Desenvolvimento.

serviços públicos comuns aos municípios dessas áreas (KOUCHER, 2014, p. 193).

Assim, além de entender como o migrante e o brasiliense apreendem o Distrito Federal e sua divisão político-administrativa – Brasília, Cidades-Satélites, Regiões Administrativas – é relevante ainda, pensar o deslocamento interno no contexto da RIDE. Como lembra KOUCHER (2014), há um novo cenário, em que as velhas dicotomias, campo-cidade e centro-periferia já não são suficientes para explicar os deslocamentos populacionais.

Para KOUCHER (2014, p. 194), trata-se de uma nova configuração regional, com novas polarizações – diferentes, tanto na forma quanto no conteúdo, em que os polos tradicionais passaram a dividir a influência social e econômica com novos polos, resultando em um reordenamento territorial um tanto mais complexo. Ele afirma ainda, que “é importante observar que essas novas regiões passaram a ser organizadas a partir da dispersão populacional que se estabeleceu no espaço urbano das primeiras regiões metropolitanas. Daí a necessidade de se construir “*novas categorizações*” que possam dar conta dessas novas conjunturas que se estabelecem no espaço urbano contemporâneo, e que tem, na relação deslocamentos populacionais – distribuição econômica, um terreno fértil para a Geografia dos Deslocamentos.

Segundo BRITO (2007, p. 2), dentro dos aglomerados metropolitanos, observa-se uma tendência a um maior crescimento dos municípios periféricos em relação às capitais, evidenciando um processo de inversão espacial do comando do crescimento demográfico metropolitano, o que pode ser notado no contexto da RIDE/DF.

#### **4.1 Brasília, entre a mídia e as preferências individuais**

A utilização do termo Brasília tem sido feita, considerando preferências individuais. Isto é, a falta de conhecimento daquilo que é definido por Lassance como “singularidades, atipicidades ou diferenças do Distrito Federal e Brasília em relação aos estados e municípios brasileiros” (LASSANCE, 2002, p. 11). O desconhecimento destas atipicidades tem gerado muitos conceitos

equivocados que se encontram amplamente difundidos entre a população do Distrito Federal.

Para LASSANCE (2002), esses erros foram difundidos ao longo dos anos pela mídia, especialmente jornais e emissoras de rádio e televisão. E mais grave ainda, equívocos replicados por meio de livros didáticos, estabelecimentos de ensino e discursos proferidos por políticos e autoridades governamentais.

É importante ressaltar que renomados teóricos do campo de estudo das representações sociais, dentre eles, MOSCOVICI (1961/1978); CHOMBART DE LAUWE (1986); BAUER (1995); SÁ (1998); ORDAZ e VALA (1999) e SHIMIZU (2004), têm discutido o poder dos meios de comunicação de massa na formação e circulação das representações na sociedade atual.

A esse respeito DOISE (1993) considera a habilidade da mídia em transformar ideias, fatos e acontecimentos em imagens e figuras significativas e determinantes na orientação de condutas e SHIMIZU (2004), salienta estudos de representações sociais sobre aspectos sociomoraes, que sugerem a influência da mídia na formação de valores (SHIMIZU, 2004, p.3).

Nesse sentido, é relevante resgatar a origem da expressão “representação social”. Trata-se de um termo europeu que remete ao conceito de “representação coletiva” da teoria funcional de Émile Durkheim, que foi resgatado por Serge Moscovici no desenvolvimento da Teoria das Representações Sociais, como área da Psicologia Social (ALEXANDRE, 2001, p.111).

Para Moscovici, a representação social trata-se do “posicionamento e localização da consciência subjetiva nos espaços sociais, com o sentido de constituir percepções por parte dos indivíduos”. Isso quer dizer que a representação que se tem de um objeto social se dá por meio de um processo de formação entendido como um encadeamento de fenômenos interativos, fruto dos processos sociais vividos pelos sujeitos (ALEXANDRE, 2001, p.111).

Segundo ALEXANDRE (2001), a abordagem de Serge Moscovici considera o aspecto conceitual e epistemológico, ou seja, trata-se da inter-relação entre os sistemas de pensamento e as práticas sociais. Dessa forma, espera-se compreender os fenômenos complexos do senso comum e a eficácia destas representações na orientação dos comportamentos e na

comunicação. Nesse contexto, a representação social é o sistema de recepção de novas informações sociais. Para ABRIC (2001, p. 6), a representação não é um simples reflexo da realidade, mas uma organização significativa, quando afirma que:

La representación no es así un simple reflejo de la realidad, sino una organización significativa. Esta significación depende a la vez de factores contingentes (de «circunstancias», dice Flament) —naturaleza y obligaciones de la situación, contexto inmediato, finalidad de la situación— y factores más generales que rebasan la situación misma: contexto social e ideológico, lugar del individuo en la organización social, historia del individuo y del grupo, desafíos sociales. La representación funciona como un sistema de interpretación de la realidad que rige las relaciones de los individuos con su entorno físico y social, ya que determinará sus comportamientos a sus prácticas. Es una *guía para la acción*, orienta las acciones y las relaciones sociales. Es un sistema de pre-descodificación de la realidad puesto que determina un conjunto de *anticipaciones y expectativas*.

ALEXANDRE (2001, p.112), por sua vez alerta para o fato de que os estudos que adotam uma concepção de ser humano historicamente construído e que enxergam a sociedade como um produto histórico, a comunicação passa a ser indispensável nos estudos das representações. Assim, “a preocupação não é mais o que é comunicado, mas a maneira com que se comunica e com o significado que a comunicação tem para o ser humano”.

Retomando o caso específico da utilização equivocada do termo Brasília, LASSANCE (2002) alerta para a responsabilidade dos meios de comunicação na difusão das informações e o risco destas, quando veiculadas sem preocupação com a veracidade. Para ele, o uso equivocado do termo Brasília se deve aos erros propagados pela mídia e por importantes instituições do nosso país.

A grande responsável por isso, apesar de que eles não gostam que a gente faça referência, mas isso foi dito por um jornalista, Vladimir Safatle. Ele disse que a imprensa é o 4º poder e eu concordo com ele. A imprensa é realmente o 4º poder. O que acontece? Desde os primórdios de Brasília, que algum jornalista cometeu esse erro, que se propagou feito pólvora. Eu não acredito em má fé de ninguém, nem teria razão para isso! De forma que é muito grande o poder da imprensa, e esta, sempre se refere a esse assunto de forma equivocada. Por exemplo, eu já escrevi e levei pessoalmente à maior emissora

de televisão do país e ao jornal de maior abrangência no Distrito Federal, as citações que eles fizeram... de que Brasília, no último censo, repetindo a mesma estupidez repetida pelo IBGE, outro órgão que eu acuso de ser o grande responsável pelos males de informar erradamente.

A afirmação de ALEXANDRE (2001, p.113) corrobora com LASSANCE (2002), quando afirma que “a comunicação é o processo de troca de experiências para que se torne patrimônio comum”. Ela modifica a disposição mental das partes envolvidas (leitor ou ouvinte) e inclui todos os procedimentos por meio dos quais uma mente pode afetar outra, ou seja, todo o comportamento humano.

Os meios de comunicação de massa atingem simultaneamente uma vasta audiência, em um curto espaço de tempo, envolvendo milhares de pessoas no processo. Essa audiência, além de heterogênea e geograficamente dispersa, é constituída de membros anônimos para a fonte, mesmo que a mensagem, em função dos objetivos do emissor, ou da estratégia mercadológica do veículo, seja dirigida especificamente a uma determinada parcela do público, isto é, um só sexo, uma faixa etária, um determinado grau de escolaridade. (ALEXANDRE, 2001, p. 113)

Nesse sentido, é importante compreender que os meios de comunicação podem exercer muitas funções, como transmitir cultura, valores e normas sociais de uma geração a outra. Todavia, essas funções podem chegar ao leitor/ ouvinte como disfunções – resultados indesejáveis do ponto de vista da sociedade ou de alguns de seus membros (ALEXANDRE, 2001, p.114).

Nesse contexto, como forma de ilustrar como a mídia local colaborou com a difusão do uso equivocado do termo Brasília entre os moradores do Distrito Federal e conseqüentemente, induziu os novos moradores do Distrito Federal a familiarizarem com o uso falseado dos termos em questão, reunimos, aleatoriamente, vinte e três recortes do jornal Correio Brasiliense, da seção intitulada “Isto é Brasília”, no período de setembro de 2003 a julho de 2009. Dos recortes em questão, apenas dez são alusivos verdadeiramente a Brasília. Os doze restantes, fazem referência a nove outras cidades do Distrito Federal e que não podem ser confundidas com Brasília.

Abaixo, estão dispostas, em ordem cronológica, as publicações do jornal Correio Brasiliense, todavia, é importante destacar que entre os conteúdos realmente atinentes a Brasília, foram publicadas matérias

relacionadas às RAs do Distrito Federal, que segundo a legislação, não se trata de Brasília, todavia, a coluna tem o título: “*ISTO É BRASÍLIA*”, conforme disposição a seguir.

Em reportagem do dia 18 de setembro de 2003, página 29 do Correio Brasiliense, foi veiculado o seguinte texto:

**Reportagem\_1:** Os Estados unidos foram o primeiro país a estabelecer **uma embaixada em Brasília**. O terreno, doado pelo governo brasileiro, foi escolhido pelo então secretário de Estado John Foster Dulles, **em visita à capital federal** em 1958, na companhia de Juscelino Kubitschek. Antes de ser inaugurada, em abril de 1961, a chancelaria norte-americana foi ocupada por um trailer e, depois, projetada por uma empresa dos Estados Unidos. Só em março de 1976, o edifício principal de dois andares, linhas simples e modernas, ficou pronto. O jardim da embaixada foi criado pelo paisagista brasileiro Burle Marx.

*13/09/2003, página 29 do correio brasiliense.*



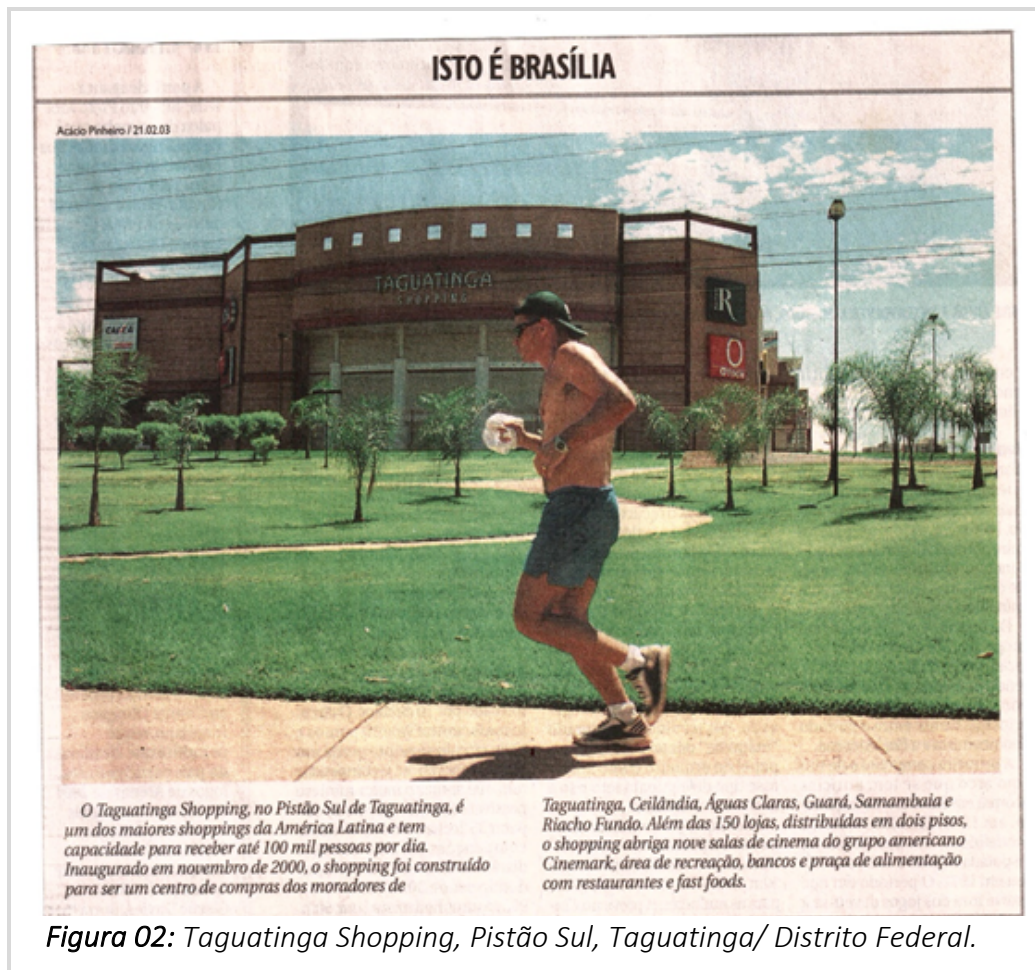
**Figura 01:** Embaixada dos Estados Unidos, Brasília/ Distrito Federal.

Esta reportagem, destaca que a embaixada dos Estados Unidos foi a primeira a ser construída na Capital Federal, e que teve o jardim criado pelo paisagista brasileiro Burle Marx. Trata-se de uma simples curiosidade sobre Brasília. Nesse sentido, é importante destacar que esse foi o objetivo da coluna, informar e entreter com conteúdo sobre Brasília conforme o título da mesma mostra. Todavia, ao acompanhar a coluna, um leitor mais atento começa a perceber um afastamento da proposta sugerida pelo título da matéria. Fato que pode ser observado nas reportagens seguintes.

Em reportagem na mesma coluna, publicada aproximadamente seis meses depois traz uma matéria sobre a Cidade Taguatinga, conforme segue:

**Reportagem\_2: O Taguatinga Shopping no Pistão Sul de Taguatinga**, é um dos maiores shoppings da América Latina em tem capacidade para receber até 100 mil pessoas por dia. Inaugurado em novembro de 2000, o shopping foi construído para ser um centro de compras dos **moradores de Taguatinga, Ceilândia, Águas Claras, Guará, Samambaia e Riacho Fundo**. Além de 150 lojas, distribuídas em dois pisos, o shopping abriga nove salas de cinema do grupo americano Cinermark, área de recreação, bancos e praça de alimentação com restaurantes e fast foods.

29/02/2004, página 29 do Correio Brasiliense



Taguatinga é uma cidade do Distrito Federal, correspondente à Região Administrativa III. Criada em 1958 e está localizada a 19km de Brasília. A reportagem, não deveria compor um quadro que tinha como proposta divulgar eventos, curiosidades e utilidade pública de Brasília. Este é um exemplo clássico de como a mídia contribuiu para forjar a Representação Social do morador do Distrito Federal, independentemente de onde ele resida. Como afirma Lassance, por meio de entrevista:

O Distrito Federal é uma Unidade Federativa, completamente diferente de Brasília, que é a Capital do Brasil. Brasília é uma cidade, tanto quanto é Taguatinga, tanto quanto é Ceilândia, tanto quanto é Gama e qualquer uma das outras cidades.

Na reportagem veiculada aproximadamente um mês seguinte, a coluna apresenta um restaurante que serve comidas típicas nordestinas. Segundo o jornalista, muito frequentado por conhecidos nomes da política



nacional. Desta vez, a matéria atende ao proposto, já que o famoso restaurante, funciona na Asa Norte, em Brasília.

**Reportagem\_3:** O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, como bom nordestino, já foi freguês. Isso na década de 80, quando era deputado constituinte e **morava em Brasília**. Hoje, os famosos que sentam nas mesas do restaurante Xique-Xique são deputados e senadores do Nordeste e de outras partes do país, como o paulista Ricardo Berzoini, ministro do trabalho, ou o gaúcho Olívio Dutra, das Cidades. **Como os brasilienses**, eles vão ali saborear a carne de sol nordestina, servida com feijão de corda, paçoca, macaxeira, arroz, manteiga de garrafa e cheiro verde. [...] e possui outras opções.

08/03/2004, página 15 do Correio Brasiliense



Figura 03: Restaurante nordestino – Asa Norte, Brasília/ Distrito Federal.

Seis dias depois, a mesma coluna trouxe uma matéria sobre a orquestra sinfônica do Teatro Nacional, associando este à história de Brasília. Esta é outra reportagem que atende ao propósito que traz como título.

**Reportagem\_4:** A *Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional* foi fundada em 1980 pelo mastro Cláudio Santoro. Nesses 24 anos, *a orquestra passou por momentos inesquecíveis, que se confundem com a história cultura de Brasília*. As apresentações com balés Kirov e Bolshoi, a turnê com a primadonna do Metropolitan Opera Nova York, Aprile Millo, a reinauguração do Teatro Amazonas de Manaus e os concertos dos Festivais de Inverno de 1991 e 1992, em Campos do Jordão, são alguns dos espetáculos do currículo da orquestra, formada por 75 músicos. Atualmente, a orquestra é regida pelo maestro Silvio Barbato, um dos discípulos de Cláudio Santoro.

14/03/2004, página 31 do *Correio Brasiliense*

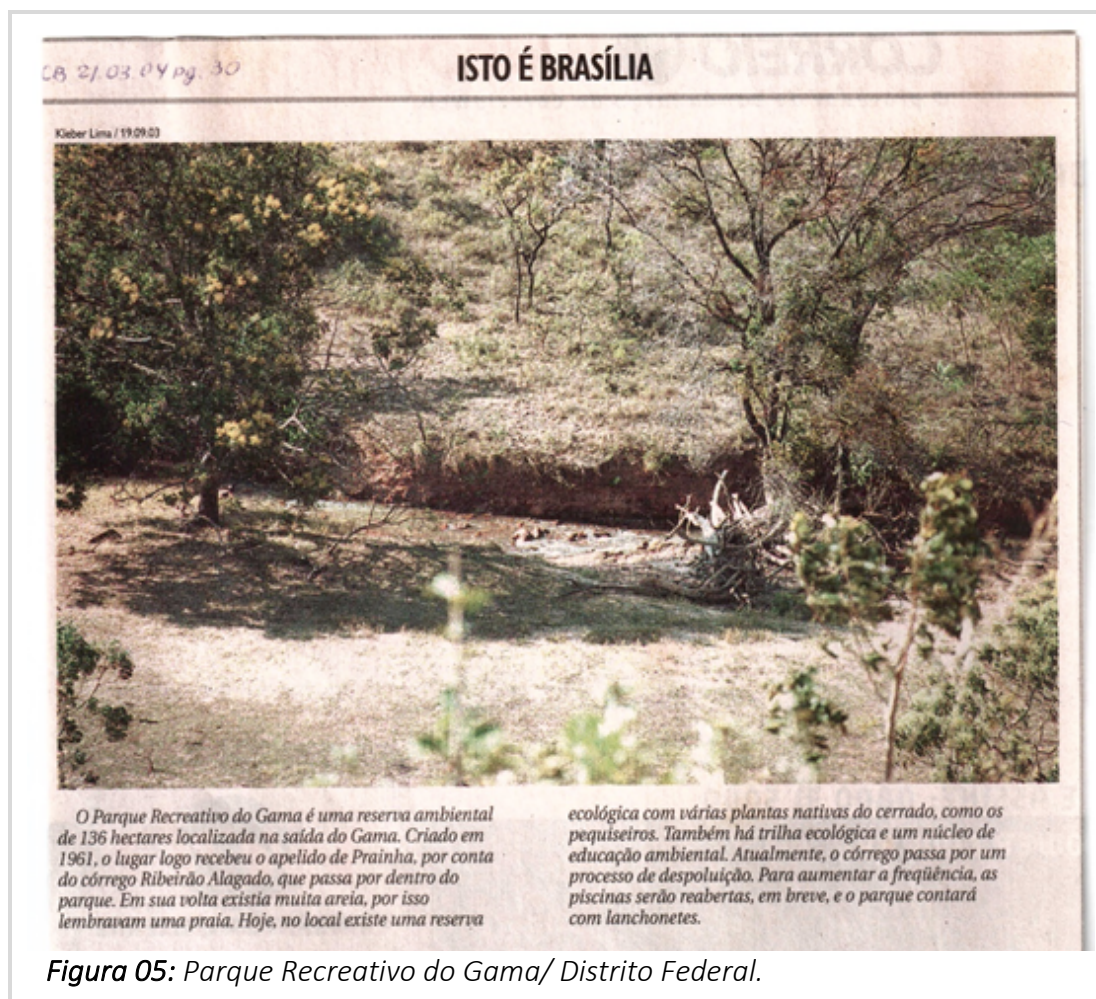


A reportagem da semana seguinte, foi muito interessante. Com conteúdo ambiental rico, onde informa o leitor sobre o parque recreativo do Gama, ressaltando as potencialidades do local – trilhas ecológicas e educação ambiental, além de proporcionar uma leitura leve, agradável. O que há de errado com a reportagem? Aparentemente, nada! Não fosse o fato de Gama ser uma cidade do Distrito Federal, mas não é parte de Brasília.

Criada em 12 de outubro de 1960, o Gama é a cidade correspondente à Região Administrativa II, localizada a 30 km de Brasília e a sua população atual é de 134 mil habitantes.

**Reportagem\_5:** O **Parque Recreativo do Gama** é uma **reserva ambiental** de 136 hectares **localizada na saída do Gama**. Criado em 1961, o lugar logo recebeu o apelido de Prainha, por conta do córrego Ribeirão Alagado, que passa por dentro do parque. Em sua volta existia muita areia, por isso lembravam uma praia. Hoje, **no local existe uma reserva ecológica com várias plantas nativas do Cerrado**, como os pequizeiros. Também há trilha ecológica e um núcleo de educação ambiental. Atualmente, o córrego passa por um processo de despoluição. Para aumentar a frequência, as piscinas serão reabertas, em breve, e o parque contará com lanchonetes.

21/03/2004, página 30 do correio brasiliense



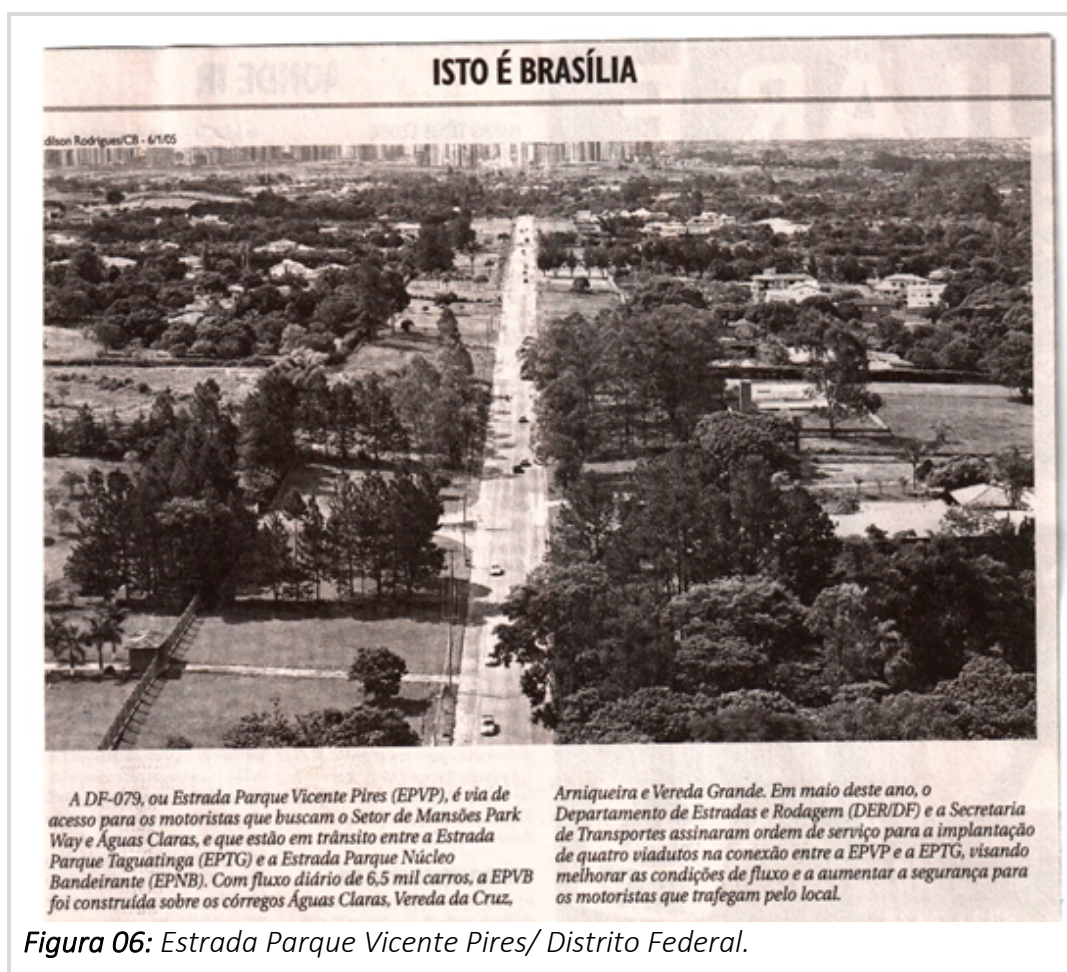
Em reportagem veiculada sete dias depois, o assunto foi as principais vias de grandes fluxos do Distrito Federal, sendo a Estrada Parque

Vicente Pires (EPVP) o foco da matéria. As estradas (vias) que aparecem na matéria, estão fora da área de Brasília. Esta é uma das formas de comunicação que induzem o leitor a uma utilização equivocada do termo Brasília.

A cidade Vicente Pires ou Região Administrativa XXX, foi criada em 26 de maio de 2008. Está localizada a 13 km de Brasília, com população de 72 mil habitantes.

**Reportagem\_6: A DF-79, ou Estrada Parque Vicente Pires (EPVP)**, é via de acesso para os motoristas que buscam o Setor de **Mansões Park Way e Águas Claras, e que estão em trânsito entre a Estrada Parque Taguatinga (EPTG) e a Estrada Parque Núcleo Bandeirante (EPNB)**. Com fluxo diário de 6,5 mil carros, a EPVP foi construída sobre os **córregos Águas Claras, Vereda da Cruz, Arniqueira e Vereda Grande**. Em maio deste ano, o Departamento de Estradas e Rodagem (DER/DF) e a Secretaria de Transportes assinaram ordem de serviço para a implantação de quatro viadutos na conexão entre a EPVP e a EPTG, visando melhorar as condições de fluxo e a aumentar a segurança para os motoristas que trafegam pelo local.

28/03/2004, página 37 do correio brasiliense



**Figura 06:** Estrada Parque Vicente Pires/ Distrito Federal.

A coluna “Isto é Brasília”, uma semana depois, publica uma reportagem extremamente importante, do ponto de vista social e humanitário, sobre a ABRACE, uma associação muito conhecida e respeitada em todo o Distrito Federal por dar assistência a crianças portadoras de câncer. É uma matéria necessária e comovente, mas a sede da Instituição fica na cidade do Guará.

O Guará, por sua vez, é uma importante cidade do Distrito Federal, mas não faz parte de Brasília. A esse respeito, Lassance afirma:

**Assim, dizer que as cidades do Distrito Federal são bairros de Brasília é de uma estupidez que não tem tamanho. Se são cidades, legalmente criadas, elas não podem ser transformadas em bairros.** E, outra coisa, a maior parte destas cidades do Distrito Federal, elas têm toda uma infraestrutura que qualquer cidade tem.

Quando se associa uma cidade do Distrito Federal à Brasília, alude-se que esta está para Brasília como um bairro (divisão comum em outras Unidades da Federação) está para o centro da cidade. Todavia, aqueles que defendem a existência de “bairros”, além do desrespeito às leis pertinentes, que sempre omitiram essa expressão, também desrespeitam a liberdade de criação e a vontade dos urbanistas que - a partir de Lúcio Costa, na concepção urbana do Plano Piloto – criaram as Zonas, Setores, Quadras, Conjuntos, Blocos e Lotes (LASSANCE, 2002, p. 29).

Lassance (2002, p. 30), alerta ainda, para o artigo 6º da Lei Complementar Nº.17, de 28 de janeiro de 1997 – O Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal (PDOT/DF) deverá atender às seguintes estratégias: (...) “III – reforçar a autonomia de cada cidade, configurando centros locais dotados de equipamentos, serviços, mobiliário urbano e espaços qualificados que garantam urbanidade”.

Nesse sentido, tanto o artigo 19 quanto o 20, em seu parágrafo segundo, inciso IV, prevê que seja reforçada a autonomia e a revitalização da centralidade própria de cada cidade (LASSANCE, 2002, p.32).

**Reportagem\_7:** A Associação Brasileira de assistência às Famílias de Crianças portadoras de Câncer e Hemopatias (Abrace) é uma instituição que auxilia familiares e crianças no tratamento da doença. A instituição mantém a Casa de Apoio,

que atende as crianças em tratamento e as que já estão curadas, mas necessitam ficar em observação para verificar se não existem mais sintomas de câncer. Atualmente, são atendidas oito crianças na Casa de Apoio. Para financiar os projetos, a instituição desenvolve eventos com a colaboração de empresas e voluntários. Entre eles estão o Bazar de Páscoa e o McDia Feliz. A abraçe quer construir o Hospital de câncer Infantil no DF. Quem tiver interesse em ajudar pode entregar as **doações na casa de apoio, que fica na AE do Guará II, próximo à Administração Regional.**

04/04/2004, página 32 do correio brasiliense



Figura 07: Casa de apoio da Abrace, Guará/ Distrito Federal.

Em outra matéria veiculada na mesma coluna, noticiou-se o museu do automóvel, que apresentaria exposição de veículos, nos modelos que circulavam no Distrito Federal na época da construção de Brasília. Tratou-se de uma reportagem que realmente noticiou Brasília.

**Reportagem\_8: Brasília ganhou na última semana mais um espaço de lazer e cultura – o Museu do Automóvel.** Uma iniciativa da Fundação Memória do Transporte, coordenado

pelo advogado e jornalista Roberto Nasser, especialista em automobilismo. Estão expostos mais de 25 carros antigos, de 1928 até a década de 60, **modelos que circulavam na época da construção de Brasília**, como o Jipe Willys (1955), o jipe candango, o Willys Gávea (primeiro carro da Fórmula 3 construído no Brasil) e o único exemplar do Fúria FNM. [...] A entrada até hoje é 1k de alimento não-perecível.

08/04/2004, página 31 do Correio Brasiliense



Figura 08: Museu do automóvel, Brasília/ Distrito Federal.

Dessa vez, o lago Paranoá foi a notícia. Uma reportagem muito feliz, informando que os pescadores voltaram a frequentar o lago, após comprovada a eficácia do processo de despoluição e comprovada a qualidade da água. Esta Matéria foi feliz em informar corretamente.

**Reportagem\_9:** Desde a **despoluição do Paranoá**, os **pescadores voltaram a integrar a paisagem do lago**. Durante o período mais crítico de poluição, no final da década de 70, a tilápia era praticamente o único peixe encontrado. Em

1999, a pesca foi liberada, depois de comprovada a qualidade das mais de 20 espécies, Acarás, Saguirus, traíras são peixes nativos da região que não conseguiram sobreviver nas águas turvas do Lago Paranoá. Aos poucos, o controle da atividade pesqueira, eles voltam a povoar o seu habitat natural. As tilápias e carpas, no entanto, são as espécies predominantes. [...] A carpa é abundante na zona centro sul e no braço do Gama.

11/04/2004, página 27 do Correio Brasiliense



Figura 09: Lago Paranoá, a volta dos pescadores, Brasília/ Distrito Federal.

Porém, no dia 16 de maio de 2014, a coluna: “isto é Brasília” não foi feliz com a publicação, uma vez que trouxe um conteúdo muito importante relacionado à temática ambiental, mas não se tratava de Brasília efetivamente. O autor ressaltou a preocupação de avaliar o conjunto dos recursos naturais que a nova capital precisaria para crescer, mas faz referências às cidades de Brazlândia, Taguatinga e Ceilândia.

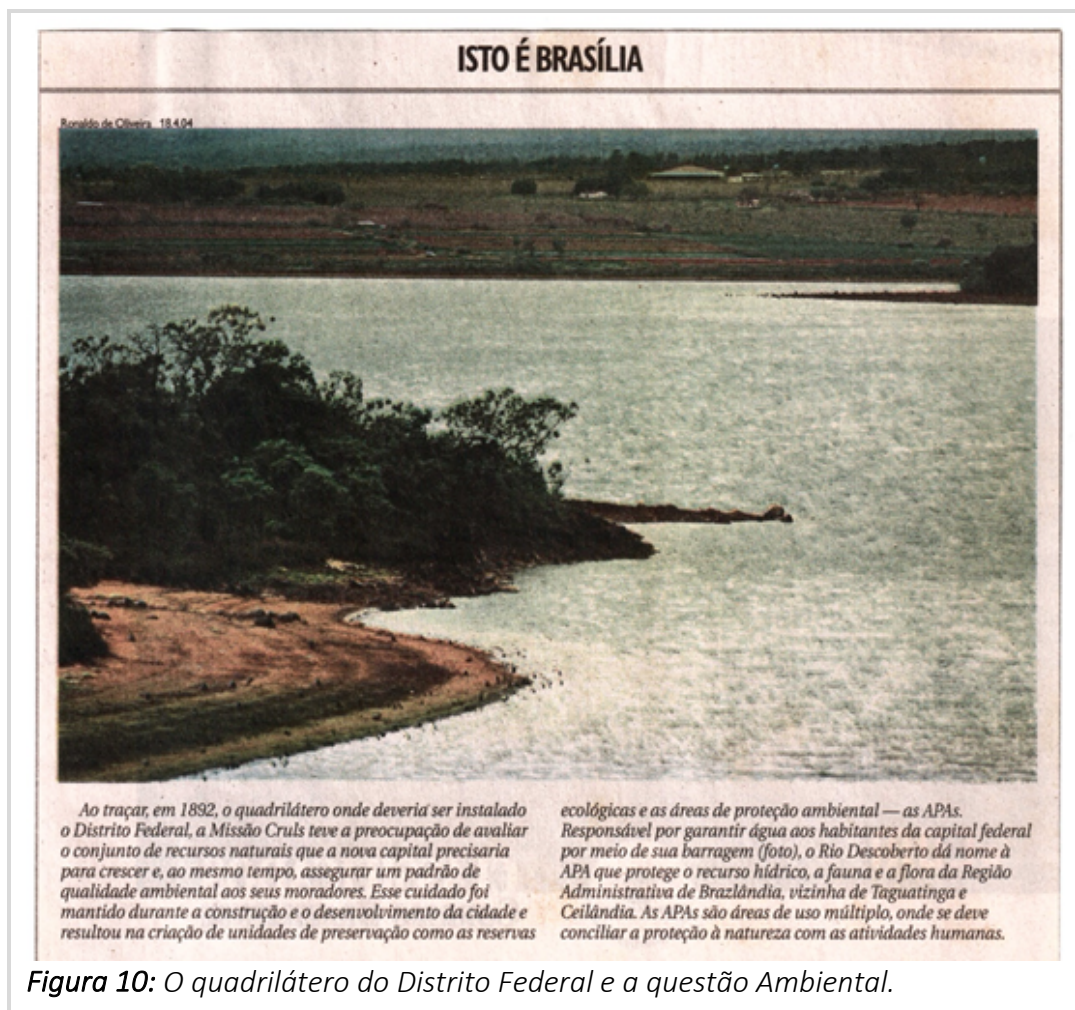


É importante entender que **essas cidades foram criadas legalmente pela LO/DF, ou seja, elas tiveram todo trânsito dentro dessa legislação. Foi proposta pelo governador, a criação desta cidade. Este projeto de lei foi encaminhado à Câmara Legislativa do Distrito Federal. A CL/DF aprovou e desenvolveu para o governador, que sancionou a lei.** Ela seguiu o trânsito absolutamente legal e constitucional (Lassance, 2019).

Esse tipo de reportagem influencia grandemente na forma com que a população vê Brasília, o Distrito Federal e suas importantes cidades. Principalmente, porque existem questões institucionais que não podem ser simplesmente desconsideradas, como afirmou, mais uma vez, Lassance.

**Reportagem\_10:** Ao traçar, em 1892, o **quadrilátero onde deveria ser instalado o Distrito Federal**, a Missão Cruls teve a preocupação de avaliar o conjunto de recursos naturais que a nova capital precisaria para crescer e, ao mesmo tempo, **assegurar um padrão de qualidade ambiental** aos seus moradores. Esse cuidado foi mantido durante a construção e o desenvolvimento da cidade e resultou **na criação de unidades de preservação como as reservas ecológicas e as áreas de proteção ambiental – as APAs**. Responsável por garantir água aos habitantes da capital federal por meio de sua barragem, o Rio Descoberto dá nome à APA que protege o recurso hídrico, a fauna e a flora da **Região Administrativa de Brazlândia, vizinha de Taguatinga e Ceilândia**. As APAs são áreas de uso múltiplo, onde se deve conciliar a proteção à natureza com as atividades humanas.

*16/05/2004, página 30 do correio brasiliense*



**Figura 10:** O quadrilátero do Distrito Federal e a questão Ambiental.

Já a reportagem do dia 23 de maio de 20014, trouxe uma matéria sobre a Bacia Hidrográfica do Paranoá. Trata-se de uma importante bacia da região Centro-Oeste e abrange uma vasta área do Distrito Federal. Nesse sentido, essa é mais uma matéria que poderia deixar claro a distinção de Brasília e Distrito Federal, podendo orientar o leitor corretamente.

**Reportagem\_11:** Com 16 mil hectares que avançam sobre os setores residenciais e de clubes, a **Área de Proteção Ambiental (APA) do Lago Paranoá** foi criada em 1989 para proteger a **bacia do Lago Paranoá**, os pequenos mananciais, os ninhais de aves aquáticas e as matas ciliares da região. As APAs são áreas que exigem proteção e fiscalização permanentes, mas permitem o uso múltiplo, conciliando a ocupação humana com a preservação dos recursos naturais. Criado **para amenizar a baixa umidade do ar da capital federal, o lago é formado pelo represamento do Rio Paranoá e dos riachos do Gama, Bananal e Vicente Pires e Ribeirão do Torto.**

23/05/2004, página 31 do Correio Brasiliense

Conforme o artigo 1º do Decreto no 10.829/1987, em seu parágrafo segundo estabelece: “a área que se refere o caput do artigo é delimitada a leste pela orla do lago Paranoá, a Oeste pela Estrada Parque de Indústria e Abastecimento (EPIA), ao Sul pelo Córrego Vicente Pires e ao Norte pelo córrego Bananal, considerada entorno direto dos dois eixos que estruturam o Plano Piloto (LASSANCE, 2017, p.24).

o primeiro erro ocorre pelo fato de que, no mapa apresentado, o limite leste do “plano piloto” foi assinalado pela orla do lago, deixando de fora e excluindo, portanto, da delimitação do “plano piloto”, toda a lâmina d’água do lago Paranoá. O segundo erro cometido refere-se ao Córrego Bananal como limite norte do “plano piloto”. Acontece que existem no DF três córregos denominados Bananal, mas todos eles estão localizados em outras bacias hidrográficas do Distrito Federal. [...] O terceiro erro cometido refere-se ao Córrego Vicente Pires como sendo o limite Sul do “plano piloto”. Na verdade, esse curso d’água denomina-se Riacho Fundo.

Sobre o lago Paranoá, LASSANCE (2017, p.24), leciona ainda: “Esses erros implicam, inclusive, a alteração dos próprios limites físicos estabelecidos na legislação referida, porquanto o Córrego Vicente Pires é afluente do Riacho Fundo e este sim, é que deságua na embocadura do lago Paranoá.



**Figura 11:** Bacia Hidrográfica do Lago Paranoá, Distrito Federal.

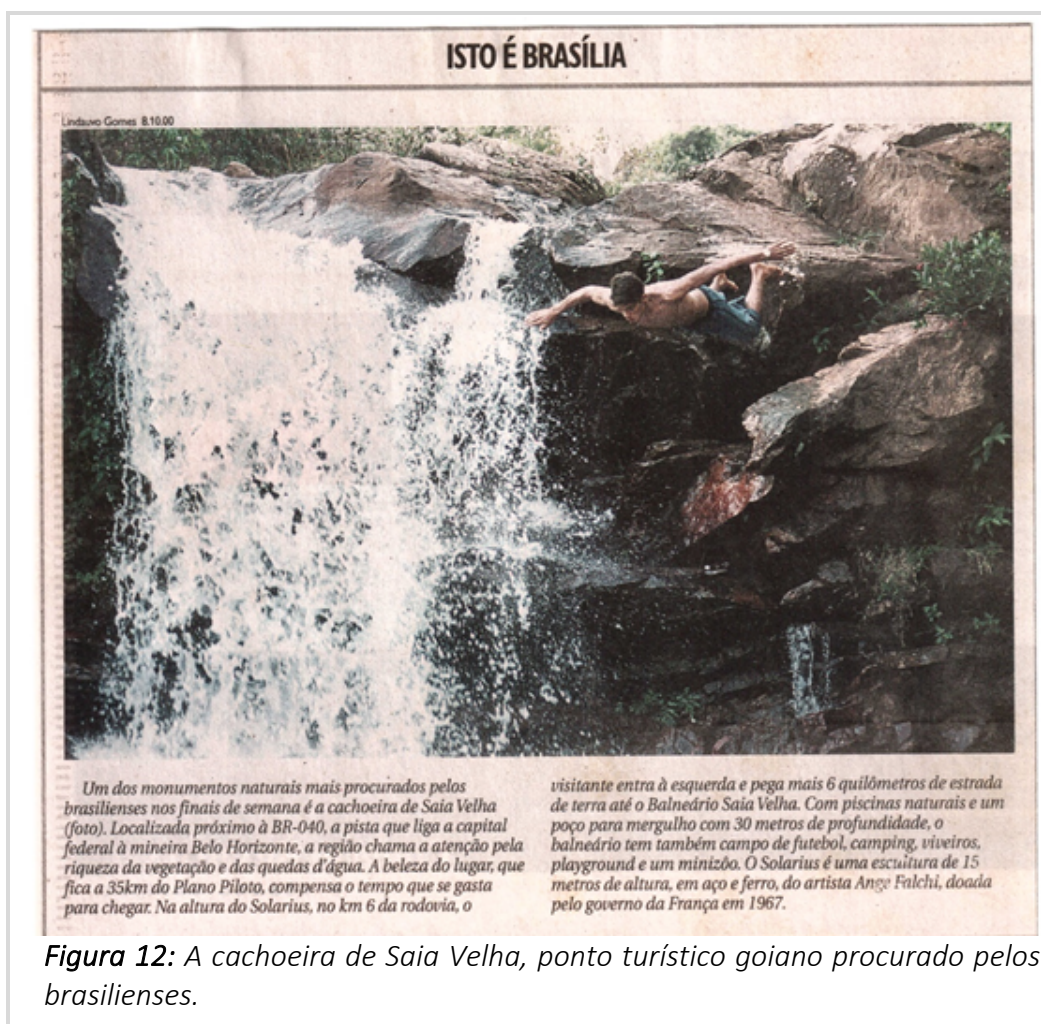
Vale destacar, que não se trata de uma notícia falaciosa intencional. É um conteúdo importante e deve despertar o interesse do leitor, principalmente no que tange à questão ambiental, assunto tão urgente. O que se discute aqui, é a necessidade de se referir a Brasília quando for Brasília e Distrito Federal, quando for o caso, e o é.

Esses são erros se tornam graves, pois divergem da verdadeira nomenclatura, bem como das localizações corretas. Como consequência disso, fomenta o erro as autoridades, a mídia, acadêmicos, professores, e por fim, a população inteira (LASSANCE, 2017, p.25).

A reportagem de seis de junho de 2004, é mais uma das típicas reportagens da coluna em questão. Dessa vez, a cachoeira de Saia Velha aparece como um importante ponto turístico procurado por brasilienses. Todavia, a mesma não faz parte de Brasília, pois pertence ao município de Luziânia/GO. Isto é, não faz parte nem do Distrito Federal, mas aparece na coluna “isto é Brasília”.

**Reportagem\_12:** Um dos monumentos naturais mais procurados pelos brasilienses nos finais de semana é a **cachoeira de Saia Velha**. Localizada próximo à BR-040, a pista que liga a capital federal à mineira Belo Horizonte, a região chama a atenção pela riqueza da vegetação e das quedas d'água. A beleza do lugar, que fica a 35km do Plano Piloto, compensa o tempo que se gasta para chegar. **Na altura do Solarius**, no km 6 da rodovia, o visitante entra à esquerda de pega mais 6 quilômetros de estrada de terra até o balneário Saia Velha. Com piscinas naturais e um poço para mergulho com 30 metros de profundidade, o balneário tem também campo de futebol, camping, viveiros, playground e um minizoo. O Solarius é uma escultura de 15 metros de altura, em aço e ferro, do artista Ange Falchi, doada pelo governo da França em 1967.

06/06/2004, página 33 do Correio Brasiliense



São questões como essa, que paulatinamente, induzem o próprio brasiliense a se referir a Brasília, Plano Piloto e Distrito Federal de forma errônea. Todavia, não se pode afirmar que esses equívocos veiculados

frequentemente se dão por simples má fé, mas é fato que eles trabalham de forma contrária à legislação.

Entre uma publicação e outra, a coluna em questão, veicula alguma reportagem que fazem jus ao título que carrega. A reportagem que segue é uma dessas.

**Reportagem\_13:** A origem do **monumento que enfeita a Praça dos Três Poderes** é, no mínimo, curiosa. Dizem que a esposa do ex-presidente Jânio Quadros, Eloá Quadros, mandou uma carta ao arquiteto Oscar Niemeyer queixando-se de que a praça estava sem vida e sugerindo que fosse construída uma casa de pombos no local. Daí surgiu o monumento que ganhou o nome de Pombal e tem 26 metros de altura. [...] O Pombal foi inaugurado em 1961. Niemeyer não confirma nem desmente Barney. Diz apenas que não se lembra da carta. Na inauguração, foi solta quase uma centena de pombos brancos para ocupar o espaço.

26/09/2004, página 35 do Correio Brasiliense

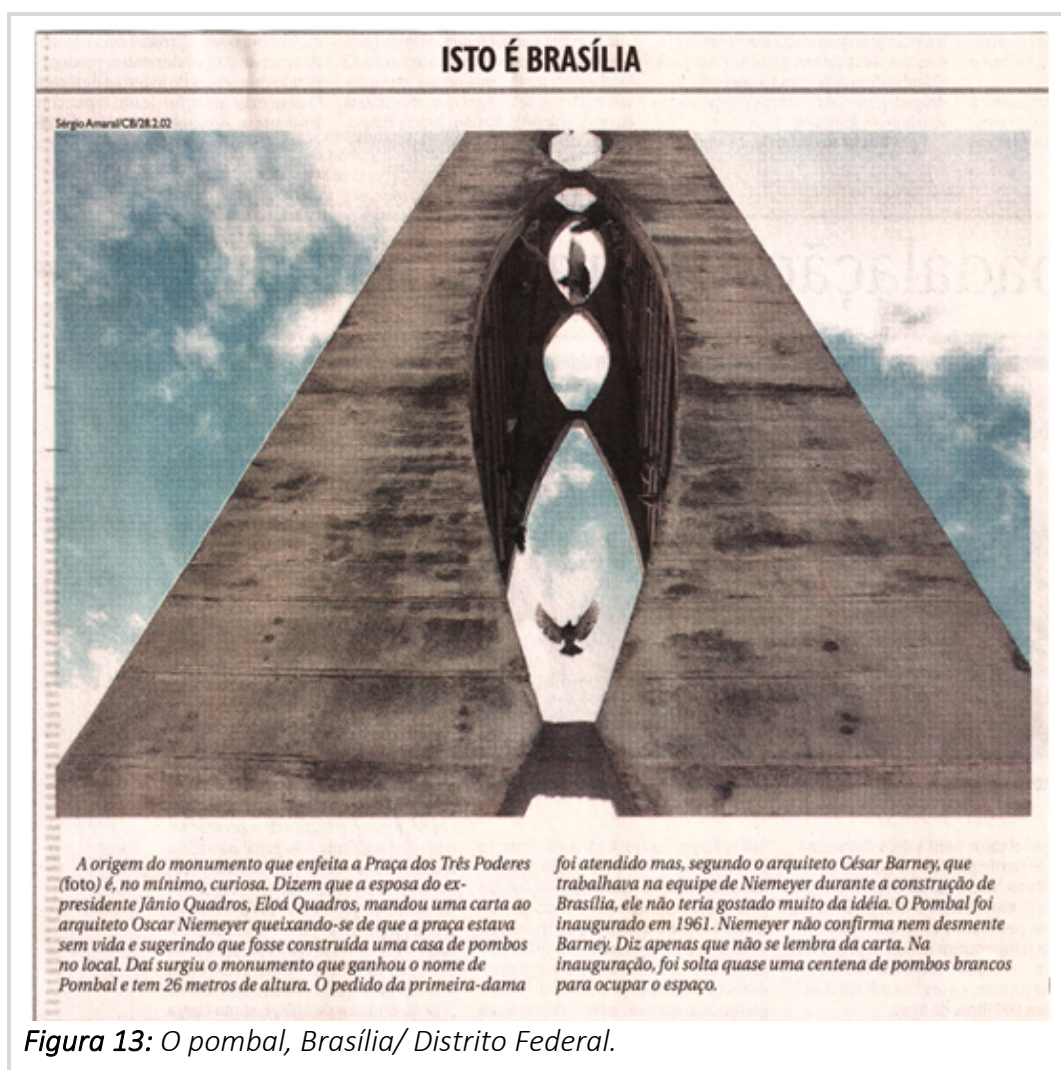


Figura 13: O pombal, Brasília/ Distrito Federal.

O estádio de futebol do Núcleo Bandeirante, também apareceu na coluna em questão como sendo de Brasília, na reportagem de quinze de janeiro de 2005. A questão é que o estádio está localizado a 20,4 km de Brasília, em uma importante cidade do Distrito Federal – Núcleo Bandeirante. Mais uma vez, foi possível verificar como a mídia propaga a informação, mas nem sempre é exequível corrigir as implicações destas na vida dos leitores.

**Reportagem\_14:** *O estádio de futebol do Núcleo Bandeirante é mais conhecido como Metropolitana, mas seu nome oficial é Vasco Viana de Andrade. Ele foi fundado em agosto de 1959 pelo **Grêmio Esportivo Brasiliense**. Um ano depois, o Grêmio fez uma permuta com a **Administração Regional do Núcleo Bandeirante**, [...]. A iluminação continua precária, mas o campo ganhou cinco para-raios e dez saídas de emergência na reforma para atender exigências do Corpo de Bombeiros. O muro foi recuperado e os vestiários receberam pintura nova.*

*15/01/2005, correio brasiliense*



Duas semanas depois, Taguatinga aparece na coluna “isto é Brasília”. Uma rica reportagem, mostrando o acervo de esqueletos, partes do corpo humano e cadáveres da Universidade Católica de Brasília para serem utilizados nos cursos da área de saúde. Todavia, Taguatinga não é Brasília.

**Reportagem\_15:** Museu de Anatomia da **Universidade Católica de Brasília** foi inaugurado em 2000. O espaço tem um acervo de esqueletos e partes do corpo humano. A universidade também dispõe de um acervo de cadáveres, porém eles não são expostos ao público e servem para estudo dos alunos dos cursos da área de saúde. De acordo com a coordenadora do espaço de aprendizagens práticas, as peças que mais chamam a atenção são as glicerinadas. (...) **O museu fica no Campus I da Católica, em Taguatinga.**

29/03/2006, página 47 do correio brasiliense





Em quatro de maio de 2006, a coluna trouxe uma reportagem sobre o memorial dos Povos Indígenas. Dessa vez, a reportagem realmente se referiu a um monumento de Brasília.

**Reportagem\_16:** A história do **Memorial dos Povos Indígenas** é, assim como a de seus homenageados, marcada por lutas intensas. O prédio foi desconstruído em 1987, com financiamento da Fundação Banco do Brasil, mas inicialmente sediou o Museu de Arte Moderna. Líderes indígenas, artistas, intelectuais e simpatizantes, inconformados com a destinação do prédio a outros fins, fizeram uma série de protestos, até que em 19 de abril de 1995 local fosse reinaugurado como Memorial de Povos Indígenas. O prédio foi projetado por Oscar Niemeyer e tem a forma de um espiral, que lembra uma maloca redonda dos índios Yanomami. São cerca de 3 mil metros quadrados de área. O memorial tem um espaço livre para exposições e um pátio central, que representa o centro de uma aldeia [...]

04/05/2006, página 39 do Correio Brasiliense



Figura 16: Memorial dos Povos Indígenas, Brasília/ Distrito Federal.

Em julho de 2007 foi veiculada outra reportagem. Dessa vez, a avenida Paranoá figura entre os itens atribuídos a Brasília nesta coluna. Todavia, o Paranoá corresponde à Região Administrativa VII, criada em 10 de dezembro de 1964. Atualmente, sua população é de 44 mil habitantes e está localizada a 25km de Brasília. Trata-se de uma cidade autônoma do Distrito Federal.

**Reportagem\_17: A avenida Paranoá** corta toda **a região administrativa do Paranoá**, longitudinalmente, com cerca de 1,5km. A principal avenida da cidade caracteriza-se pelo grande fluxo de pedestres ao longo do dia, pois todo o comércio do Paranoá, cidade de 63 mil habitantes, se concentra ao longo dessa via. Na maioria, são pequenas lojas que visam a suprir as necessidades dos habitantes do local. A **Avenida Paranoá** possui duas faixas (uma em cada direção), com duas pistas de rolamento em cada faixa. Na extremidade sul da pista existe uma abertura em forma de triângulo para circundar a Praça Central da cidade. Na extremidade Norte, a pista acaba ao encontro da Estação Rodoviária, da Delegacia de Polícia e do Quartel de Bombeiros. A avenida foi construída em 1989, com a implantação urbana do Paranoá. Existe um projeto de revitalização da avenida, a ser aprovado pelo governo do DF, que visa a, principalmente, melhorar a passagem dos pedestres nas calçadas dos edifícios comerciais.

*13/07/2007, página 27 do correio brasiliense*



A Cidade São Sebastião, ou Região Administrativa XIV, foi criada em 25 de junho de 1993. A sua população atual é de 99 mil habitantes e está localizada a 26 km de Brasília. Porém, a reportagem de quinze de julho de 2007 da coluna em análise veiculou uma reportagem em que São Sebastião aparece como área de Brasília. Trata-se de mais uma matéria que pode induzir os moradores de Brasília e do Distrito Federal ao erro.

**Reportagem\_18: São Sebastião nasceu como agrovila** em 1957, quando várias olarias se instalaram no local para suprir a demanda da capital por materiais de construção. Com uma população atual de cerca de 100 mil habitantes, a cidade está localizada entre duas rodovias: a DF-463, que liga a região ao Lago Sul e ao Plano Piloto e a DF-473. A conexão entre as rodovias é feita pela avenida São Sebastião, pista que corta a cidade de leste a oeste. Via estruturante da região administrativa, a **Avenida São Sebastião** é a principal pista de acesso às demais ruas da cidade, além de ser cercada por áreas comerciais e residenciais. Em outubro de 2006, foram iniciadas obras de recuperação e alimentação da avenida, que

passará a ter canteiro central, faixas de pedestre e sinalização horizontal e vertical.

15/07/2007, página 33 do correio brasiliense



**Figura 18:** Avenida São Sebastião, São Sebastião/DF.

Localizada a 26 km de Brasília, a cidade Recanto da Emas corresponde à Região Administrativa XV do Distrito Federal. Criada em 28 de julho de 1993, tem hoje, uma população de 146 habitantes. Mas a reportagem da coluna “isto é Brasília”, veiculou uma reportagem em 16 de julho de 2007, onde a cidade Recanto das Emas teve a sua história memorada. Mas a reportagem fugiu do escopo da coluna, uma vez que o Recanto das Emas é uma cidade do Distrito Federal, mas não faz parte de Brasília.

**Reportagem\_19:** Quando a cidade do Recanto das Emas foi inaugurada, em 1993, seus loteamentos eram formados por chácaras. Rapidamente a região administrativa deixou de lado seu aspecto rural e foi ganhando ares de cidade. Em 1995, a avenida principal foi construída e junto dela o comércio se expandiu. A via, que leva o nome da cidade, tem 8k de pista dupla e cruza o Recanto desde a entrada até a estação de tratamento de esgotos. Dá acesso às 59 quadras residenciais e

concentra o comércio da região. A população da cidade já ultrapassa os 130 mil, o que faz da avenida um centro movimentado, com muitos carros e bicicletas em trânsito. A **avenida Recanto das Emas é hoje o local com maior importância econômica do lugar**, dando emprego a milhares de pessoas que não precisam mais do Plano Piloto para garantir sua renda.

16/07/2007, página 19 do correio brasiliense



Figura 19: Cidade Recanto das Emas, Distrito Federal.

A Cidade de Taguatinga é figura recorrente da coluna em análise. Agora, a notícia foi a praça do DI, local muito conhecido entre os moradores da região. Contudo, como esclarecido neste trabalho, Taguatinga corresponde à RA III, sua população atual é de 207 mil habitantes, mas não faz parte de Brasília.

**Reportagem\_20:** Localizado em uma das áreas mais nobres de **Taguatinga, o parquinho infantil da Praça do DI, na ala Norte da cidade**, atrai crianças de todas as redondezas. Em outubro do ano passado, o parquinho foi totalmente reformado

pela administração regional. A obra custou aproximadamente R\$ 3 mil. Além da recuperação e pintura de todos os brinquedos, a reforma inclui a recuperação dos banheiros da praça, das quadras de esporte, dos jardins e das calçadas, das caixas de areia e instalação de bebedouros. Para os pais que se arrepiam só de imaginar as crianças se sujando no piso de areia do espaço, uma boa notícia é que foram instaladas, na praça, duchas onde as crianças podem se limpar. Com isso o parque se tornou um ambiente onde a meninada pode brincar à vontade.

27/01/2008, página 35 do correio brasiliense

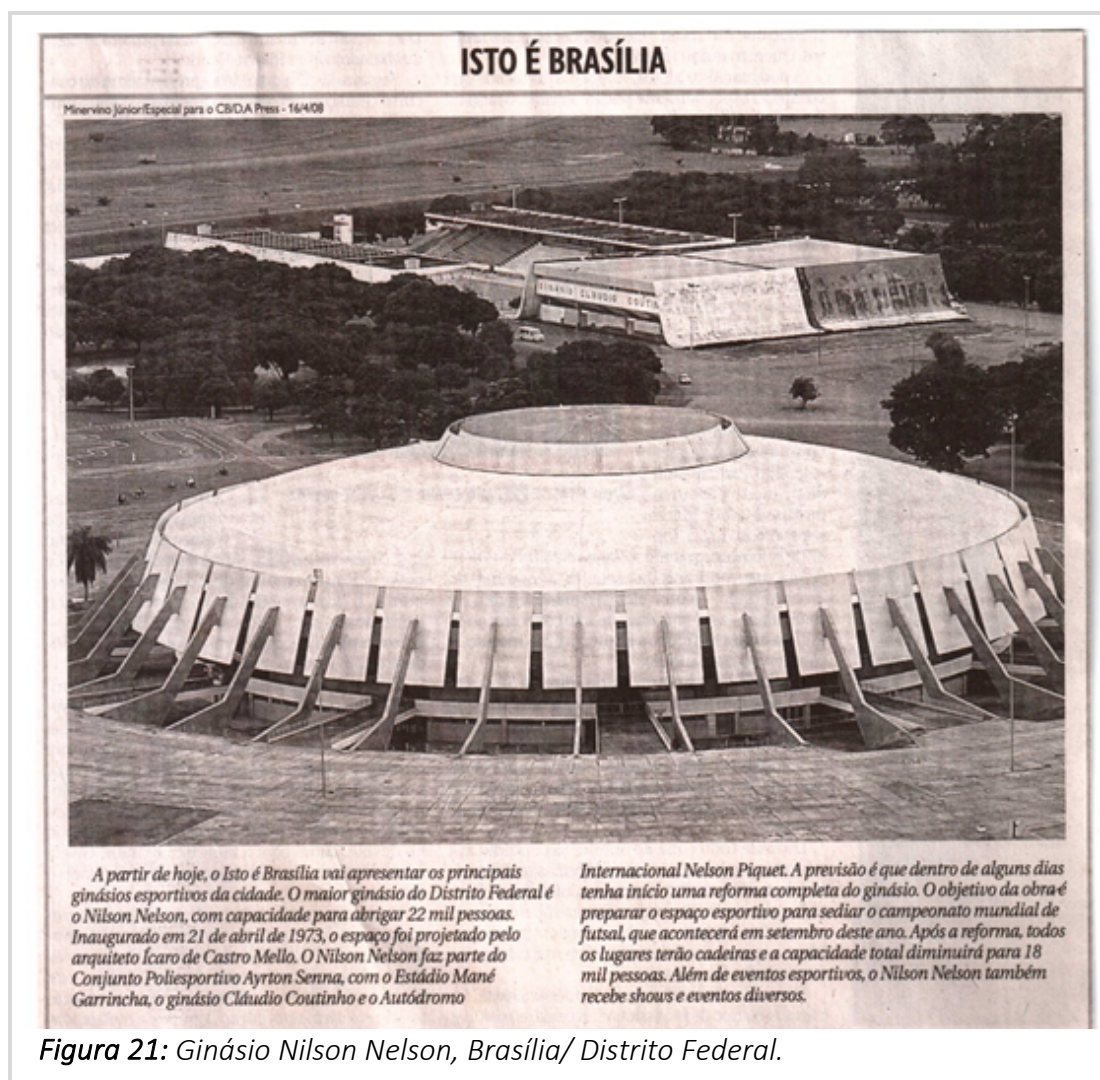


Já a reportagem de 30 de maio de 2008, traz o Ginásio Nilson Nelson. Este sim, localizado na área central de Brasília, corresponde ao título da coluna em questão.

**Reportagem\_21:** A partir de hoje, o Isto é Brasília vai apresentar os **principais ginásios esportivos da cidade**. O maior ginásio de Distrito Federal é o Nilson Nelson, com capacidade para abrigar 22 mil pessoas. Inaugurado em 21 de abril de 1973, o espaço foi projetado pelo arquiteto Icaro de

Castro Mello. O **Nilson Nelson faz parte do Conjunto Poliesportivo Ayrton Senna**, com o Estádio Mané Garrincha, o Ginásio Cláudio Coutinho e o Autódromo Internacional Nelson Piquet. [...] Além de eventos esportivos, o Nilson Nelson também recebe shows e eventos diversos.

30/05/2008, página 35 do *Correio Brasiliense*



**Figura 21:** Ginásio Nilson Nelson, Brasília/ Distrito Federal.

O Guará é uma importante cidade do Distrito Federal, fundada em 21 de abril de 1969, corresponde à RA X e está localizada a 11km de Brasília. Sua população atual é de 133 mil habitantes. Assim como Taguatinga, o Guará é figura recorrente na coluna “isto é Brasília”, provavelmente, pelo destaque que a cidade tem no contexto do Distrito Federal, pela organização e localização privilegiada. Mas, não faz parte de Brasília, como sugere o título desta coluna.

**Reportagem\_22:** Uma das praças mais recentes em Brasília é a **praça Itajubá, na QE 40, Conjunto I do Guará 2**. A

construção da praça era uma antiga reivindicação dos moradores e foi inaugurada há menos de dois meses. Agora, no espaço onde há poucos meses existia apenas entulho e sujeira, os moradores da quadra podem aproveitar o dia ao ar livre enquanto as crianças correm e brincam pela praça. No pouco tempo decorrido desde a inauguração, as árvores que compõem o **projeto paisagístico da praça Itajubá** já mudaram a rotina dos pássaros das redondezas. Pouco a pouco, eles chegam em busca de abrigo e alimento com um canto que brinda os ouvidos dos visitantes.

20/07/2008, página 33 do correio brasiliense



Figura 22: Praça Itajubá, Guará/ Distrito Federal.

A última reportagem utilizada neste trabalho, traz uma matéria sobre o consumo de barcos no Distrito Federal, onde aparece como a terceira unidade da federação em número de embarcações, ficando atrás, apenas de Rio de Janeiro e São Paulo. E, mais um equívoco, Distrito Federal também não é Brasília.



**Reportagem\_23:** Mesmo distante do litoral, o Distrito Federal é a terceira Unidade da Federação em números de embarcação no Brasil. Fica atrás somente do Rio de Janeiro e São Paulo, estados que apresentam vasta costa litorânea. Segundo a Delegacia Fluvial do Distrito Federal, são mais de 10 mil embarcações na cidade que, a cada mês, recebe cerca de 45 novos barcos. Somente nos fins de semana o Lago Paranoá recebe quase mil embarcações, entre lanchas, jet skis e barcos. Há também a turma do esporte que pratica remo, vela, curso de mergulho e até kitesurf, uma espécie de surf para águas sem ondas. O clima ajuda. Entre abril e setembro não costuma chover em Brasília.



**Figura 23:** Distrito Federal, terceiro maior consumo de embarcações do Brasil.

É sabido e consensual que as empresas de comunicação têm papel fundamental na formação do indivíduo moderno. Assim, as preocupações de ordem social com o fenômeno da comunicação ganham espaço. Uma vez que o poder exercido pela mídia aponta para o espaço social, que segundo Alexandre (2001, p.116), “constitui o mercado consumidor de informação,

classificando-o, nomeando e reconhecendo sua influência na formação da nova sociedade”.

Ademais, a mídia, de um modo geral, define conteúdos, reprodução de percepções e conteúdo de pensamentos comuns à coletividade. Trata-se de difundir de forma sistêmica a ponto de institucionalizar “novas verdades”, onde os valores são ditados pelas estruturas sociais. E assim, sob o domínio do consumo e da publicidade, a mídia seduz e impõe de forma subliminar, algumas representações sociais, o que Alexandre (2001, p.116) denomina “tendência psicologizante”.

Os meios de comunicação de massa se tornam instrumentos fundamentais na produção da nova coesão social, exatamente porque lidam com a fabricação, reprodução e disseminação de representações sociais que fundamentam a própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros, isto é, a visão social e a auto-imagem.

O modelo figurativo apresentado nas diversas reportagens do jornal analisado, penetrou no meio social como expressão do “real” ou do “correto”, tornando-se por isso mesmo “natural”, utilizado como se a narrativa se livrasse diretamente da realidade jurídica pela qual está estruturada a organização político-administrativa do Distrito Federal. Assim, pode-se depreender que a conjunção de dois movimentos, o da generalização coletiva do uso e o da expressão imediata dos fenômenos concretos, permitiu à representação sobre Brasília, Plano Piloto e Distrito Federal, tornarem-se um quadro cognitivo estável, que passou a orientar as percepções, ou os juízos formulados sobre o entendimento de Brasília (MOSCOVICI, 1978). Mesmo quando utilizados de forma discordante da legislação.

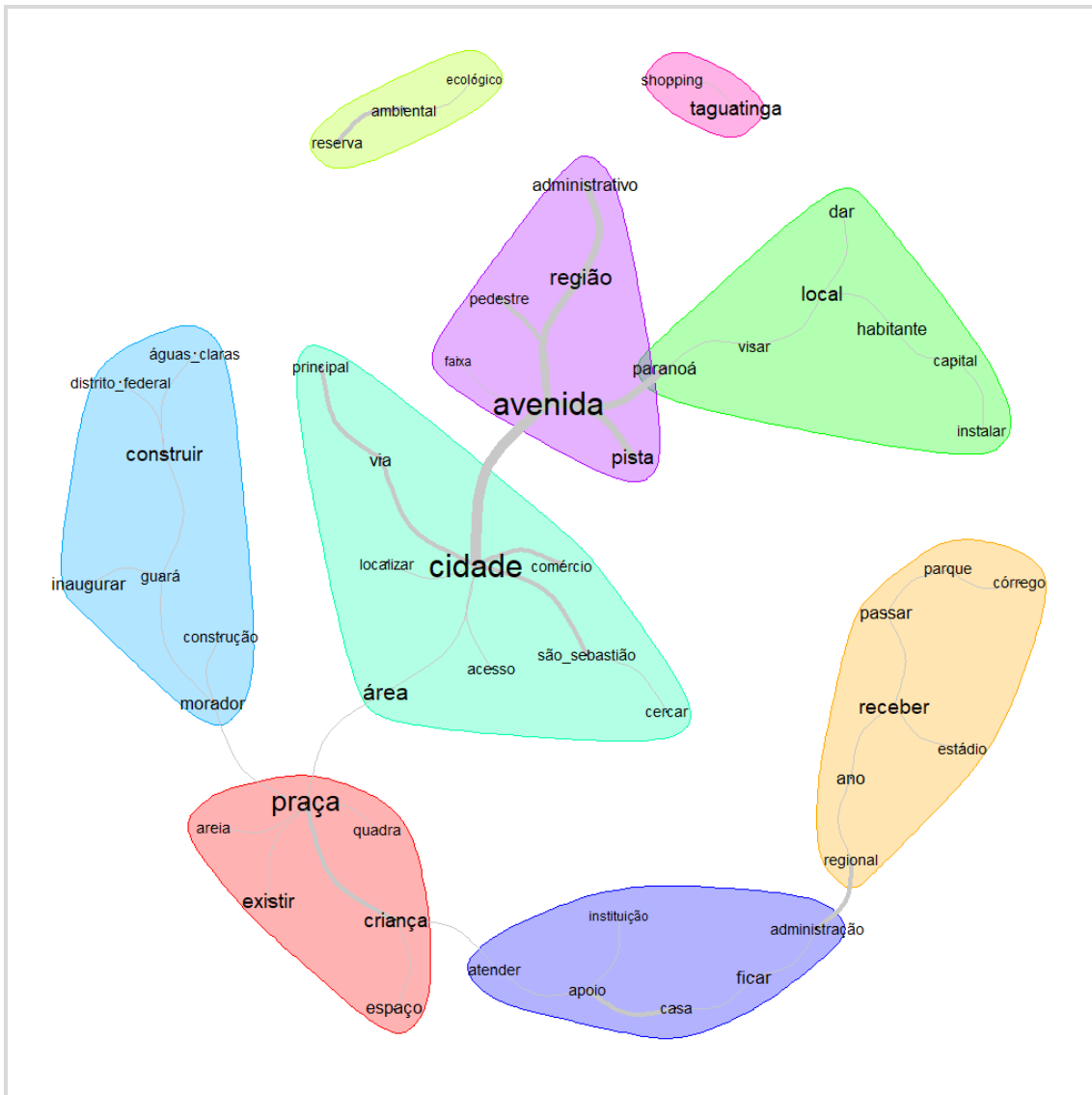
É importante compreender que a atitude natural é atitude da consciência do senso comum precisamente porque se refere a um mundo que é comum a muitos homens. O conhecimento do senso comum é o conhecimento que eu partilho com os outros nas rotinas normais, evidentes da vida cotidiana. Todavia, é também na vida ordinária que a linguagem é capaz de se tornar o repositório objetivo de vastas acumulações de significados e experiências, que podem preservar no tempo e transmitir às gerações posteriores. Assim, as objetivações comuns da vida cotidianas são mantidas principalmente pela

significação linguística. E, a linguagem, por sua vez oferece a imediata possibilidade de contínua objetivação da experiência dos sujeitos em desenvolvimento (BERGER E LUCKMANN, 2004, p. 40/59).

Diante disso, recorreremos à Teoria do Núcleo Central de Abric como forma de verificar a organização e a estrutura das RS amplamente difundidas por meio das reportagens anteriormente aludidas. Partimos do pressuposto que a representação é um conjunto organizado. Segundo Abric (1976), a organização de uma representação apresenta uma modalidade particular, específica – não só os elementos da representação são hierarquizados, mas toda representação está organizada em todo de um núcleo central.

Diante do exposto, realizamos a análise de similitude para verificar, o núcleo central da representação social difundidas pelo correio brasiliense através na análise de 23 reportagens publicadas na coluna “Isto é Brasília”.

**Gráfico 01: Gráfico de Similitude das Reportagens do Correio Brasiliense: “Isto é Brasília”**



*Autora: Lessa, Temízia Cristina Lopes (2019).*

O gráfico 01 evidencia como as ideias se convertem em objetos do senso comum, isto é, uma representação social elaborada-se de acordo com dois processos fundamentais: a objetivação e a amarração. A objetivação faz com que se torne real um esquema conceitual, com que se dê a uma imagem uma contrapartida material, resultado que tem, em primeiro lugar, flexibilidade cognitiva, conforme afirmou MOSCOVICI (1978, p. 111):

O estoque de indícios e de significantes que uma pessoa recebe, emite e movimenta no ciclo das infracomunicações pode tornar-se superabundante. Para reduzir a defasagem

entre a massa de palavras que circulam e os objetos que os acompanham, e como não se poderia falar de “nada”, os “signos linguísticos” estão ligados a “estruturas materiais” (tenta-se acoplar a palavra à coisa).

Assim, é possível afirmar que a população do Distrito Federal teve a sua representação social sobre Brasília, Plano Piloto e Distrito Federal construída e reforçada ao longo dos tempos. Nesse contexto, ocorre o que MOSCOVICI (1978) denominou objetivação. Objetivar é reabsorver um excesso de significações materializando-as. É também transplantar para o nível da observação o que era apenas inferência ou símbolo (MOSCOVICI, 1978, p. 111).

Nesse contexto, naturalizar e classificar se tornam duas operações essenciais da objetivação. “Uma torna o símbolo real e a outra dá à realidade um ar simbólico”. Uma enriquece a quantidade de adjetivos atribuídos à pessoa, a outra separa alguns desses atributos, guardando-os em um quadro geral, de acordo com o sistema de referência que a sociedade estabelece (MOSCOVICI, 1978, p. 113).

Moscovici (1978, p.122) alerta ainda, relativamente à elaboração social de uma representação, trata-se menos de um ecletismo que de uma tentativa de instrumentalizar o modelo científico e de reconstruí-lo em torno de valores e de sistemas de categorias disponíveis. “Conforme a teoria se torna um conjunto de relações, ela perde sua coerência, seu princípio interno, suas dimensões, o âmbito das relações contraídas separadamente, dependem das regras sociais do grupo”.

A transformação de uma teoria estruturada num conjunto de relações dotadas de autonomia e de extensão variáveis é a condição primeira para a constituição de uma representação social (MOSCOVICI, 1978, p.122). Nesse sentido, o uso dos termos e a estruturação de conceitos para a entidade coletivamente criada foi reforçada pelos hábitos linguísticos, o que fica explícito no que se refere à representação social sobre Brasília.

## 4.2 Os imperativos institucionais

A legislação pertinente ao Distrito Federal e Brasília tem início com a Constituição Federal de 1988. Em seu artigo 1º consta: “A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito”. A partir do artigo em questão, o Distrito Federal é sempre denominado assim em todos os artigos da CF/1988 que lhe fazem alusão (LASSANCE, 2002, p. 15).

Nesse sentido, e considerando o artigo 18, parágrafo primeiro da Constituição Federal de 1988 – “Brasília é a capital Federal”. O artigo em questão define de forma clara e confirma definitivamente a diferença entre o Distrito Federal e Brasília. Cabe destacar que o DF integra como unidade autônoma a organização político-administrativa do Brasil, enquanto Brasília é instituída a Capital Federal. Ressalte-se que não há ensejo da dupla interpretação, logo, o Distrito Federal é – território autônomo do Brasil, com Brasília – Capital do Brasil.

O artigo 32, por sua vez, veda a divisão do Distrito Federal em Municípios. Todavia, o parágrafo primeiro atribui as competências legislativas reservadas aos Estados e Municípios. Entretanto, isto não lhe dá o direito de fazer uma divisão político-administrativa do seu território. Mas, segundo LASSANCE (2002, p.16): “Isto não impediu [...] que o Distrito Federal tivesse sua própria divisão físico-administrativa (ou divisão territorial) e se organizasse em Regiões Administrativas”.

No artigo décimo da Lei Orgânica do Distrito Federal (LO/DF), de 1993, encontra-se: “O Distrito Federal organiza-se em Regiões Administrativas, com vistas à descentralização administrativa, à utilização racional de recursos para o desenvolvimento socioeconômico e à melhoria da qualidade de vida” (LO/DF, 1993). Assim, “como os Estados e Municípios, o Distrito Federal também é uma Unidade Federativa ou Território Federativo autônomo, o que é totalmente distinto da cidade de Brasília, a Capital Federal do Brasil” (LASSANCE, 2002, p.17). Em entrevista, Lassance ressalta:

Em primeiro lugar, eu quero deixar bem claro, que nada do que eu falo ou do que eu falar é baseado numa opinião pessoal. Na realidade, eu só falo, eu só defendo aquilo que está na

legislação brasileira. Seja na Constituição Federal, seja na Lei Orgânica do Distrito Federal (LO/DF) de 1993.

Porque eu acho que o mínimo que um cidadão de qualquer país tem uma obrigação de cidadania, é de respeitar as leis do próprio país, e não, desmerece-las. E não, tentar criar uma interpretação própria, completamente alheia àquilo que está escrito.

Se a Constituição brasileira diz que Brasília é a Capital do Brasil. Brasília é a Capital do Brasil! Qual a outra interpretação?

Brasília é a Capital do Brasil.

Distrito Federal é uma Unidade Federativa, completamente diferente de Brasília, que é a Capital do Brasil. Brasília é uma cidade, tanto quanto é Taguatinga, tanto quanto é Ceilândia, tanto quanto é Gama e qualquer uma das outras cidades.

### **4.3 Os Imperativos Existenciais: Entre Afetos, Memórias e Percepções**

Neste item não temos como objetivo interpretar as histórias dos sujeitos que participaram da pesquisa, mas utilizá-las como superfície de problematizações e aproximações entre o conceito de “identidades” com a perspectiva dos processos de subjetivação pela concepção de Foucault (BERNARDES; HOENISCH, 2003). Nesse entendimento, partiremos de três tipos de definição de cultura:

Uma idealista, que implica um estado ou processo da perfeição humana, em termos de valores universais e absolutos. O essencial aqui é a descoberta desses valores que compõem uma ordem atemporal ou têm referência permanente à condição humana universal. Uma segunda, denominada documental, que implica um corpo de trabalhos imaginativos e intelectuais, ou seja, como o pensamento e a experiência humana são, de forma variada, armazenados para a posteridade; e uma última, a definição social em que cultura é a descrição de um modo particular de vida. (ESCOSTEGUY, 2003, p. 58).

Todavia, a definição de cultura como um modo particular de vida, precisamente, marcará a argumentação dos resultados, uma vez que nesta, a cultura descreve maneira singulares de vivência, expressando certos valores e sentidos, especialmente no comportamento ordinário da vida. A análise dos discursos e das imagens obtidas por meio desta pesquisa, a partir desta

perspectiva de cultura, permite a clarificação de sentidos e de valores explícitos e implícitos em determinado modo de vida (ESCOSTEGUY, 2003).

Para mais, é indispensável que se pense a cultura como o próprio instrumento de análise da composição das identidades dos sujeitos e dos processos de subjetivação. Nesse sentido, cultura não diz respeito apenas ao domínio material, mas também, e principalmente, ao domínio simbólico, entendido constitutivo da vida cultura (GUARESCHI; BRUSCHI, 2003, p. 111/113).

Destarte, trabalhar a representação social é considerar a cultura como fonte e campo de florescimento onde as representações se desenvolvem. Segundo OLIVEIRA & WERBA (2013), “As Representações Sociais são teorias sobre saberes populares e do senso comum, elaboradas e partilhadas coletivamente, com a finalidade de construir e interpretar o real”. Por serem dinâmicas, induzem as pessoas no seu comportamento, na sua relação com o meio e também nas suas ações.

Nesse sentido, partindo da premissa que “as representações sociais necessitam de um contexto de diversidade de fontes de modo a florescerem tem de ser desenvolvido” (ARRUDA, 2015, p. 108). Cabe salientar a nossa predileção por utilizar imagens como um dos recursos metodológicos desta pesquisa.

Assim, os participantes da pesquisa (seja grupo focal ou entrevistado em profundidade) foram convidados a apresentarem imagens/fotografias que simbolizam afetos, memórias e percepções da sua condição de deslocado. Foi solicitado ainda, que enviassem somente aquelas imagens com a qual se tinha uma relação de carinho ou afeto. As imagens e fotografias foram enviadas por meio de aplicativo de mídia social e foram analisadas após diálogo com o autor da mesma.

A condução das perguntas sobre as imagens e a análise destas se deu conforme quadro 1, intitulado: Elementos da forma conteúdo/ expressão. Uma outra forma foi a abordagem fenomenológica – em que se considerou os objetos/ paisagens como elementos da realidade social, modos de conhecimento, saberes do senso comum que surgem e ganham legitimidade através da linguagem cotidiana e tem a intenção de abarcar a realidade.



Para mais, o que se pretendeu com esse recurso foi desnudar afetos, memórias e percepções dos sujeitos deslocados por meio de elementos simbólicos captados como imagens/fotografias produzidas por eles mesmos, isto é: O instante e o sujeito.

O participante poderia enviar qualquer fotografia de sua autoria, mas teria que dizer algo sobre ela, como:

- Local retratado;
- O que se intencionou mostrar;
- Atributos da paisagem;
- Objetos retratados;
- Tempo retratado (passado/ presente ou dia/noite);
- O que tem nesse lugar (meu lugar) que não tem em outros lugares;
- Qual equipamento utilizado para registrar.

Esclarecidas algumas questões importantes, seguiremos à análise das imagens produzidas pelos sujeitos participantes deste trabalho. A argumentação será desenvolvida em dois momentos, mas de forma relacionada. Primeiro, é a buscar os elementos constitutivos do simbólico para o autor da imagem, e depois, buscou-se demonstrar como o processo de formação do símbolo está profundamente entranhado no conhecimento da alteridade (JOVCHELOVITCH, 1998, p. 70).

Na imagem 24, o entrevistado, representa o “seu lugar de afeto e de boas lembranças”. O autor intencionou mostrar a “sua origem humilde”. Entre os elementos da paisagem, a imagem centralizada é uma casa de barro, conhecida no Nordeste como “casa de pau a pique”, coberta de palha. Quando questionado, porque essa imagem lhe era tão importante, afirmou: É a casa de meus pais, onde eu nasci, “é pra onde quero ir quando estou de férias. Perguntou-se ainda: o que tem nesse lugar que não tem em nenhum outro? O entrevistado ficou emocionado ao responder: “meus pais”.

Esta fotografia foi um “recorte” de um pequeno filme, feito pelo autor com uma câmera de telefone móvel em visita à casa dos pais. Nesse contexto, cabe uma observação de BARTHES (1984, p, 13):

O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. Nela, o acontecimento jamais se sobrepassa

para outra coisa: ela reduz sempre o corpus de que tenho necessidade ao corpo que vejo. Ela é o particular absoluto, a contingência soberana, fosca e um tanto boba, [...], a Ocasião, o Encontro, o Real, em sua expressão infatigável.

Cabe destacar ainda, que a utilização simbólica do vocábulo “casa” ou “casa dos meus pais” não é feita ao acaso, este, representa os laços permanentes com a origem do sujeito, com as relações familiares e afetivas. A casa remete à segurança, ao cuidado. Trata-se do oposto da rua, que é insegura e perigosa.

Segundo DA MATTA (1997, p.35), não se pode misturar o espaço da rua com o da casa sem criar alguma forma de grave confusão ou até mesmo conflito. Sabemos e aprendemos muito cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa e, mesmo assim, dentro de alguns dos seus espaços. DA MATTA (1997, p. 37), ressalta ainda:

[...] em algumas expressões relacionais - que exprimem a ligação dramática da casa com a rua - como "vá para a rua!" ou "vá para o olho da rua!" Estas expressões denotam o rompimento violento com um grupo social, com o conseqüente isolamento do indivíduo, agora situando-se diante do mundo "do olho da rua", isto é, de um ponto de vista totalmente impessoal e desumano. Do mesmo modo, se diz "estou (ou fiquei) na rua da amargura" para designar a solidão ou a ausência de solidariedade de um dado grupo social.

Um outro fator considerável, é compreender como o símbolo se produz. A esse respeito JOVCHELOVITCH (1998, p. 71) afirma: “um símbolo para iniciar desde o mais básico, é uma representação de algo, produzida por alguém”. A força de um símbolo reside em sua habilidade para produzir sentido. Este não é uma entidade descolada do mundo; refere-se sempre a alguma coisa fora de si, ou seja, a um objeto, e nasce pela ação do ser humano.



- Representação: A casa que nasci, no Maranhão.
- O que se intencionou mostrar: Minha origem humilde.
- Atributos da paisagem: Uma casa de barro coberta de palha.
- Tempo retratado: Fim de tarde.
- Objeto retratado: A casa de meus pais, no Maranhão.
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: Meus pais.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular.

*Figura 24: A casa que nasci, no Maranhão.*

Nesse sentido, é possível afirmar que a “casa” é um símbolo protegido, caro ao sujeito deslocado. Haja vista a quantidade de imagens que tem a casa como principal elemento da memória e do afeto.

Na figura 25, a “casa” é mais uma vez, núcleo central da representação. Aqui, o autor representa “as casas das minhas irmãs”, onde se intencionou mostrar a proximidade das casas das irmãs. Mais uma vez, trata-se um ambiente rural, com duas casas de barro, cobertas de palha. Perguntado mais uma vez: Porque você gostava desta imagem, afirmou: é a casa das minhas irmãs. Elas moram muito perto da minha mãe, como se fosse um único quintal. E, quando questionado – o que tem nesse lugar que não tem em nenhum outro? O entrevistado respondeu: “meus pais, minhas irmãs, minha origem”.



- Representação: As casas da minha terra.
- O que se intencionou mostrar: a proximidade da minha família.
- Atributos da paisagem: casas de barro cobertas de palha.
- Tempo retratado: Fim de tarde.
- Objeto retratado: Casas de minhas irmãs.
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: Minha família.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular.

*Figura 25: As casas das minhas irmãs.*

A “casa” aparece mais uma vez como forte elemento simbólico na Representação social do sujeito deslocado, o que pode ser verificado na figura 26.

Quando questionado o que se intencionou mostrar, o autor da imagem respondeu: “uma conquista”. Entre os atributos da paisagem, destaca-se uma casa de tijolos, cobertas com telhas de barro em fase de acabamento. Segundo o autor, trata-se de uma casa em área urbana, todavia, a imagem sugere que a construção está em área periférica, uma vez que é cercada de área verde e rua de terra. Quando questionado, porque essa imagem lhe era tão importante, afirmou:

“eu mudei do interior sonhando com melhoria de vida. Onde eu moro, em Brasília, lote e casa é muito caro. Como eu ainda não tenho condição de comprar uma casa em Brasília, aí eu juntei dinheiro muito tempo e construí no interior do Maranhão. O importante é que eu tenho minha casa, de tijolo”.

Perguntou-se ainda: o que tem nesse lugar que não tem em nenhum outro? O entrevistado ficou emocionado ao responder: “minha casa própria, e de tijolo”. Essa resposta ilustra muito bem o que BARTHES (1984, 16), sugere: Essa fatalidade (não há foto sem alguma coisa ou alguém) leva a Fotografia para a imensa desordem dos objetos – de todos os objetos do mundo: porque escolher este, tal instante em vez de outro”.

Segundo JOVCHELOVITCH (1998, p. 71) sentidos têm o poder de referir e expressar. De um lado, eles expressam, porque objetos se revestem de sentido pela atividade de um sujeito que representam simbolicamente. Ao mesmo tempo que é representação de alguma coisa, o símbolo também representa um sujeito social. Se a subjetividade que representa é retirada da equação, o símbolo se desloca da vida que o põe em movimento e perde sua conexão com os tempos e os lugares.

Assim, a casa própria como referencial, “ele evoca uma ausência que o necessita para fazer-se presente”, isto é, se a objetividade (casa) sendo representada é retirada da equação, o símbolo (casa) torna-se uma entidade onipotente, deslocada do mundo fora de si, sem história ou contexto, reduzindo a realidade do mundo a um jogo de significados errantes (JOVCHELOVITCH, 1998). Daí a importância de pensar o símbolo, no nosso caso, através da história dos sujeitos deslocados.



- Representação: O meu lugar.
- O que se intencionou mostrar: Uma conquista.
- Atributos da paisagem: Minha terra.
- Tempo retratado: Final de tarde.
- Objeto retratado: A minha casa própria.
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: Minha casa própria, e de tijolo.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular.

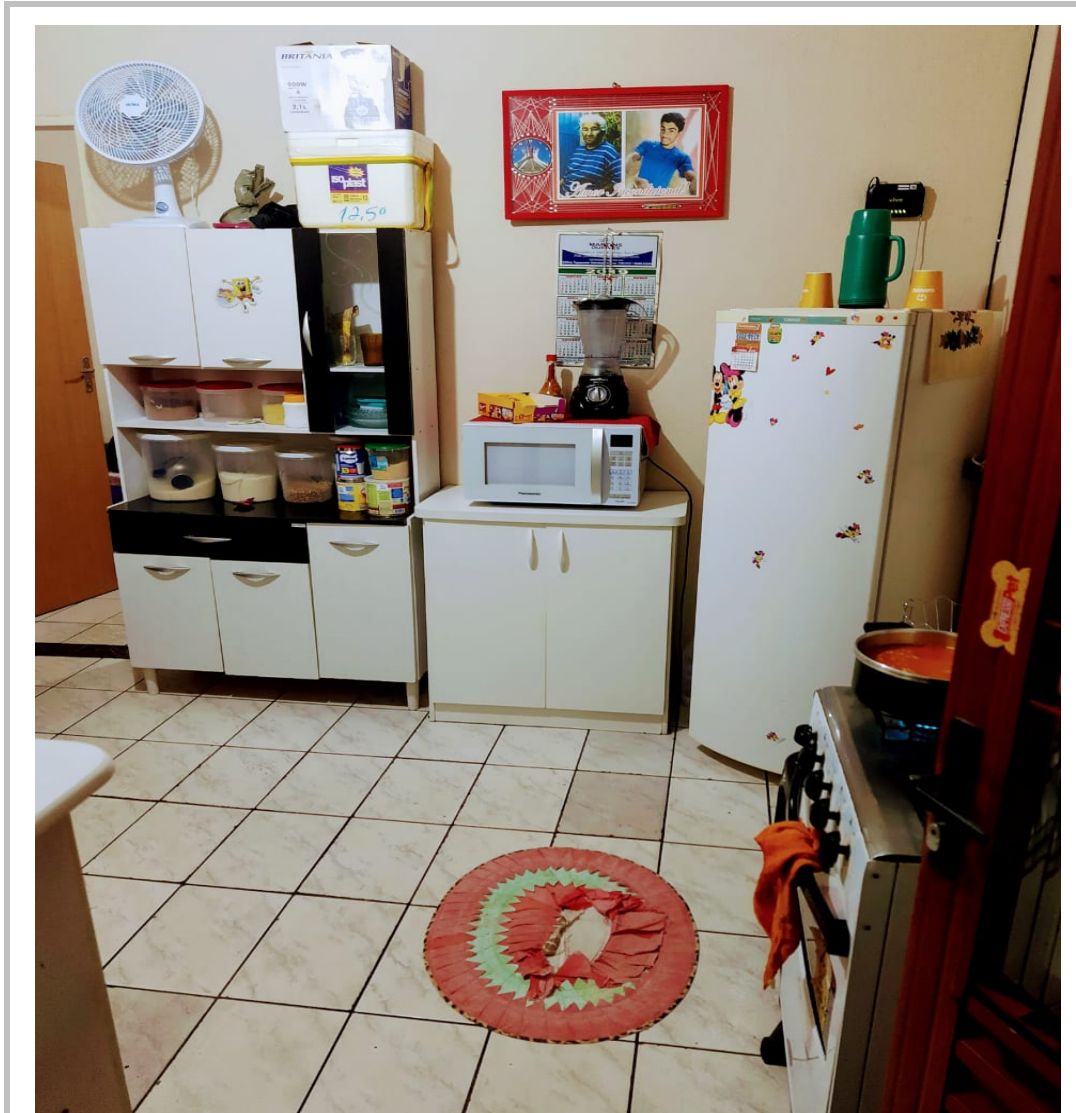
*Figura 26: Minha casa de tijolo, construída no Maranhão.*

Jovchelovitch (1998, p. 71/72), afirma que o desenvolvimento simbólico produz a construção objetal; o símbolo e o objeto são ligados geneticamente de tal modo, que sem a conservação do objeto, não há como pensar o simbólico. Nessa perspectiva, o objeto “casa” é o objeto que simboliza a origem. É a percepção da segurança associada à memória.

Na imagem 27, o entrevistado representa o “a minha casa em Brasília”. O autor intencionou mostrar a “onde moro em Brasília”. Entre os elementos da paisagem, a imagem centralizada é a área interna da cozinha conjugada com a sala. Quando questionado, porque essa imagem lhe era tão importante, afirmou: “É o meu canto, onde moro e descanso. É onde venho depois de um dia de trabalho e as coisas são do meu jeito”. Perguntou-se ainda: o que tem nesse lugar que não tem em nenhum outro? O entrevistado afirmou: “meu companheiro, segurança”.

Todavia, quando o entrevistado mostra a área interna da “casa”, mostra uma concepção diferente do objeto. Nesse caso, a imagem foi

produzida no início da noite. Segundo o entrevistado, esse é um momento familiar, interiorizado e, como a casa compõe um conjunto de quitinetes em um mesmo lote, a separação do interno (dentro da casa) e externo (área comum de circulação). O período do dia corresponde ao tempo externo e o período da noite corresponde ao tempo interno.



- Representação: Minha casa, em Brasília.
- O que se intencionou mostrar: Onde moro em Brasília/DF.
- Atributos da paisagem: Área interna de uma residência, com móveis de cozinha e fotografia na parede.
- Tempo retratado: Início da noite.
- Objeto retratado: Onde eu moro, meu lugar.
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: meu companheiro, segurança.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular.

*Figura 27: Minha casa em Brasília.*

Na imagem 28, o entrevistado representa “o trabalho do meu pai”. O autor intencionou mostrar a “o jumento que o meu pai utiliza no trabalho da roça”. Entre os elementos da paisagem, a imagem centralizada é um rancho ou estaleiro, muito comum na região Nordeste – Estrutura de quatro forquilha, coberta com palha. Embaixo do rancho, um jumento amarrado. Quando questionado, porque essa imagem lhe era tão importante, afirmou:

Quando eu coloquei a bolsa no carro pra ir embora, eu olhei pra trás e vi o meu pai colocando a cangalha no jumento pra ir trabalhar. Ele começa trabalhar bem cedo. Eu vi aquilo e senti uma tristeza, por saber do sofrimento que ele enfrenta todo dia e eu não podia fazer nada pra ajudar ele e minha mãe, que até hoje vive de quebrar coco.

Perguntou-se ainda: o que tem nesse lugar que não tem em nenhum outro? O entrevistado se emocionou e responde: “meus pais, que ainda trabalham duro na roça e minhas irmãs, que passam muitas dificuldades”.



- Representação: O trabalho do meu pai.
- O que se intencionou mostrar: O jumento que o meu pai utiliza no trabalho da roça.
- Atributos da paisagem: Um jumento preso debaixo de uma cobertura de palha.
- Tempo retratado: Fim de tarde
- Objeto retratado: O principal instrumento de trabalho do pai.
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: Meus pais.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular

*Figura 28: O trabalho do meu pai na roça.*



As imagens 29, 30 e 31 (abaixo), fazem parte de um mesmo contexto, e foi produzida por um único autor. Todavia, elas representam coisas distintas. A 29 – Representa: “As quebradeiras de coco babaçu”. O que se intencionou mostrar foi “como elas trabalham duro, como é difícil”. Entre os elementos da paisagem, a imagem centralizada é uma mulher sentada no chão. à sua frente, um amontoado de como de babaçu. À direita, uma vasilha onde são colocados cocos e à sua esquerda, as cascas do coco, que são utilizadas como “lenha”.

Quando questionado, porque essa imagem lhe era tão importante, afirmou: “Desde pequeno vejo a minha mãe e as minhas irmãs quebrando coco. Esse é o trabalho delas. Elas vivem disso”. Perguntou-se ainda: o que tem nesse lugar que não tem em nenhum outro? O entrevistado, como todos os participantes desse trabalho, afirmou: “minha mãe e minhas irmãs”.

Jovchelovitch (1998, p. 72), sugere que consideremos um mundo sem objetos. Um mundo sem objetos é um mundo completamente centrado no sujeito – se não há um objeto-mundo, o sujeito é a fonte primeira e única da ação significativa. Na solidão de um mundo sem objetos, o sujeito é, ele mesmo uma impossibilidade. Para que esse sujeito possa ser, ele deve vir a ser, e isso só pode ocorrer através da descoberta de um mundo de outros-objetos.

Nesse sentido, sem a diferença do mundo externo não se produzem os parâmetros que possibilitam ao eu a construção de seu próprio sentido, isto é, não apenas sua existência, mas principalmente sua identidade (JOVCHELOVITCH, 1998, p. 72).

Nesse contexto, o vocábulo “desde pequeno”, é carregado de sentido. Segundo JOVCHELOVITCH (1998, p. 72), a construção do tempo, do espaço e da causalidade ocorre em função das relações que a criança em desenvolvimento estabelece com a alteridade do mundo. “São as relações entre a criança e a alteridade que gradativamente levam a um dos mais importantes fenômenos descritos por Piaget: a decentração”. Esta desperta a criança para uma nova perspectiva a respeito do outro. Assim, quanto o entrevistado diz: “desde criança”, fica claro se tratar de um período em que ele mesmo se reconhece como um “objeto” do saber. Portanto, é primeiro como objeto, que o sujeito do saber se reconhece como sujeito (JOVCHELOVITCH, 1998, p. 72).



- Representação: As quebradeiras de coco de babaçu.
- O que se intencionou mostrar: Como elas trabalham duro, como é difícil.
- Atributos da paisagem: Coco de babaçu.
- Tempo retratado: Fim de tarde.
- Objeto retratado: Trabalho das quebradeiras de coco
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: meus pais, minha família.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular

*Figura 29: As quebradeiras de coco de babaçu.*

Já as figuras 30 e 31 representam: “o trabalho de minha mãe e minhas irmãs” e “o sustento de muita gente”. Nelas, o autor intencionou mostrar: “como o trabalho delas é sofrido” e “como elas trabalham duro, como é difícil”. Entre os elementos das paisagens, a imagem centralizada é uma mulher sentada no chão, no trabalho que consiste em quebrar coco de babaçu. A outra é um amontoado de babaçu no centro com duas mulheres sentadas em volta.

Quando questionado, porque essas imagens lhes são tão importantes, afirmou: “É de onde minha mãe tira o sustento. É o trabalho dela e de minhas irmãs. Elas não sabem ler e sempre trabalharam nisso”. Perguntou-se ainda: o que tem nesse lugar que não tem em nenhum outro? E, mais uma vez, as figuras familiares estão presentes: os pais, a mãe e as irmãs.

Nesse sentido, a “mãe” é sempre vocábulo recorrente tanto nos discursos dos sujeitos em processo de deslocamento, quanto nos casos em que o processo de deslocamento se dá por encerrado – período em que o

sujeito decide por finalizar o processo de deslocamento, fixando “raízes” no local de chegada e/ou nos casos de retorno ao lugar de origem.



- Representação: O trabalho da minha mãe e minhas irmãs.
- O que se intencionou mostrar: Como o trabalho delas é sofrido.
- Atributos da paisagem: Coco de babaçu.
- Tempo retratado: Fim de tarde.
- Objeto retratado: Trabalho das quebradeiras de coco
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: meus pais, minha família.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular

*Figura 30: O trabalho da minha mãe e minhas irmãs.*



- Representação: O sustento de muita gente.
- O que se intencionou mostrar: Como elas trabalham duro, como é difícil.
- Atributos da paisagem: Coco de babaçu.
- Tempo retratado: Fim de tarde.
- Objeto retratado: Trabalho das quebradeiras de coco
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: meus pais, minha família.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular

*Figura 31: O sustento de muita gente.*

Estas relações, apreendidas pela ótica da alteridade, permite romper com a conceitualização cartesiana da relação sujeito-objeto e nos permite compreender as relações entre as representações, os sujeitos e seus objetos. A esse respeito JOVCHELOVITCH (1998, p. 75):

Sem a dimensão da pluralidade, que implica a consciência de que o ato significativo não pode ocorrer em solidão, e que o sujeito que encontra o objeto jamais é um sujeito isolado, não há como entender tanto o problema da intersubjetividade como o da objetividade na produção simbólica.

Na imagem 32, o entrevistado representa o “morar em Brasília”. O autor intencionou mostrar a “lugar de moradias, onde muitas famílias vivem”. Entre os elementos da paisagem, a imagem centralizada é um corredor central, com várias portas e janelas. Cada porta é uma residência. Quando questionado, porque essa imagem lhe era tão importante, afirmou: “É onde moro, onde descanso, onde escolhi pra viver, desde que cheguei em Brasília moro aqui”. Perguntou-se ainda: o que tem nesse lugar que não tem em nenhum outro? O entrevistado respondeu: “vizinhos unidos que se ajudam. Parece uma grande família. Como todo mundo aqui é de fora, acabou que ficamos amigos”.



- Representação: Morar em Brasília.
- O que se intencionou mostrar: Lugar de moradias, onde muitas famílias vivem.
- Atributos da paisagem: Um corredor central que dá acesso às quitinetes, cada porta é uma casa.
- Tempo retratado: Período da tarde
- Objeto retratado: Moradias.
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: Vizinhos unidos, que se ajudam.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular.

*Figura 32: Onde eu moro, o meu lugar.*

O “Morar”, no discurso do sujeito aparece como sinônimo de casa, isto é, o mesmo que “estar em casa”, ou sentir-se em casa, fala de situações onde as relações são harmoniosas e as disputas devem ser evitadas. Não posso transformar a casa na rua e nem a rua na casa impunemente. Há regras para isso (DA MATTA, p. 38).

O deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço, permite ao sujeito novas formas de sociabilidade. O que pode ser verificado na fala do entrevistado: “todos se ajudam”, “parece uma grande família” e “acabou que ficamos amigos”. Daí a expressividade do que se intencionou mostrar com a imagem produzida. A respeito da imagem, MOSCOVICI (1984, p.40), afirma:

[...] a imagem é totalmente assimilada e o que é percebido toma o lugar do que é concebido, [este] é o resultado lógico de tal estado de coisas. Se as imagens existem, se elas são essenciais para a comunicação e compreensão sociais, isto é porque elas não são [e não podem permanecer] sem a

realidade tanto quanto não pode haver fumaça sem fogo. Desde que elas devem ter uma realidade, nós encontramos uma para elas, não importa qual. Assim, por uma espécie de imperativo lógico, as imagens se tornam elementos de realidade mais do que elementos do pensamento.

A espontaneidade na forma que a imagem foi produzida, caracteriza motivações particulares, além de uma forma particular de morar e esta forma, por si só exige naturalidade, pois o mundo externo está às portas das casas e não, fora do lote. Na maioria das formas de atividades da vida cotidiana, as motivações dos indivíduos não chegam a se tornar típicas, ou seja, as motivações em permanente alteração estão muito longe de expressar a totalidade, a essência do indivíduo (HELLER, 1992, p. 30).

Na imagem 33, o entrevistado representa o “lago Paranoá”. O autor intencionou mostrar a “a vista do meu trabalho”. Entre os elementos da paisagem, a imagem centralizada é o lago Paranoá de Brasília com alguns barcos à direita da imagem, onde o azul de lago e do céu parece se misturar com o azul da água. Quando questionado, porque essa imagem lhe era tão importante, afirmou: “é muito lindo. Eu vejo essa paisagem todos os dias”. Perguntou-se ainda: o que tem nesse lugar que não tem em nenhum outro? O lago Paranoá.

Como sugere Berger e Luckmann (2004, p. 132), “o universo simbólico é concebido como a matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais”. Isto é, os universos simbólicos são produtos sociais que têm uma história. Se quisermos entender seu significado temos de entender a história de sua produção.

Nesse sentido, a imagem que representa o lago Paranoá, pode, para muitos, representar lazer, um ponto turístico ou as belezas naturais de Brasília, mas para este sujeito deslocado é “a vista do meu trabalho”. Melhor dizendo, no interior do universo simbólico estes domínios separados da realidade – o lago e o trabalho, integram-se em uma totalidade dotada de sentido que “explica” e talvez também os justificam. Pois o universo simbólico é evidentemente construído por meio de objetivações sociais (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 132).



- Representação: O lago Paranoá.
- O que se intencionou mostrar: a vista do meu trabalho.
- Atributos da paisagem: O lago Paranoá.
- Tempo retratado: Final de tarde.
- Objeto retratado: O lago Paranoá.
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: vista do lago Paranoá, do trabalho.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular.

*Figura 33: O lago Paranoá, em Brasília.*

Já a imagem 34, o entrevistado representa o “Congresso Nacional”. O autor intencionou mostrar a “o trajeto de ida ao trabalho”. Entre os elementos da paisagem, a imagem centralizada é o Congresso Nacional e o sol surgindo ao fundo. Quando questionado, porque essa imagem lhe era tão importante, afirmou: Desde que eu comecei a trabalhar no Lago Sul eu passo por aqui todos os dias, sempre antes do sol nascer. Perguntou-se ainda: o que tem nesse lugar que não tem em nenhum outro? É um importante símbolo de Brasília. Quando a gente mora fora de Brasília, isso é o que eles mostram todo dia nos jornais.

Diante disso, é possível constatar que os universos simbólicos são produtos sociais que têm uma história. Assim, se intencionados compreender o seu significado, é fundamental entender a história de sua produção. Isto é, tanto mais importante quanto estes produtos da consciência humana, por sua própria natureza, apresentam-se como plenamente desenvolvidos e inevitáveis (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 133). BERGER & LUCKMANN (2004, p. 138), afirmam ainda:

Uma vez mais, o universo simbólico estabelece uma hierarquia, da “mais real” até a mais fugitiva auto-apreensão da identidade. Isto significa que o indivíduo pode viver em sociedade com certa segurança de que realmente é o que considera ser, enquanto desempenha seus papéis sociais rotineiros à luz do dia e sob o olhar dos outros significativos.

Segundo MOSCOVICI (1984, p. 74), “é razoável concluir que uma pessoa se informa e se representa alguma coisa unicamente depois de ter adotado uma posição, e em função da posição tomada”. Essa premissa vale tanto para o pesquisador, no que se refere à estruturação metodológica da pesquisa, mas também aos sujeitos da pesquisa, uma vez que, a produção/escolha da imagem demonstra uma posição adotada por ele.

Neste ponto, é importante destacar que quando se analisa um determinado espaço e se atenta apenas aos seus elementos e à natureza desses elementos, não conseguimos ultrapassar o domínio da abstração. É só na relação que existe entre as coisas que nos permite realmente conhecê-las e defini-las. Fatos e imagens isoladas são meras abstrações, “o que lhes dá concretude é a relação que mantém entre si” (SANTOS, 2012 p. 25).





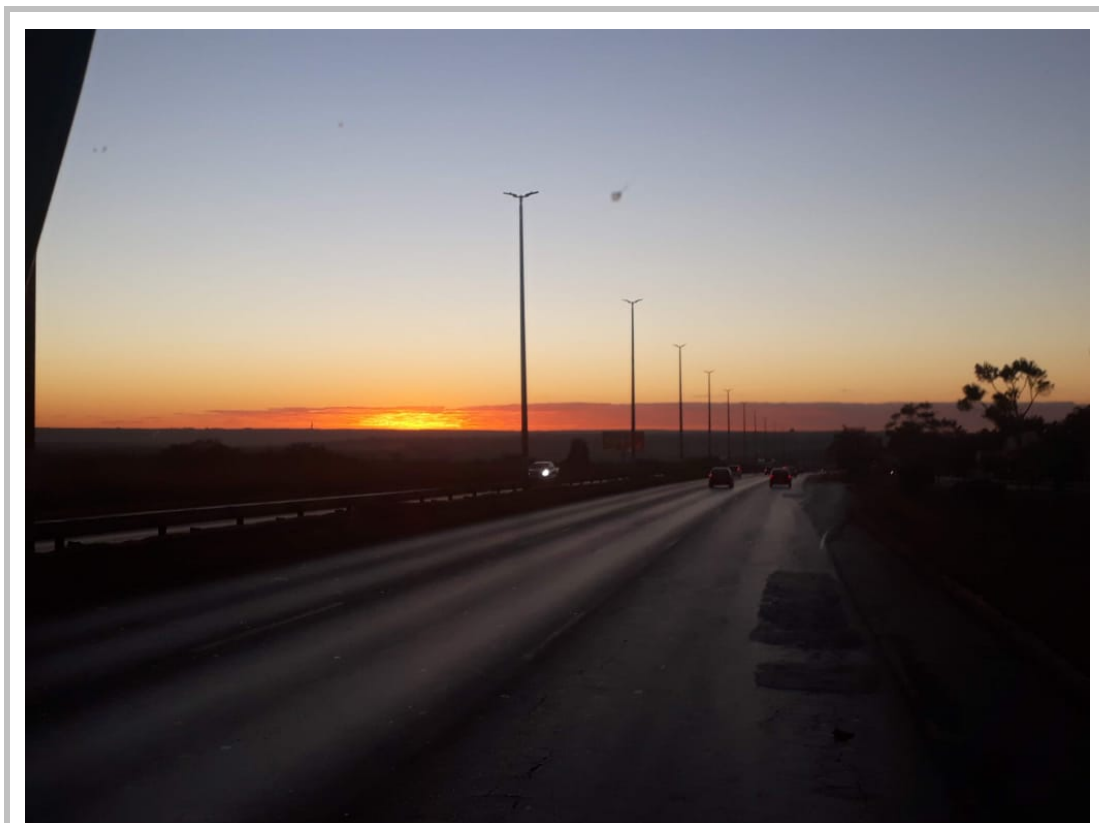
- Representação: O Congresso Nacional.
- O que se intencionou mostrar: o trajeto diário de ida e volta do trabalho
- Atributos da paisagem: Congresso Nacional.
- Tempo retratado: início da manhã, com o sol saindo.
- Objeto retratado: O Congresso Nacional e o céu de Brasília.
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: Caminho do trabalho vendo a praça dos três poderes, congresso nacional.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular.

*Figura 34: O Congresso Nacional e o céu de Brasília.*

Na imagem 35, entrevistado representa o “trajeto para o trabalho”. O autor intencionou mostrar o “Trajeto para o trabalho, antes do dia amanhecer, o nascimento do sol”. Entre os elementos da paisagem, a imagem centralizada é uma via de acesso de seis faixas, com alguns veículos em movimento e o sol desponta no horizonte. Quando questionado, porque essa imagem lhe era tão importante, afirmou: “É o meu trajeto diário, passo por aqui todos os dias. Perguntou-se ainda: o que tem nesse lugar que não tem em nenhum outro? O entrevistado ficou emocionado ao responder: “aquele nascer do sol”.

Nesse caso, enseja-nos apreciar a imagem, o belo, representado pelos olhos do sujeito deslocado, a caminho do trabalho. Não nos cabe aventurar a interpretar, pois a imagem é provocativa e fala por si mesmo. Como sugere BARTHES (1984, p.84):

A fotografia dever ser silenciosa [...] não se trata de uma questão de 'discrição' [...]. A subjetividade absoluta só é atingida em um estado, um esforço de silêncio (fechar os olhos é fazer a imagem falar no silêncio).

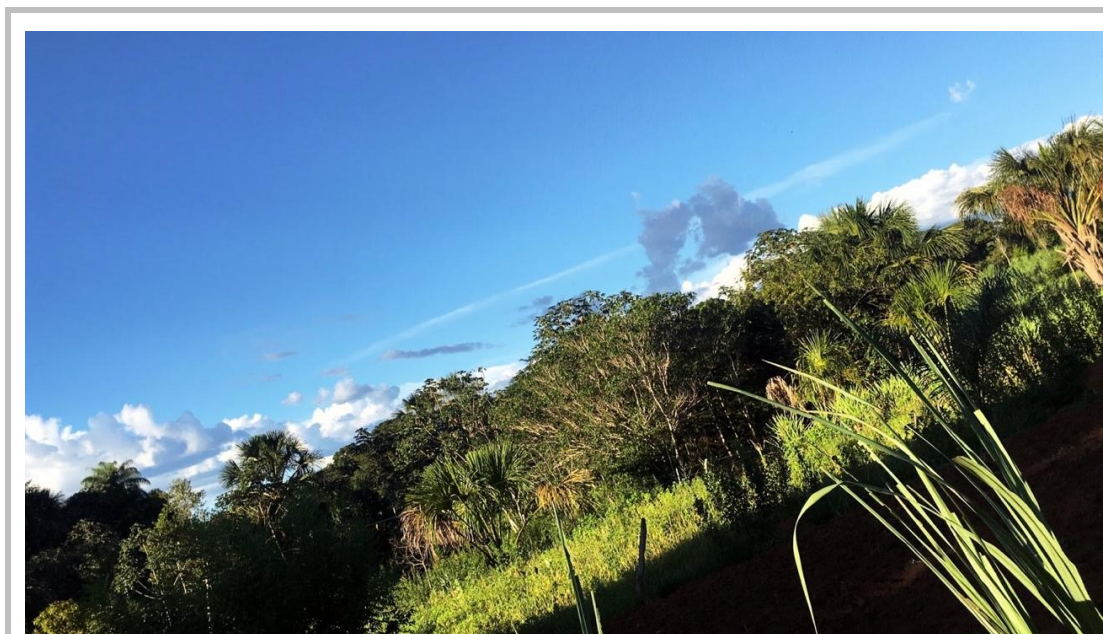


- Representação: Trajeto para o trabalho.
- O que se intencionou mostrar: Trajeto para o trabalho, antes do dia amanhecer, o nascimento do sol.
- Atributos da paisagem: Uma pista relativamente escura, com alguns veículos em movimento.
- Tempo retratado: início da manhã.
- Objeto retratado: Uma via importante de Brasília: A Estrutural.
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: Esse amanhecer lindo, indo para o trabalho.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular.

*Figura 35: Trajeto para o trabalho.*

A imagem 36, o entrevistado representa o “Lá na roça, na casa dos meus pais”. O autor intencionou mostrar a “minha terra no interior da Bahia”. Entre os elementos da paisagem, a imagem centralizada é uma área verde em

bom estado de conservação e um céu em tons de azul. Quando questionado, porque essa imagem lhe era tão importante, afirmou: “é a casa de meus pais, onde vivi até cinco anos atrás. É o lugar que eu tenho saudade, é onde está toda minha família”. Perguntou-se ainda: o que tem nesse lugar que não tem em nenhum outro? O entrevistado respondeu: “meus pais e meus irmãos”.

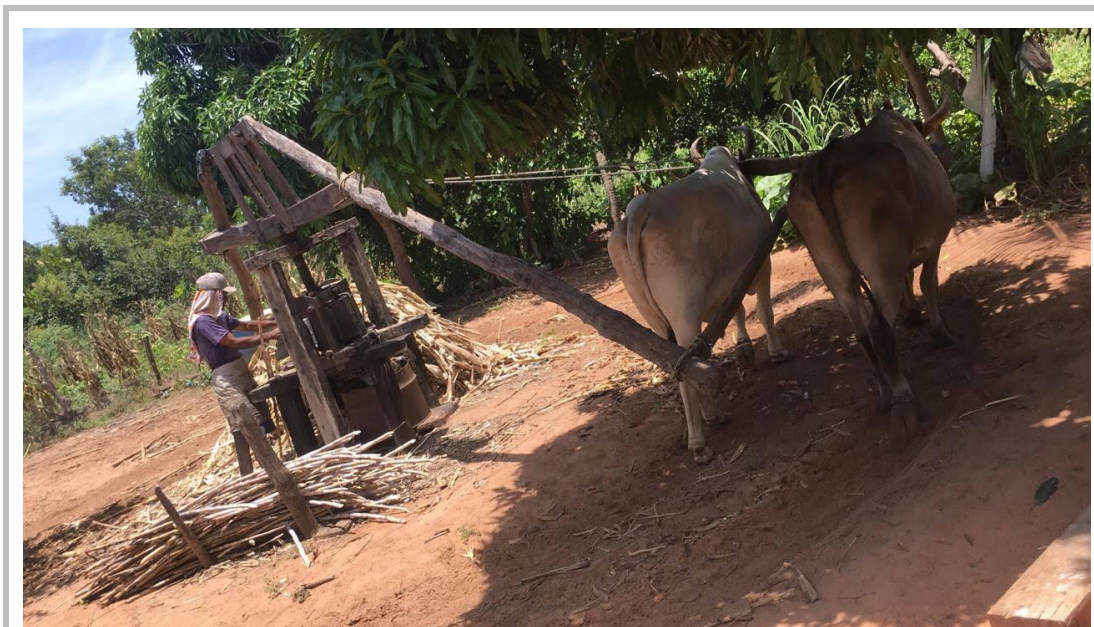


- Representação: Lá na roça, na casa dos meus pais.
- O que se intencionou mostrar: Minha terra no interior da Bahia/BA.
- Atributos da paisagem: Área verde de vazante.
- Tempo retratado: Fim de tarde.
- Objeto retratado: Arredores da casa onde a família reside, na área rural do município de Cocos, Bahia/BA.
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: Uma natureza linda.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular.

*Figura 36: Lá na roça, na casa dos meus pais.*

As imagens 37 e 38, por sua vez, representam o “o trabalho dos meus pais na Bahia, preparo e produção de rapadura”. O autor intencionou mostrar a “Moagem de cana-de-açúcar para a produção artesanal de rapadura, batida e tijolo”. Entre os elementos da paisagem, a imagem centralizada é um equipamento rudimentar de moagem movido a tração animal, nesse caso, uma parrelha de bois. Quando questionado, porque essa imagem lhe era tão importante, afirmou: “porque é de onde vem maior parte da renda da minha família, daí saem rapadura, tijolo, melado. Os meus pais moem durante a semana e no sábado, levam os produtos para vender na feira”. Perguntou-se

ainda: o que tem nesse lugar que não tem em nenhum outro? O entrevistado foi categórico ao responder: “meus pais, minha avó e toda a família por parte de pai e de mãe”.



- Representação: O trabalho dos meus pais na Bahia.
- O que se intencionou mostrar: Moagem de cana-de-açúcar para a produção artesanal de rapadura, batida e tijolo.
- Atributos da paisagem: O que tem no meu lugar que não tem na maioria dos lugares.
- Tempo retratado: Período da manhã.
- Objeto retratado: Moenda de cana-de-açúcar, movida a animal.
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: A simplicidade.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular.

*Figura 37: O trabalho dos meus pais na Bahia.*

Nesse contexto, pode-se considerar que não há ideias sem imagens, mais precisamente, a ideia e a imagem são um único elemento, ao mesmo tempo – social e individual, de nossos estados de consciência, “mas dois pontos de vista de onde a sociedade pode considerar ao mesmo tempo os mesmos objetos, que marca seu lugar no conjunto de suas noções, ou em sua vida ou história” (HALBWACHS, 1925. JODELET, 1989, p.57; LAHLOU, 2012, p.95).

As imagens 37 e 38, estão sempre associadas às figuras familiares, às relações sociais de trabalho e afeto. Assim, estas representações são compostas por figuras e expressões socializadas. Trata-se de uma organização de imagens e linguagens, pois elas realçam e simbolizam práticas e situações comuns àquele sujeito e o seu meio social (LAHJOU, 2014, p.107).

Por essa razão, uma representação “fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime”. No final das contas, ela produz e determina comportamentos, uma vez que define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam. A representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamento e comunicação entre os indivíduos (MOSCOVICI, 1976, p. 26; LAHLOU, 2014, p.108).



- Representação: Grade de rapadura artesanal.
- O que se intencionou mostrar: Um dos produtos do trabalho dos meus pais
- Atributos da paisagem: Uma grade de madeira preenchida com rapadura
- Tempo retratado: período da tarde.
- Objeto retratado: Produção de rapadura
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: Essa rapadura, produzida pela minha mãe.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular.

*Figura 38: Grade de rapadura artesanal.*

Na imagem 39, o entrevistado representa o “rio Sano Antônio”. O autor intencionou mostrar a “um lugar da infância, das brincadeiras, do banho de rio”. Entre os elementos da paisagem, a imagem centralizada é um rio de águas escuras, com uma árvore atravessando de uma margem à outra. Na árvore, tem uma rede que entra em contato com a água. Quando questionado, porque essa imagem lhe era tão importante, afirmou: é o rio, que todo mundo usa pra viver e pro lazer.



- Representação: O rio Santo Antônio
- O que se intencionou mostrar: Um lugar da infância, das brincadeiras, do banho de rio.
- Atributos da paisagem: Um rio.
- Tempo retratado: fim de tarde.
- Objeto retratado: o rio
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: O Rio, que todo mundo usa pra viver e pro lazer.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular.

*Figura 39: O rio Santo Antônio.*

Ainda referente à figura 29, perguntou-se ainda: o que tem nesse lugar que não tem em nenhum outro? O entrevistado respondeu: “minhas lembranças”. Nesse contexto, as marcas da subjetividade são atravessadas pelas relações sociais, reflexos das exterioridades linguísticas, projetadas a partir de potencialidades internas advindas das ações dos sujeitos por meio da linguagem (SANTOS, 2013, 10).

Na condição de sujeitos atravessados pela linguagem e pela história, monumentalizamos nossa práxis acadêmica naquilo que concebemos como prática discursiva de sentidos na incompletude de um ethos científico. Na voragem de um imaginário descontínuo, evoca-se a interpelação de efeitos de sentido no devir de uma diversidade de enunciações acadêmicas. Posto que esse devir seja uma ilusão referencial, não se pode deixar de circunscrever “já ditos” se enunciam em dizeres outros. No rastro dessas representações do dizer, balizado por seus processos de identificação, os sujeitos fundam na memória resquícios de sua autorreferencialidade. (SANTOS, 2013, p.15)

Assim, o vocábulo “lembranças” aparece ligada lugar de origem, de afeto. Como Sugere Rey, vale lembrar que essa ligação passa pela produção de sentido, que tem sua origem no encontro singular de um sujeito com a experiência social concreta. Esse encontro se produz em várias dimensões: o sujeito vivencia e se representa em nível consciente, vários elementos da experiência e associados a ela, sobre os quais nos pode falar, elementos que podem ou não ser portadores de sentido (REY, 2012, p. 51)

Na imagem 40, por sua vez, o entrevistado representa o “o quintal da casa da minha mãe”. O autor intencionou mostrar a “a simplicidade da roça”. Entre os elementos da paisagem, a imagem centralizada é uma árvore ao centro, que sombreia uma grande área. Embaixo da árvore, um bebedouro feito de pneu cortado ao meio e algumas galinhas se abrigam na sombra. Quando questionado, porque essa imagem lhe era tão importante, afirmou: “É onde fui criada, onde moram os meus pais”. Perguntou-se ainda: o que tem nesse lugar que não tem em nenhum outro? O entrevistado respondeu: “meus pais”.

Mais uma vez, cabe recorrer a BARTHES (1984, p. 54), quando ele faz considerações sobre a fotografia, uma vez que é esse o sentimento despertado em quem a visualiza:

Em primeiro tempo, a Fotografia, para surpreender, fotografa o notável, mas logo, por uma inversão conhecida, ela decreta notável aquilo que ela fotografa. O “não importa o quê” se torna então o ponto sofisticado de valor.



- Representação: O quintal da casa da minha mãe.
- O que se intencionou mostrar: a simplicidade da roça.
- Atributos da paisagem: Galinhas soltas no terreiro.
- Tempo retratado: fim do dia.
- Objeto retratado: as galinhas soltas
- O que tem no meu lugar que não tem em outros lugares: Família, lembranças boas.
- Equipamento utilizado: Câmera de celular.

*Figura 40: Quintal da casa da minha mãe.*

Segundo BARTHES (1984, 14), uma fotografia sempre se encontra no extremo desse gesto; ela diz: isso é isso, é tal! Mas não diz nada mais; uma foto não pode ser transformada (dita) filosoficamente, ela está inteiramente lastreada com a contingência de que ela é o envoltório transparente e leve. Mostre suas fotos a alguém: essa pessoa logo mostrará as dela: “Olhe, este é



meu irmão; aqui sou eu criança” [...] a fotografia é sempre apenas um canto alternado de “Olhem”, “Olhe”, “Eis aqui”; ela aponta com o dedo um certo vis-à-vis e não pode sair dessa pura linguagem dêictica.

## CAPÍTULO 5

*As coisas estão longe de ser todas tão tangíveis e  
dizíveis quanto se nos pretenderia fazer crer; a maior  
parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço  
em que nenhuma palavra nunca pisou.*  
(Rainer Maria Rilke)



## CAPÍTULO V

### GEOGRAFIA DOS DESLOCAMENTOS: BRASÍLIA E DISTRITO FEDERAL NA PERSPECTIVA DO MIGRANTE

A *Geografia dos Deslocamentos* se propõe uma categoria de análise geográfica, haja vista que o vocábulo “migração” enquanto conceito não dá conta da complexidade que está entre o “sair de” e o “chegar a”. Entre o “sair” e o “chegar” se encontram motivações pessoais diversas, que não excluem as questões sociais e psicológicas, mas que constituem profundas mudanças identitárias.

Nesse contexto, enquanto categoria, a Geografia dos Deslocamentos tenciona classificar e contribuir para a compreensão do fenômeno do deslocamento humano a partir da perspectiva do sujeito deslocado. Dentro desta categoria, sugere-se ainda, a representação social como teoria e método desta categoria, uma vez que a Geografia é uma “ciência sem sujeito”. Isto é, embora a ciência geográfica, tenha o espaço como objeto de estudo e as categorias – território, região, paisagem e lugar – amplamente fundamentados, nenhuma destas abarca o sujeito como questão central, ou objeto de estudo.

Desse modo, o sujeito tem sido sempre elemento coadjuvante nos estudos geográficos. Por consequência, seguindo a orientação de Milton Santos, em *A Natureza do Espaço*: “É à Geografia que cabe elaborar seus próprios conceitos, antes de tentar emprestar formulações de outros campos” (SANTOS, 2014, 87).

Segundo Santos (2014, p. 82), podemos dizer que “fora do espaço não há realização”, o espaço sendo produzido “por uma conjunção particular de processos materiais e de processos de significação”. Todavia, o processo de significação não ocorre fora do sujeito. Nesse sentido, o sujeito deve ser parte importante e considerável no processo de significação.

Não se trata de uma Geografia social. É mais além, a Geografia dos Deslocamentos, é a Geografia do Sujeito que dá significado ao lugar (no desenvolvimento afetivo), que dá significado à paisagem – “o espaço humano

em perspectiva” (SANTOS, 2014, p.106); que constrói o e usa o Território – “construtor de identidades” e que dá significado à Região – “área dividida que obedece a critérios específicos”.

Nesse sentido, a Geografia dos Deslocamentos não se define por consenso, isso seria uma ingenuidade, considerando que a homogeneidade de uma população não se define por consenso ou adesão, mas porque a sua representação se organiza ao redor do mesmo núcleo central e do princípio gerador da representação. Como sugere ABRIC (2001, p. 14):

La homogeneidade de una población no se define por consenso, pero sí por el hecho de que su representación se organiza alrededor del mismo núcleo central, y del principio generador, de la significación que otorgan a la situación o al objeto al que están confrontados.

O estudo das representações sociais nos parece essencial na Geografia dos Deslocamentos, tanto quanto na psicologia social, porque oferece um marco de análise e interpretação que permite entender a interação entre o funcionamento individual (do sujeito deslocado) e das condições sociais em que esses sujeitos evoluem (ABRIC, 2001, p. 14). Além de compreender os processos que interferem na adaptação socio-cognitiva dos sujeito reterritorializado.

Sabendo que as transformações provocam mudanças também nas identidades pessoais, já que o processo de desterritorialização desestabiliza a ideia que os sujeitos têm de si mesmos, como sujeitos integrados. Esta perda de um sentido de si estável é chamada de deslocamento ou decentração do sujeito. Esse duplo deslocamento (decentração dos indivíduos tanto de um lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos) constitui uma crise de identidade para o indivíduo (GUARESCHI; BRUSCHI, 2003, p. 81/82).

Nesse sentido, partimos do pressuposto que a explicação do mundo e das práticas sociais passam pelos sujeitos. Assim, os desafios e necessidades do sujeito reterritorializado será apresentado a partir da perspectiva dos sujeitos. Para tanto, destaca-se que o conteúdo exposto a seguir, foi obtido por meio de entrevistas em profundidade e grupo focal (composto por nove pessoas), com o objetivo de apreender as Representações

Sociais desses sujeitos sobre o processo de deslocamento e a escolha de Brasília como destino.

Brasília como lugar da experiência e da ação, como espaço vivido e sentido, é entendida como um sistema de relações particulares (LESSA, 2014, p.133). nesse sentido, pode-se inferir que a espacialidade das relações sociais pode ser compreendida no plano da vida cotidiana e, a partir desta, articulada e redefinida como plano da reprodução do espaço em seus múltiplos aspectos (SOUZA, 2012, p. 63; LESSA e SOBRINHO, 2014, p.133).

### **5.1 As etapas do deslocamento: Entre idas, vindas e retornos**

*Se o cotidiano lhe parece pobre, não o acuse:  
acuse-se a si próprio de não ser muito poeta para extrair as suas riquezas.  
(Rainer Maria Rilke)*

Diante da necessidade de compreender como se deu o processo de deslocamento dos sujeitos que escolheram Brasília, no Distrito Federal como destino e também, de verificar se os trajetos influenciaram a forma com que os reterritorializados apreendem o Distrito Federal e sua divisão político-administrativa. Para tanto, foram realizadas entrevistas individuais e com grupo focal.

Nesse contexto, cabe ressaltar que todos os participantes desta pesquisa passaram por várias etapas de deslocamento. Trata-se esta, da primeira característica comum dos entrevistados. Como forma de preservar o anonimato dos participantes, nos referiremos a eles como “Deslocado I”, “Deslocado II” e grupo focal.

O Deslocado I é de origem rural e iniciou o seu processo de deslocamento com a finalidade de estudar, concluir “os estudos”. Assim, como a história de muitos sujeitos de origem rural, chega um momento em que as oportunidades na área rural se esgotam. Nesse momento, parte-se em busca de melhoria de vida, que nesse caso, está associada à escolarização e à possibilidade de entrada no mercado de trabalho, pois morar fora exige recurso.

Contudo, além das dificuldades comuns aos que deslocam, o “deslocado I” enfrentou ainda, desafios relacionados à questão de gênero, que segundo ele, foi fato motivador para perder o local de moradia na cidade, como afirma:

Eu saí da roça pra terminar os **estudos. Eu fiz a 8ª série**. Aí, em 2009 eu fui morar em Matões, na casa do meu tio. Morei com a família dele por um tempo, mas ele me colocou pra fora, porque descobriu que eu era gay. Aí, acabei indo morar na casa de uma vizinha, que conheci lá. Pra você vê, ela era crente e nunca me julgou. **Morei com ela até terminar o ensino médio.**

Depois que terminei o ensino médio, consegui um emprego como vendedor de loja. Ganhava 300,00 de salário, e tinha que achar bom, **porque lá quem emprega é a prefeitura** e pra achar emprego na prefeitura, precisa ser conhecido e puxar muito o saco do povo do prefeito.

Quando questionado sobre as circunstâncias em que saiu da roça, se ainda se recorda de situações da partida, respondeu:

Eu saí de Coités de pau de arara. Lá é assim até hoje. Um carro aberto que o povo vai atrás. Saí 5 horas da manhã. O que eu não esqueço o dia que eu saí. **Quando eu coloquei a bolsa no carro pra ir embora, eu olhei pra trás e vi o meu pai colocando a cangalha no jumento pra ir trabalhar. Ele começa trabalhar bem cedo. Eu vi aquilo e senti uma tristeza, por saber do sofrimento que ele enfrenta todo dia e eu não podia fazer nada pra ajudar** ele e minha mãe, que até hoje vive de quebrar coco.

O “deslocado I”, ressaltou a dificuldade de vivenciar a sua orientação sexual no interior. Segundo ele, o interior ainda é muito preconceituoso. Mas não viu nessa dificuldade o único fator motivador para mais um deslocamento. Todavia, acreditava que sair, lhe daria melhores oportunidades de trabalho e salário. Segundo ele, viver no interior seria viver uma vida que não era a dele, como afirma:

Sou gay e ficar lá era complicado, porque **eu não queria dar desgosto pros meus pais**. Lá, eu vivia uma vida que não era minha. Eu pensava que se eu fosse pra **outro lugar eu poderia viver do meu jeito, trabalhar, ter meu dinheiro**.

Quando questionado sobre as vivências de deslocamentos, o que sentiu, ele ressalta as memórias do lugar de origem e o medo do novo, do desconhecido. Associa a primeira experiência de saída com sofrimento e diz:

A primeira vez que saí do Maranhão, ***minha primeira experiência de saída foi um sofrimento***. De Coité pra Matões foi tranquilo, porque estava perto dos meus pais, perto dos parentes. Mas a saída pra São Paulo/SP, foi muito difícil. Mas vim pra Brasília foi mais tranquilo. ***A primeira vez que a gente sai é mais complicado. Vai passando um filme na cabeça da gente. Esse filme mistura com o medo do desconhecido.***

O propósito de qualquer fato de discurso, é saber segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos na descrição de acontecimentos do discurso, a questão que se apresenta é saber como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar (FONSECA-SILVA, 2013, p. 32). Nesse sentido, “o enunciado é um acontecimento” (FOUCAULT, 1969, p.32).

Quando o sujeito relata situações de “Sofrimento” e “dificuldade”, ele está discorrendo sobre um fato, que foi exposto por meio de uma existência remanescente no campo de uma memória que se faz presente. Como reforça Fonseca-Silva, 2013, p.33:

O enunciado, como função de existência, tem um sujeito, mas não um sujeito transcendental ou antropológico, idêntico ao indivíduo-autor da formulação, que vive no tempo sem esquecimento e sem rupturas. O sujeito do enunciado de que trata Foucault é uma posição como uma função determinada e vazia que pode ser ocupada por diferentes indivíduos, sob certas condições.

Todavia, é importante ressaltar que o domínio da memória é também, uma condição de existência. Assim, destacar o “sofrimento” e a “dificuldade” é uma forma de ressignificar os acontecimentos, isto é, de dar um novo sentido à experiência vivenciada, já que o autor do discurso se encontra em uma outra fase onde os sofrimentos e as dificuldades são outras.

O “novo” ou “desconhecido”, é elemento recorrente no processo de construção social da realidade, principalmente quando o vocábulo em questão está associado ao fenômeno do deslocamento. Deixar o ambiente seguro da casa, o lugar com o qual se relaciona afetivamente coloca o sujeito em situação de desequilíbrio e insegurança. Todavia, apesar das dificuldades enfrentadas

pelo entrevistado, este avalia os seus trajetos positivamente. Conforme afirmação:

Eu **saí de Coité**s – uma roça que faz parte do município de Matões e **fui morar em Matões. De Matões fui morar em São Paulo, Capital**. Quando eu percebi que não ia dá pra continuar em São Paulo, eu conversei com minha mãe, que me disse que tinha uma empresa contratando gente do Maranhão pra ir trabalhar na Bahia. **Aí, eu voltei pra Matões, Maranhão** porque tava certo de eu **ir pra Bahia**. Só, que quando eu cheguei no Maranhão eu fiquei sabendo que o negócio de ir pra Bahia não tinha dado certo. **Foi só depois disso que eu decidi ir pra Brasília**. Quer dizer, **meu tio chamou pra ir morar em Brasília** pra trabalhar. Aí, eu **fui pra Brasília. Fui morar em Lago Azul**. Fiquei trabalhando numa padaria da Asa Sul e **morando com meu tio**. Saí desse emprego porque eles mudaram meu horário e eu tinha que voltar pra casa muito tarde, ficou muito perigoso, aí eu tive que sair.

O vocábulo “Morar”, no discurso do sujeito aparece como sinônimo de casa, isto é, o mesmo que "estar em casa", ou sentir-se em casa, fala de situações onde as relações são harmoniosas e as disputas devem ser evitadas. Não posso transformar a casa na rua e nem a rua na casa impunemente. Há regras para isso (DA MATTA, 1997, p. 38).

Perguntou-se ainda, como se deu o processo de adaptação do sujeito no novo destino após a perda do emprego. O entrevistado se emocionou ao responder:

**Logo arrumei outro emprego** num restaurante do Lago Sul, onde eu fazia drinks. Aí, pouco tempo depois, **meu tio fala pra eu sair de casa porque eu era gay. Pode isso? De novo**. Aí eu arrumei um barraco onde minha amiga morava, só que era em Céu Azul – um lugar apertado, escuro e feio, mas era onde eu conseguia pagar. **Fui só eu e Deus, porque eu não tinha nada, nem fogão**. Até a comida eu fazia na casa dessa amiga que me arrumou o barraco. Aí nesse restaurante do Lago Sul eu tinha **uma gerente muito boa**, ela me deu geladeira, e o pessoal se organizou e eu ganhei muita coisa, foi quando eu **mudei pro Itapoã, pra ficar mais perto do serviço. Depois, vim morar em Taguatinga**.

“Arrumar” é o mesmo que conseguir. Trata-se da colocação do sujeito no mercado de trabalho, o início do processo de construção de uma nova realidade social. O emprego, aparece como uma área que contém o “mundo que se acha ao meu alcance”, o mundo em que eu atuo com a possibilidade de mudar a realidade, através do mundo do trabalho. No mundo



do trabalho a consciência é dominada pelo motivo pragmático, ou seja, “minha atenção a esse mundo é principalmente determinada por aquilo que estou fazendo, fiz ou planejo fazer nele (BERGER e LUCKMANN, 2004, p.39). O mundo do trabalho, na vida do sujeito em deslocamento é o mundo por excelência.

O trabalho é condição para a permanência no local de chegada. É uma posição de privilégio. Segundo Berger e Luckmann (2004), a consciência é capaz de mover-se através de diferentes esferas da realidade, isto é, o mundo consiste em múltiplas realidades. Quando se passa de uma realidade a outra, experimenta-se a transição como uma espécie de choque. Este choque deve ser entendido como causado pelo deslocamento da atenção acarretado pela transição. “A mais simples ilustração deste deslocamento é o ato de acordar de um sonho”.

Nesse contexto, a realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes da entrada do sujeito em cena. Assim “arrumar emprego” como a linguagem usada pelo entrevistado fornece as objetivações necessárias e determina a ordem em que o emprego/ trabalho, representa sentido e na sua vivência, ganha significado.

Quanto ao vocábulo casa, este, representa os laços permanentes com a origem do sujeito, com as relações familiares e afetivas. A casa remete à segurança, ao cuidado. Trata-se do oposto da rua, que é insegura e perigosa.

Segundo DA MATTA (1997, p.35), não se pode misturar o espaço da rua com o da casa sem criar alguma forma de grave confusão ou até mesmo conflito. Sabemos e aprendemos muito cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa e, mesmo assim, dentro de alguns dos seus espaços.

DA MATTA (1997, p. 37), ressalta ainda:

[...] em algumas expressões relacionais - que exprimem a ligação dramática da casa com a rua - como "vá para a rua!" ou "vá para o olho da rua!" Estas expressões denotam o rompimento violento com um grupo social, com o conseqüente isolamento do indivíduo, agora situando-se diante do mundo "do olho da rua", isto é, de um ponto de vista totalmente impessoal e desumano. Do mesmo modo, se diz "estou (ou fiquei) na rua da amargura" para designar a solidão ou a ausência de solidariedade de um dado grupo social.

Quando perguntado sobre a família, onde moram, o entrevistado relata que seus familiares ficaram no Maranhão e enfrentam muitos problemas sociais. Destaca a vontade que tem de poder ajudar as irmãs, pois elas criam os filhos sozinhas. Relata:

***Se eu pudesse, eu ajudaria minhas irmãs.*** Elas são analfabetas. Os casamentos delas não deu muito certo e elas criam os filhos sozinhas, num sofrimento só. Quando eu tô lá, ***vejo a dificuldade delas.*** Toda hora é: mãe, meu chinelo quebrou! Mãe, hoje só tem feijão! ***Como é que melhora de vida assim?*** Não tem jeito! É muito sofrimento, muita dificuldade. Nem ***meu pai, nem minha mãe, nem minhas irmãs sabem lê.***

Assim como “casa” e “morar”, a palavra “mãe” aparece carregada de afeto na fala do entrevistado. Trata-se das relações familiares, que sempre aparecem ligadas à ternura e ao cuidado. A mãe é a representação evidente da socialização primária. Geralmente, carrega maior valor na escala de importância na sua estrutura básica de socialização, isto é, a socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo vivencia na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade.

Nesse sentido, a “mãe” é sempre vocábulo recorrente tanto nos discursos dos sujeitos em processo de deslocamento, quanto nos casos em que o processo de deslocamento se dá por encerrado – período em que o sujeito decide por finalizar o processo de deslocamento, fixando “raízes” no local de chegada e/ou nos casos de retorno ao lugar de origem.

O “ver” aparece como algo mais profundo que simplesmente olhar. “O olhar percorre e não se fixa”. Ver algo significa extraí-lo dessa homogeneidade indistinta do olhar, significa conferir atenção, tratar esse algo como especial (GOMES, 2013, p.32). A diferença entre olhar e ver consiste em despertar o interesse.

A visibilidade, por sua vez, é irremediavelmente não totalizadora. Segundo Gomes (2013, p.33), “a visibilidade é um fenômeno com uma incontornável geograficidade”. Nesse sentido, é possível afirmar que a posição do sujeito no momento em que ele vê, o coloca em uma situação de pertencimento ao mesmo plano do que se vê, podendo, a partir desse campo de visão, definir relações entre as coisas.

Assim, quando o entrevistado afirma: “quando estou lá, vejo as dificuldades”, fica claro a ideia de posição (geográfica), que depende de um sistema de referência composto pelas relações entre as coisas, entre as pessoas e entre as pessoas e os lugares.

O “saber” (nem meu pai, nem minha mãe, nem minhas irmãs sabem ler), por sua vez, aparece nas narrativas, sempre aludindo à necessidade de deslocamento – mudar para aprender, para conhecer coisas novas. Segundo FONSECA-SILVA (2013), o sujeito tem dupla posição na configuração do saber – o homem objeto do saber e o homem sujeito do saber. Nesse sentido, o entrevistado mostra preocupação com o fato de as irmãs não saberem ler. FOUCAULT (1969, p.206-207) afirma que:

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva [...] um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso [...] um saber é também o campo de coordenação e subordinação dos enunciados em que conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam [...] finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso [...] e toda a prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma.

FONSECA-SILVA (2013), corrobora com a afirmação de Foucault, quando sustenta que os saberes são independentes da ciência, mas ciência se localiza no campo do saber e nele exerce um papel, que varia conforme as diferentes formações discursivas. Nesse sentido, embora o entrevistado não seja um estudioso do tema, ele adverte para a importância do saber como um dos elementos para a construção da autonomia dos sujeitos na realidade social

Quando questionado se valeu a pena todas as dificuldades enfrentadas para hoje, estar morando no Distrito Federal. O entrevistado afirmou que sim, e um dos motivos de ter valido a pena, é que hoje ele tem uma casa própria.

***Hoje eu tenho uma casa de tijolo.*** Eu fiz minha casa lá em Matões. ***Comprei o terreno com o dinheiro que eu juntei.*** A casa fica fechada, mas ***quando meu pai aposentar, ele aposenta no ano que vem. Aí eles vão morar na minha casa.***

Perguntou-se ainda o que ele sente morando no Distrito Federal? Como ele avalia todo o processo que passou, desde a saída da roça até o dia de hoje. Segundo ele, Brasília é um ótimo lugar para se morar, como afirma:

Aqui é bom demais! ***Eu trabalho, ganho dinheiro. Brasília tem lugar pra passear. Eu faria tudo de novo!*** Sairia de Coité e de Matões de novo. Iria pra São Paulo de novo. ***Mas se eu soubesse, teria vindo direto pra Brasília. Eu gosto de sentir que dei a volta por cima aqui.*** Na vida é assim: ***você faz seus planos, mas Deus faz outros. Eu achava que São Paulo era onde as coisas iam dar certo, mas Deus me mostrou que o plano d'Ele pra mim era em Brasília.***

A “fé” é elemento recorrente nos discursos dos sujeitos deslocados. A fé e a confiança exercem um papel muito importante na vida dos sujeitos. Não se trata, aqui, da fé religiosa, mas de uma confiança que tem significação intensa da proteção divina, de que embora esteja sozinho, longe dos seus parentes, existe um Deus poderoso que olha por nós, nos direciona e protege. Vale destacar, que a “fé em Deus”, aparece nas falas como fato, verdade inquestionável. Afinal, como afirmou o entrevistado: “tem situações na vida que só Deus na causa”.

Quando perguntado se tem intenção de voltar à sua terra natal, o entrevistado parou por uns instantes, respirou fundo, ficou em silêncio e depois de alguns minutos, respondeu:

Saudade a gente tem muita. ***É o lugar da gente, né?! Mas pra voltar, só se agente abrir alguma coisa lá, um salão, um bar. Não dá pra confiar que vai achar serviço lá. Lá, as coisas são muito mais difícil, pouco dinheiro, muito sofrimento, dificuldade e ainda tem muito preconceito.***

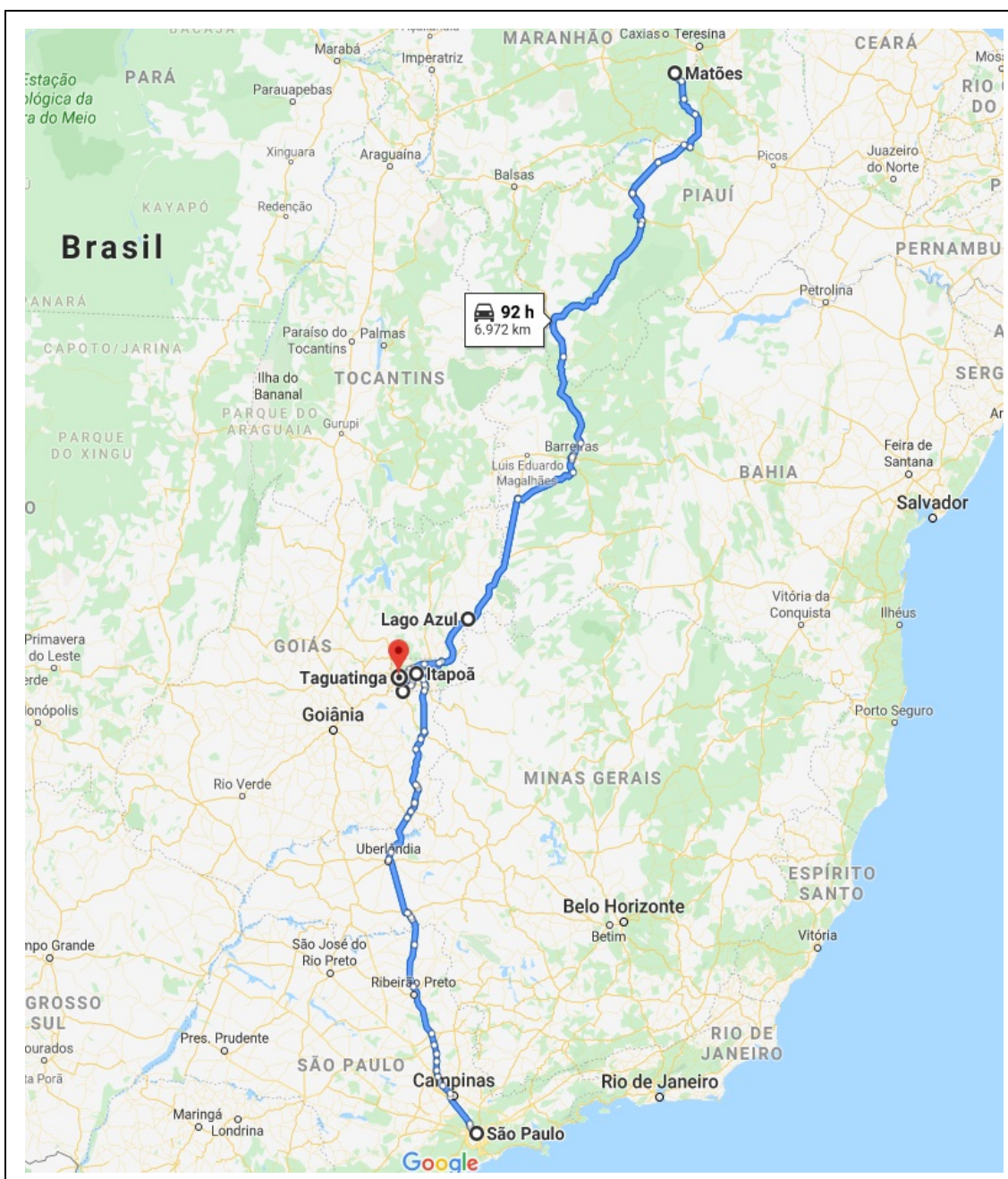
O termo “lugar” é dotado de valor. É uma categoria de análise geográfica associada à afetividade. O lugar é a pausa, é a segurança (LESSA e SOBRINHO, 2014, p.27). os lugares ressaltam as particularidades, que tem sempre uma carga afetiva do sujeito que vivencia. O lugar deixa de ser um local qualquer, passando a ser um fenômeno da experiência humana. Os lugares são existenciais. Segundo LESSA e SOBRINHO (2014, p. 30), “é no lugar que as diversas experiências de espaços podem se relacionar de modo particular”.

Segundo SERPA (2011); LESSA e SOBRINHO (2014), O termo “lugar” aparece na fala do sujeito como representação um fenômeno da experiência humana, além de expressar e condicionar a rotina, os confrontos, os conflitos e as dissonâncias, permitindo assim, uma leitura da vida diária, com seus ritmos e contradições próprios.

Os lugares reproduzem ainda, as relações sociais, políticas, culturais, econômicas e ambientais, nas mais diversas escalas de análises, mas sempre associadas à questão do afeto. Nesse sentido, a operacionalização do conceito de lugar, o seu uso nos discursos dos sujeitos, é uma importante oportunidade de aprofundamento tanto das análises espaciais, como das representações sociais. Assim como a essência do espaço é social (SANTOS, 1985, p. 12), a essência do lugar é afetiva.

O *entrevistado I*, realizou seu processo de deslocamento em oito etapas, conforme disposto na figura 41:

## TÍTULO: DESLOCAMENTO EM OITO ETAPAS COM RETORNO



**FIGURA 41 – DESLOCAMENTO EM OITO ETAPAS COM RETORNO**  
**ELABORADO POR:** LESSA, Temízia Cristina Lopes (novembro/2019).

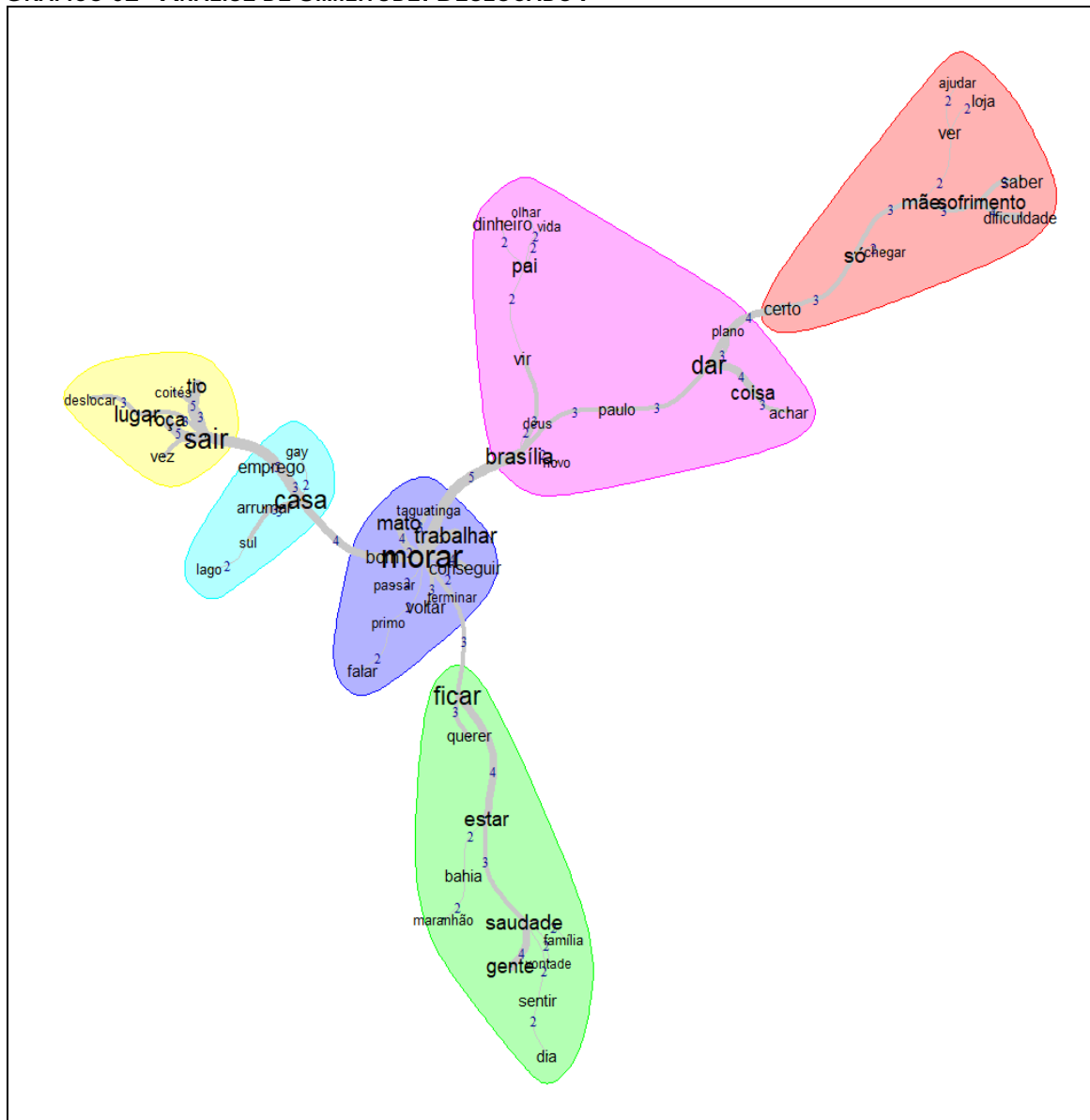
### Etapas do deslocamento:

1º – Coités (Área rural), Estado do Maranhão; 2º – Matões, Estado do Maranhão; 3º – São Paulo, Estado de São Paulo; 4º – Matões, Estado do Maranhão; 5º – Lago Azul, Estado de Goiás; 6º – Céu Azul, Estado de Goiás; 7º – Itapoã, Distrito Federal; 8º – Taguatinga, Distrito Federal

O tratamento dos dados obtidos por meio de entrevista em profundidade por análise de similitude permitiu então, extrair a estrutura da

representação social do sujeito deslocado. Nesse sentido, é importante destacar que o “sujeito fala do que lhe parece importante”.

**GRÁFICO 02– ANÁLISE DE SIMILITUDE: DESLOCADO I**



AUTORA: LESSA, Temízia Cristina Lopes (2019).

A análise de Similitude se baseia na teoria dos grafos, possibilita identificar as coocorrências entre as palavras e seu resultado traz indicações da conectividade entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura de um corpus textual, distinguindo também as partes comuns e as especificidades em função das variáveis ilustrativas (descritivas) identificadas na análise (MARCHAN e RATINAUD, 2012; CAMARGO e JUSTO, 2013, p. 516).

Nesse sentido, é possível afirmar que o processo de deslocamento deixa o sujeito em situação de suscetibilidade no que se refere aos conflitos identitários, uma vez que que esses conflitos se devem a uma relação de “*duplo pertencimento*” – presente onde está ausente, ausente onde está presente. Trata-se de uma espécie de conformismo com as novas regras sociais, sempre associada ao desenvolvimento cognitivo e econômico. Trata-se de uma concepção multifatorial que acarreta maiores momentos de insegurança, que o deslocado não teria em seu local de origem.

Por meio desta análise, foi possível verificar a função de “*justificação dos comportamentos e das tomadas de posição*”, pois evidenciou que uma vez familiarizado com o processo de deslocamento (na primeira saída), como em uma situação experimental, volta a ocorrer, seja de forma compulsória – quando não resta alternativa ou pela expectativa de melhoria de vida.

## **5.2 As etapas do deslocamento: Expectativa de melhoria de vida**

*Não é só a inércia a responsável pelo fato das relações humanas se repetirem caso após caso indescritivelmente monótonas e viciadas. É a inibição frente a qualquer experiência nova e imprevista com a qual não nos achamos capazes de lidar. Mas só alguém que esteja corajosamente disposto a qualquer coisa, que não exclua nada, nem mesmo o mais enigmático, viverá a relação com o outro como uma experiência viva.*  
(Rainer Maria Rilke)

Com a retomada de interesse pelos fenômenos coletivos e mais precisamente pelas regras que regem o pensamento social, o estudo do pensamento ingênuo e do senso comum, nesta pesquisa são essenciais. Segundo Moscovici (1969), não há distinção alguma entre os universos exterior e interior do indivíduo e do grupo.

Partindo desta premissa, se um grupo expressa uma opinião a respeito de um objeto ou de uma situação, esta opinião em certa medida constitui o objeto, o determina. Assim, a relação sujeito-objeto determina o objeto mesmo. Pois uma representação sempre é a representação de algo



para alguém. Nesse sentido, a relação do deslocado (sujeito) com Brasília (objeto), é parte intrínseca de um vínculo social e deve ser interpretada como tal (ABRIC, 2014).

Toda representação é composta de figuras e expressões socializadas. Conjuntamente, uma representação social é a organização de imagens e linguagem, porque ela realça e simboliza atos e situações que se tornam comuns. Encarada de um modo passivo, ela é apreendida a título de reflexo, na consciência individual ou coletiva, de um objeto, de um feixe de ideias que lhe são exteriores (MOSCOVICI, 1976, 9.26).

Assim, a opção por trabalhar com um grupo focal, surgiu como forma de verificar e controlar os elementos centrais de uma representação coletiva. Partindo da ideia de que a representação é um processo ativo de construção da realidade, utilizamos como ferramentas – a entrevista e ao final, como todos os participantes trabalhou-se com evocações livres.

Compreender a representação como sistema contextualizado, é apreender o lugar do indivíduo e o grupo ocupa em um sistema social. Segundo ABRIC (2014), as representações sociais tem como função:

- Entender e explicar a realidade;
- Definir a identidade e permitir salvaguardar a sua especificidade do grupo;
- Conduzir os comportamentos e as práticas;
- Permitir justificar a posteriori as posturas e comportamentos.

A reunião do grupo focal, concentrou esforços em manter a discussão, no sentido de atender aos questionamentos da pesquisa. Nesse sentido, como forma de compreender *como os indivíduos* entendem o Distrito Federal e sua divisão político-administrativa.

Nesse caso, foi possível verificar uma espécie de auto-referencialidade, isto é, os “sujeitos deslocados” tendem a reproduzir a realidade político-administrativa do local de origem. Veem Brasília como o Centro da cidade e as regiões administrativas são apreendidas como bairros de Brasília. A fala abaixo ilustra bem a percepção do sujeito:

***Quando vim pra Brasília, vim só, pra morar e trabalhar com um primo que já morava em Taguatinga. Foi um tempo muito difícil. A gente vim barriga verde, praticamente da***

**roça pra tocar a vida numa cidade dessa.** No DF, morei em Taguatinga e Recanto das Emas.

**Quando eu cheguei aqui, via reportagens na televisão sobre a Estrutural, criança vivendo em situação de miséria que eu nunca tinha visto na roça.** Esse foi o primeiro choque. **Porque a pobreza lá é compartilhada. Mas ver aquele nível de pobreza, na capital do Brasil foi uma coisa que eu nunca esqueci. E olha que eu trabalho desde criança, nada nunca foi fácil.** (Sujeito I)

Embora ele não tenha dito: quando vim pra cidade de Brasília (...) morei no bairro Taguatinga e Recanto das Emas. Esse modo de conceber Brasília fica evidente ainda, quando ele afirma: “via reportagens na televisão sobre a Estrutural (...) Mas ver esse nível de pobreza na Capital do Brasil”. Mais uma vez outra região administrativa aparece como bairro de Brasília.

Conforme figura abaixo, que representa que o processo de deslocamento deste indivíduo se deu em cinco etapas. Atualmente, já fez o deslocamento de retorno, que segundo ele, é definitivo.

Todos os meus irmãos moram no DF. **Hoje estou aqui a passeio. Já voltei de vez pra roça.** Aqui eu trabalhava com vendas, mas a crise chegou, caíram as vendas, achei mais vantagem voltar e produzir na roça. **Hoje trabalho com agricultura, planto mandioca, feijão, cana, produzo rapadura e entrego em comércios aqui do DF.** (Sujeito I)

## TÍTULO: DESLOCAMENTO EM CINCO ETAPAS COM RETORNO DEFINITIVO

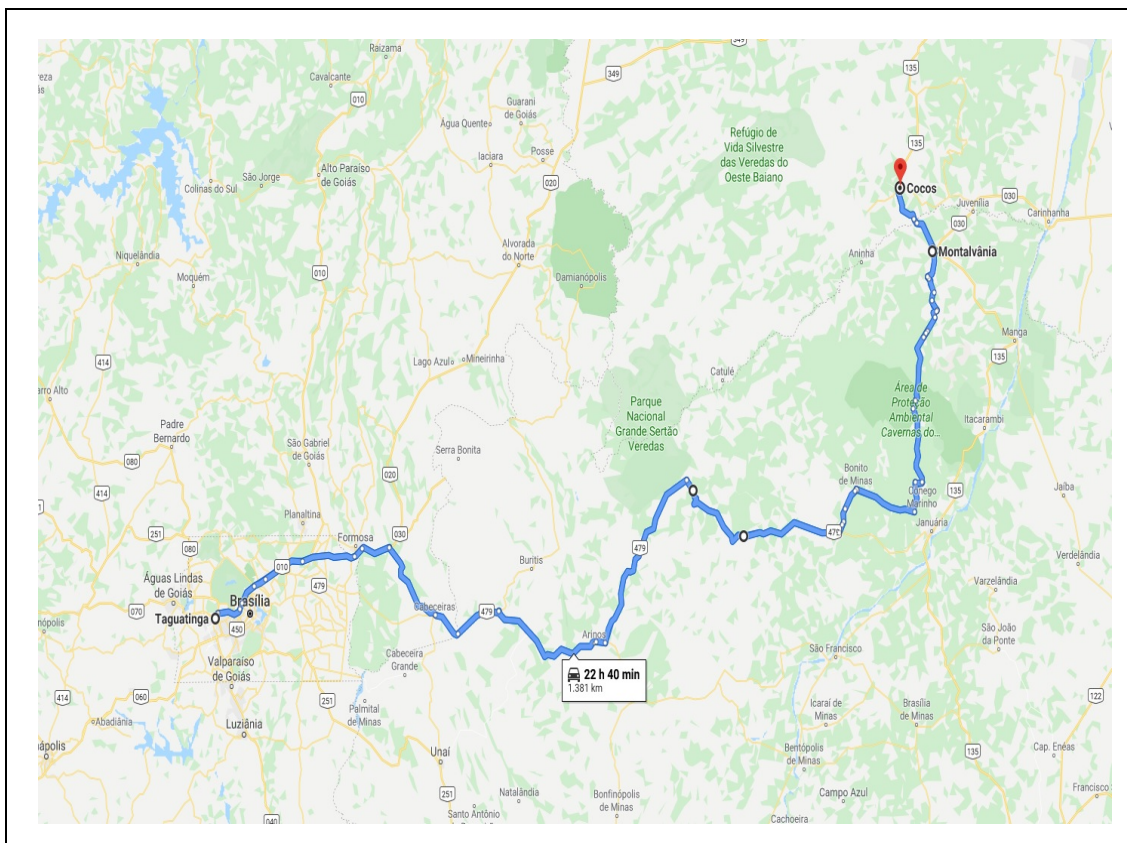


FIGURA 42 – DESLOCAMENTO EM CINCO ETAPAS COM RETORNO DEFINITIVO  
ELABORADO POR: LESSA, Temízia Cristina Lopes (2019).

### Etapas do deslocamento:

1º – Área rural de Cocos, Bahia/BA; 2º – Área urbana de Cocos, Bahia/BA; 3º – Montalvânia, Minas Gerais/MG; 4º – Taguatinga, Distrito Federal, DF; 5º – Cocos, Bahia/BA

Diante do questionamento: o deslocamento pode, de alguma forma direcionar o posicionamento dos sujeitos sobre a percepção e apreensão de Brasília e do Distrito Federal? Arriscamos a afirmar que sim. Principalmente nos casos em que o processo de deslocamento se deu em mais de uma etapa. Haja vista que o segundo deslocamento só ocorre se o primeiro não der certo e assim por diante. No discurso abaixo, isso fica claro:

***Eu sou da roça*** – povoado Santo Antônio, município de Cocos/BA. Como ***lá não tinha escola***, nós, eu mais quatro irmãos fomos ainda criança, morar na cidade de Montalvânia/MG pra estudar. Em 1988 eu volto pra roça com 3 irmãos. ***Um ficou porque trabalhava desde os 10 anos de idade em um bar***. Eu voltei pra roça com o meu irmão caçula e permanecemos na roça até 1990. No ano seguinte, voltamos

pra Minas, só que dessa vez, fomos morar na roça. Ficamos durante um ano. Em 1992 eu e meu irmão caçula fomos morar na cidade de Cocos/BA, estudava de segunda a sexta. Sexta, depois da aula íamos pra roça, onde trabalhávamos e voltava pra cidade domingo à tarde. Em 1994 voltamos para Montalvânia/MG, e fomos morar com o irmão que tinha ficado da primeira vez. Trabalhei no comércio até 1997. Em 1997 me mudei pra Brasília.

Diante de tantas idas e vindas, deslocamentos com propósitos frustrados, quando o indivíduo chega em Brasília (que na verdade, está chegando no Distrito Federal), e este se coloca no mercado de trabalho, começa a viver uma realidade mínima de conforto, passa a ver Brasília como “Terra da Oportunidade”, o que ficará devidamente ilustrado nos conteúdos provenientes das evocações, também parte deste trabalho.

Outro caso de deslocamento em várias etapas, tendo a primeira fracassado, permite que apreendamos a percepção do sujeito deslocado em relação a Brasília, quando afirma:

**A primeira vez que saí de casa** foi pra ir pra Anápolis. **Foi uma experiência desagradável. Foi Horrível!** Era pra trabalhar numa loja de produtos agropecuários. **Trabalhei três meses sem receber, nem um real. Trabalhei de graça.** Morando no fundo da loja. Imaginava uma coisa e foi totalmente diferente. **Eu achava que ia ter um salário bom, que a empresa fosse fichar minha carteira.**

**A sogra do dono da loja** viu minha situação, viu que não era certo, **era trabalho escravo, né?!** Aí **ela me acolheu na casa dela e me ajudou arrumar emprego** em uma fábrica de papelão. **Aí, trabalhei um tempo lá, pra conseguir algum dinheiro pra voltar pra Bahia.** Eu estava decidido a voltar pra Bahia. Quando eu consegui o dinheiro suficiente pra voltar, **eu passei por Brasília.** Minhas primas moravam em Taguatinga. Eu fiquei alguns dias por aqui. Aí, **minhas primas falaram que eu podia ficar morando com elas. Eu fiquei e consegui um trabalho, que estou até hoje.** Sou operador de caixa num supermercado.

É importante destacar, que o sujeito em questão, chegou em Taguatinga (de Anápolis a Taguatinga). Quando fez: “Passei por Brasília”, ele esteve em Taguatinga. Mais uma vez, é possível perceber a auto-referencialidade, isto é reproduzir a realidade (cidade-bairro) do seu local de origem na realidade do Distrito Federal, que é distinta. Mais uma vez, refere-se a Taguatinga, como se fosse um bairro de Brasília:

Eu gosto muito das pessoas que conheci aqui. **Brasília é maravilhosa, tem muita oportunidade. Moro em Taguatinga**, pago trezentos e cinquenta reais de aluguel e faço renda extra tocando e cantando em bares e eventos aos finais de semana. **Se eu pudesse voltar atrás eu teria vindo direto pra Brasília. Mas meu sonho mesmo é morar em Salvador.** (sujeito II)

Eu sou de Buritis de Minas. **A primeira vez que saí, foi pra morar no Gama**, com uma tia. **Cheguei aqui em Brasília**, comecei a trabalhar, mas voltava tarde do serviço e não tinha como estudar. Aí, eu **voltei pra Buritis**, pra terminar o segundo grau. Quando eu terminei o segundo grau eu **voltei pra Brasília**. Fui morar no Gama de novo.

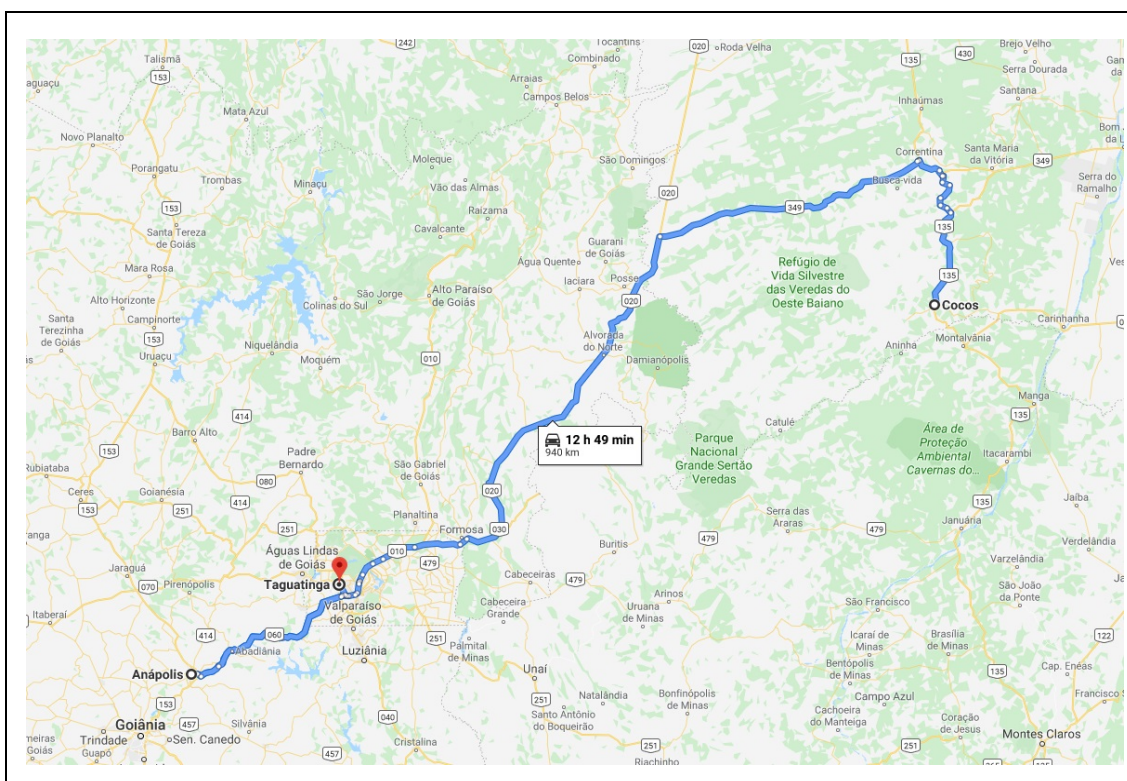
**Eu casei aqui em Brasília**. Minha esposa é da Bahia. Aí nós conseguimos **comprar uma casa em Águas Lindas de Goiás**. A vida aqui é de muita luta, muito trabalho. **As pessoas da região que eu vim tem em Brasília um local mais fácil pra ganhar a vida**. Mas muito do que eles acham é por causa dos comentários. Sempre que o pessoal de lá de que moram aqui vão lá a passeio, falam muitas facilidades, mas não tem nada fácil. (sujeito III)

O sujeito III, também se refere ao Gama como bairro de Brasília. Todavia, Águas Lindas de Goiás (compõe a RIDE) aparece no discurso como sendo um município goiano, mas é “como se fosse” Brasília, pela proximidade e facilidade de acesso ao Distrito Federal.

Isso fica claro quando ele afirma: “Não penso em voltar, **se aqui está difícil, no interior é pior. A maioria do emprego do interior é na prefeitura**, aí já viu né?!”. Ainda que Águas Lindas de Goiás, seja um município do interior do Estado de Goiás, o fato de ela estar localizada geograficamente muito próxima do Distrito Federal, permite o deslocamento da população de Águas Lindas de Goiás para trabalhar em diversas regiões administrativas do DF. Trata-se aqui, de uma outra lógica: “é tão perto de Brasília que é como se fosse Brasília”.

A imagem a seguir, demonstra o trajeto do “sujeito III” até a chegada no Distrito Federal.

## TÍTULO: DESLOCAMENTO EM QUATRO ETAPAS



**FIGURA 43 – DESLOCAMENTO EM QUATRO ETAPAS**  
**ELABORADO POR:** LESSA, Temizia Cristina Lopes (2019).

### Etapas do deslocamento:

- 1 – Área rural de Cocos, Bahia/BA;
- 2 – Área urbana de Cocos, Bahia/BA;
- 3 – Anápolis, Goiás/GO;
- 4 – Taguatinga, Distrito Federal/DF.

Um outro questionamento que se pretendia responder foi com base em que os moradores justificam as formas de compreensão que apresentam sobre Brasília e o Distrito Federal? Nesse sentido, os participantes são unânimes ao afirmarem:

Quando a gente chega, a gente não conhece bem o lugar, nem as coisas, mas aí, você **assiste o jornal que fala de Taguatinga, do Guará como cidades de Brasília**, aí a gente acostuma. **Mas eu sei que tem uma diferença, que a situação de Brasília é diferente de todo o Brasil**. Só que uma coisa eu não entendo: Se Taguatinga não é Brasília, porque minha carteira de motorista que foi tirada aqui, é de Brasília? Minha filha nasceu em Taguatinga, no registro dela, tá que ela nasceu em Brasília. **Eu acho difícil, por isso, pra mim, é tudo Brasília!**

Entre todos os participantes, apenas um soube diferenciar Brasília do Distrito Federal e do Plano Piloto. E mesmo sabendo, afirma que no seu

cotidiano, fala de Taguatinga, Gama e qualquer outra RA como Brasília. Afinal, “isso não faz muita diferença na vida prática”, afirma: “Nem os formulários são pensados para Brasília e o Distrito Federal”.

Segundo LANE (1993, p.59), a Representação Social, ou seja, a verbalização das concepções que o indivíduo tem do mundo que o cerca, substituiria com vantagens, esse conceito. Nas representações, pode-se detectar os valores, a ideologia e as contradições, enfim, aspectos fundamentais para a compreensão do comportamento social, sem a necessidade de inferir predisposições que pouco garantem uma relação causal com comportamentos.

E ressalta ainda, que a Representação Social se caracteriza como um comportamento observável e registrável, e como um produto, simultaneamente, individual e social, estabelecendo um forte elo conceitual entre a psicologia social e a sociologia (LANE, 1993, p.59). E, no caso deste trabalho, um elo conceitual geográfico.

Diante disso, compreendemos, que ao utilizar termos e conceitos (sobre Brasília, Distrito Federal e Plano Piloto) de forma equivocada, mesmo tendo conhecimento suficiente para utilizá-los de modo correto, demonstra que o grupo exerce forte influência sobre a construção individual da representação deste sujeito.

Todavia, segundo SAWAIA (1993, p. 75) “a realidade objetiva não é um a *priori* diante do homem, como algo que se cumpre compreender pela descrição fiel, ela é produto das objetivações da subjetividade, entendida a subjetividade como produto da subjetivação da objetividade”. O homem age sobre o mundo e o interpreta, transformando-o, ao mesmo tempo que é impregnado de objetividade, que se dá por meio das relações humanas, num arranjo social em que grupos esforçam por se afirmar e dominar (SAWAIA, 1993, p. 75).

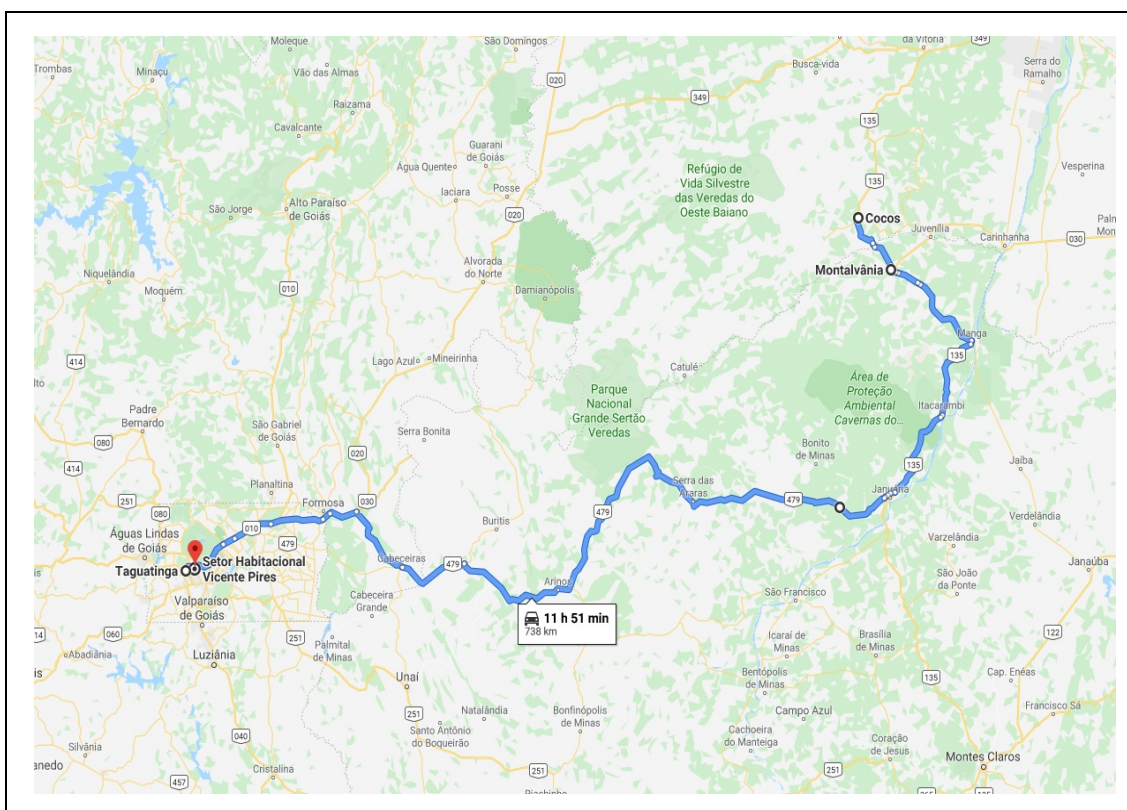
Segundo HAESBAERT (2007, p. 58), “toda relação social, seria também uma relação territorial”, a esse respeito, o sujeito relata a sua chegada ao novo território, bem como as relações e arranjos sociais atrelados à sua história:

Quando eu cheguei no DF, vim por orientação de um tio que já morava aqui. Eu morava em Minas, quando o meu tio

conseguiu uma proposta de **trabalho pra mim**. Meu tio, na ocasião do convite, me disse que eu poderia vir numa boa que ele rodaria comigo durante uns 15 dias, período de adaptação. Já que eu teria que trabalhar de moto, e circular por todo o DF. Eu vim, **fui morar em Taguatinga Norte**. Dividia apartamento com dois irmãos e dois amigos. Sobre o trabalho, cheguei num dia, comecei a rodar de moto sozinho, no outro. Meu tio nunca pôde rodar comigo. Mas tem uma coisa que eu nunca esqueci: **Um dia, estava atendendo um cliente em Ceilândia e me perdi. Um menino de uns 9 anos se aproximou de mim e perguntou: moço, cê né daqui não né? Eu respondi que não. O menino disse: Eu vi! Toma cuidado, cê vai ficar sem essa moto. Eu agradei e saí.**

Vale destacar, que o processo de deslocamento deste, se deu em cinco etapas, motivado por uma melhor colocação no mercado de trabalho, melhoria educacional e se dá por encerrado com a aquisição da casa própria no Distrito Federal.

#### TÍTULO: DESLOCAMENTO EM CINCO ETAPAS



**FIGURA 44 – DESLOCAMENTO EM CINCO ETAPAS**  
**ELABORADO POR:** LESSA, Temízia Cristina Lopes (novembro/2019).



Etapas do deslocamento:

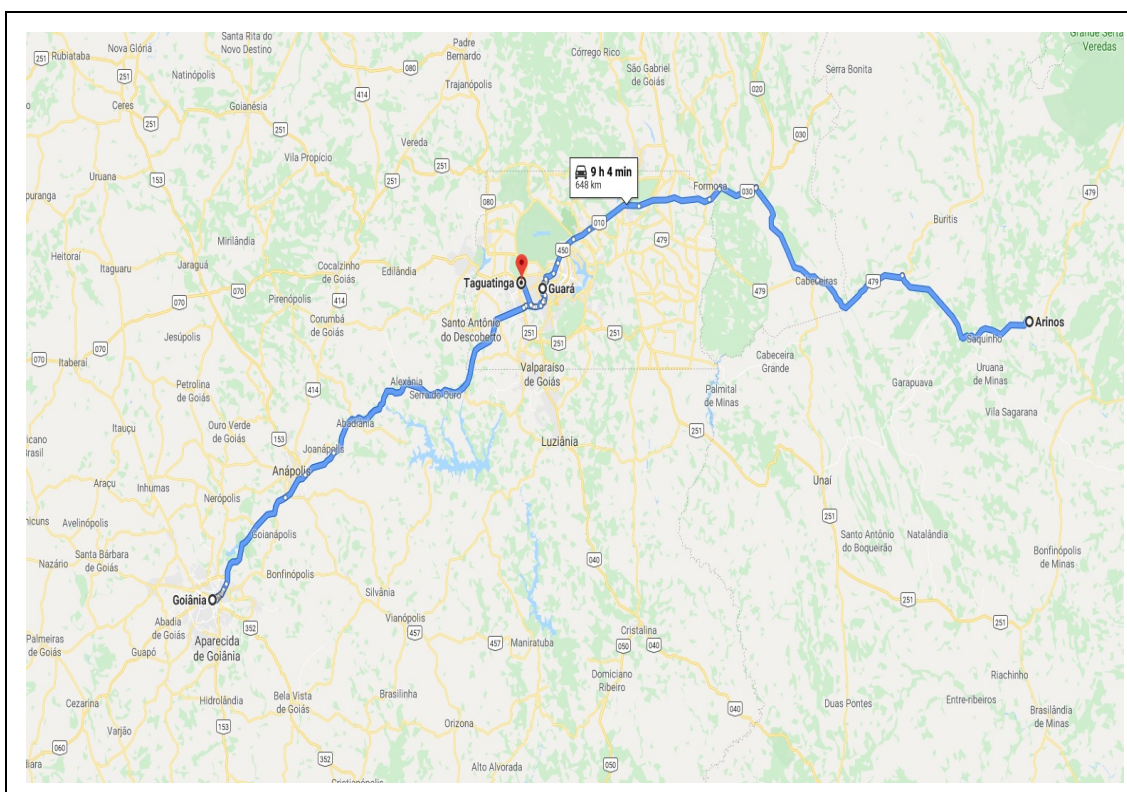
1º – Área rural de Cocos, Bahia/BA; 2º – Área urbana de Cocos, Bahia/BA; 3º – Montalvânia, Minas Gerais/MG; 4º – Taguatinga, Distrito Federal, DF; 5º – Vicente Pires, Distrito Federal/DF.

Como sugere Gonçalves (2017, p.19): “como qualquer outra identidade, a identidade territorial não é uma identidade coesa e harmônica”. No caso de Brasília, cidade que teve origem com intensos fluxos migratórios, fez com que a identidades dos brasilienses “perdessem” solidez ao longo dos tempos. Mas, por continuar a receber grandes contingentes populacionais, tem no sujeito que a escolheu como destino, o orgulho e sensação de pertencimento. Ainda que este esteja morando em uma RA qualquer. O que pode ser verificado no discurso que segue.

Eu sou de Minas Gerais. ***A primeira vez que saí foi pra Brasília. Morei no Guará***, mas não me adaptei. ***Aí eu mudei pra Goiânia***, eu tinha uma irmã que morava lá. Depois, meus pais também se mudaram de Minas pra Goiânia. Terminei a faculdade em Goiânia e Hoje estou casada e ***moro aqui na 26 de setembro***.

A figura que segue representa os deslocamentos do sujeito em quatro etapas, o que aparece entre a saída (MG) e o destino final (DF), está associado a tentativas frustradas de melhoria de vida, segundo o participante.

## TÍTULO: DESLOCAMENTO EM QUATRO ETAPAS



**FIGURA 45 – DESLOCAMENTO EM QUATRO ETAPAS**  
ELABORADO POR: LESSA, *Temízia Cristina Lopes* (novembro/2019).

### Etapas do deslocamento:

1º – Arinos, Minas Gerais/MG; 2º – Guará, Distrito Federal/DF; 3º – Goiânia, Goiás/GO; 4º – Taguatinga, Distrito Federal/DF

Diante disso, é importante considerar que o sentimento de pertencimento é a base para a formação da identidade territorial do sujeito. No caso do sujeito em deslocamento, ele vivencia o que (DESCHAMPS; DOISE, 2015, p. 187) denominam “cruzamento de pertença<sup>9</sup>”, quando as duas pertenças se tornam simultaneamente pertinentes para os sujeitos. Nesta pesquisa, todos os participantes, entrevistados se veem nesta situação de duplo pertencimento, que está sempre relacionado ao lugar de origem e o lugar de último destino.

A interconexão entre os lugares reposiciona, em importância, o saber geográfico. É a “virada espacial” (HARVEY, 2012; SOJA, 2013), que segundo Gonçalves (2017), recolocou o espaço no centro do debate em

<sup>9</sup> Dechamps e Doise (2015), utiliza o termo em outro contexto, o qual foi adaptado neste trabalho.

ciências sociais, precisa nesse momento se atentar à emergência do sujeito na ciência geográfica. Conforme pontua DREIER (1999, p. 32):

Nas estruturas sociais das sociedades modernas, os sujeitos participam em mais de um contexto de ação social. Participam durante intervalos de tempo curtos ou longos, seja de forma regular ou em uma única ocasião e por diferentes motivos em um conjunto diverso de contextos sociais. Na condução de suas vidas movimentam-se através desses contextos. A prática social pessoal é translocal.

Nesse sentido, embora não seja muito comum nos estudos geográficos, a pesquisadora, é também sujeito da pesquisa.

Nascida em Januária, norte de Minas Gerais (1982), aos três anos, minha família resolve mudar para Capitânia (Distrito de Montalvânia, norte de Minas Gerais). Me recordo de Capitânia dos cinco aos dez anos de idade, pois as famílias do povoado se conheciam, todos se falavam e eram adjetivados como filho, esposo, esposa e pelo que fazia (Maria de João, Bia de Preta, Seu Tito do Açougue, Doda professora, etc.).

Uma coisa me chamava a atenção. Eu não conseguia entender que alguns amigos e parentes tinham pais e não tinham. Diante desta inquietação infantil, perguntei à minha mãe, porque umas amigas só tinham pai no final do ano. Minha mãe sorriu e disse: Elas têm pai o tempo todo, mas os pais delas viajam e ficam fora um período do ano e retornavam no final do ano, sempre antes do natal.

Não satisfeita com a resposta, continuei a indagar: Mas, porque ele fica todo esse tempo longe da família? Minha mãe respondeu: para trabalhar. Porque eles não trabalham aqui? Minha mãe respondeu: Porque aqui não tem trabalho para eles. E porque ele não leva a família, então? O semblante da minha mãe mudou e ela me disse: eles vão trabalhar em Serrana/ São Paulo para trabalhar no corte de cana. Eles trabalham lá e todos os meses eles mandam dinheiro para as esposas que ficam aqui cuidando dos filhos. Eles moram em alojamentos da empresa. Por isso, não tem como levar a família. Se eles levarem as famílias, terão que alugar casa, arrumar escola para as crianças e aqui, todo mundo se conhece, é mais fácil para acompanhar os filhos. Parei de perguntar, mas não fiquei satisfeita.

No final do ano 1991 comecei a observar que o povoado ficava muito movimentado no final de ano. Os homens retornavam ao povoado, traziam rádios, bicicletas, televisão. As famílias recebiam visitas dos parentes que já tinham ido definitivamente. E nesse mesmo ano, meu pai nos chama na

sala (minha mãe, eu mais três irmãos) e nos informa que iríamos mudar para Montes Claros.

Aqui cabe um parêntese. Dos cinco aos 10 anos, era comum reunirmos em casa para conversar e contar casos. Em todas essas conversas meu pai sempre falava de um negócio que era excelente para combater a pobreza, que a forma de romper com a pobreza era o conhecimento. E conhecimento se conseguia na universidade. Até aí, tudo certo! Era a opinião do meu pai. Só que nós não sabíamos o que era esse negócio “universidade”. Mas meu pai falava tanto em universidade, que ao ouvir a palavra, no meu imaginário a palavra ganhava vida e nuances em dourado.

Chegou o dia da mudança! Meu pai decidiu que eu e o meu irmão mais velho iríamos com ele, no caminhão de mudança e minhas irmãs mais novas iriam de ônibus com a minha mãe. E assim foi feito. Na boleia do caminhão, o motorista perguntou ao meu pai, porque que ele decidiu mudar para Montes Claros, já que na região era comum ir para São Paulo (Serrana, Porto Ferreira) e meu pai respondeu: Decidi mudar para Montes Claros pros meninos estudarem, o mais velho já terminou a 8ª e eu não quero mandar eles pra casa de parente pra estudar. Eu tava olhando, *o povo que vai pra São Paulo só trabalha, não conheço nenhum caso que voltou formado*. Aqui em Montes Claros tem universidade pública, dá pros meninos estudarem, formar no que quiser. Não me lembro de nenhum parente formado e meus meninos vão fazer universidade.

Nesse momento eu descobri o que era universidade, era um lugar de estudar (pensei, deve ser igual uma escola, só que melhor). Meu irmão que ouviu a conversa, começou a chorar, eu disse que ele estava chorando. Ele retrucou dizendo que o vento jogou um cisco no seu olho.

Quando chegamos em Montes Claros/MG, íamos olhando as placas. Eu achava tudo lindo porque no povoado não tinha nem calçamento, então tudo era muito bonito e os nomes nas placas, nunca tinha visto. Chegamos ao bairro maracanã, em uma casa construída na lateral do lote, com piso vermelhão (em Minas chamamos de barracão).

Fiquei ansiosa, porque a minha mãe ainda não tinha chegado e eu queria ver a universidade. No outro dia, no movimento da mudança, alguns vizinhos se aproximaram. Uma tia que já morava em Montes Claros esteve em casa com o namorado e eu perguntei para ele onde que ficava a universidade. Ele riu e disse que ficava do outro lado da cidade, num bairro chamado Todos os Santos.

Quando iniciou o ano letivo, em 1992, comecei a sentir saudade do povoado, do rio, das brincadeiras, de poder sair para a casa dos tios. E na cidade: escola e casa. E a grande decepção foi quando fomos nos apresentar no primeiro dia de aula, que é muito comum. Eu disse: que tinha chegado

naqueles dias e meu sonho era ir na universidade. A professora riu e disse: pena que nem tem linha de ônibus daqui pra lá.

Voltei pra casa naquele dia e no início da noite, voltam a tia e o namorado e eu perguntei porque que não tinha linha de ônibus no bairro que pudesse chegar na universidade. Ele me respondeu: A unimontes fica num bairro nobre, de rico. Os ônibus que chegam lá saem do centro.

O tempo foi passando e eu, ficando mais decepcionada, porque eu não conseguia entender como a universidade podia tirar alguém da pobreza, se o pobre, nem de ônibus podia chegar lá.

Passaram muitos anos e em 2001, passei no vestibular da Unimontes, curso de geografia e a minha primeira aula foi de sociologia, com a professora Andrea Narciso. Ela se apresentou como migrante do norte de Minas (contou a história dela) e concluiu com a seguinte frase: “A universidade mudou a minha vida. Espero que mude a de vocês também! Desde então esta professora se tornou a minha referência, inclusive foi através dela e de suas aulas que o meu interesse pela migração e suas implicações na vida dos sujeitos ganhou fôlego.

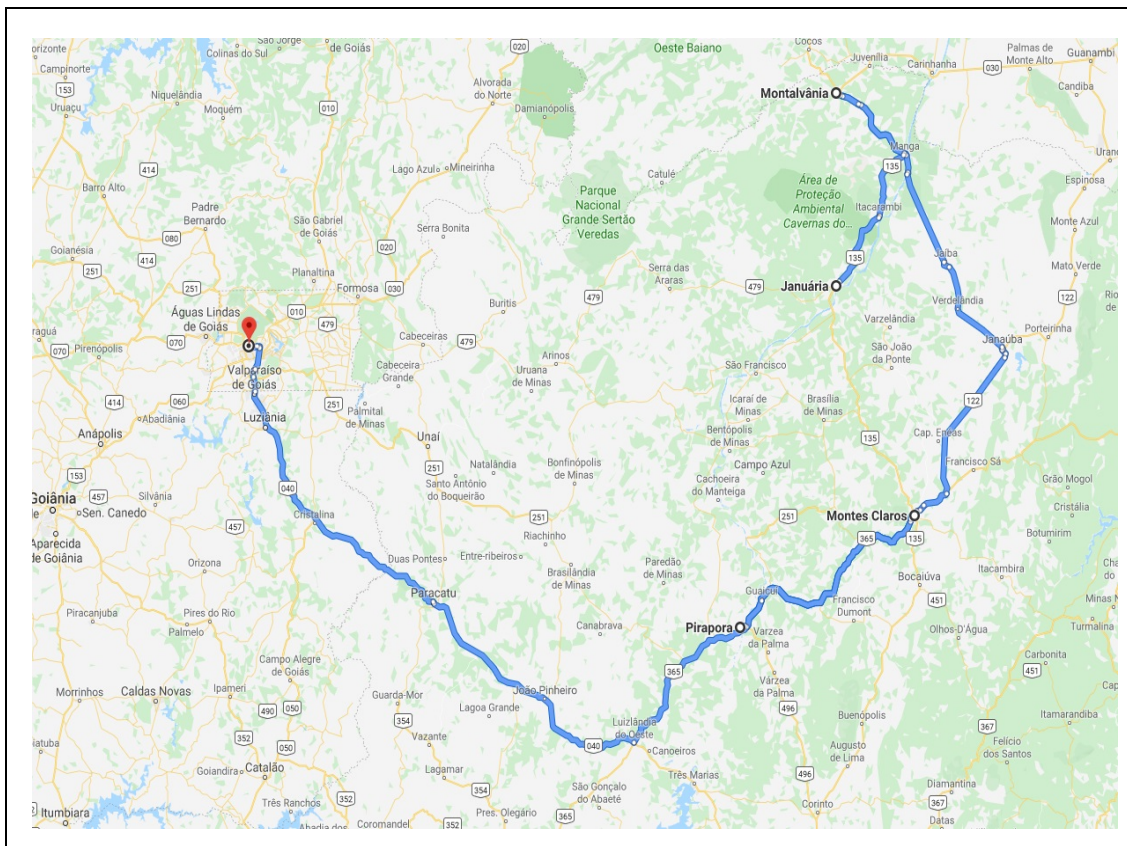
Desde que saí de Capitânia, sofro de “um certo ter nascido ali”

Nesse sentido, como migrante, participante do grupo focal, até onde me foi dado perceber, é que o duplo pertencimento é um fato vivenciado pelo sujeito que desloca, independente das condições em que o deslocamento se dá. As visões de mundo, as formas de sociabilidade, a cultura, até mesmo as perspectivas ideológicas passam pelo crivo do deslocamento.

Pensando sobre o termo “Geografia dos Deslocamentos”, fazendo o exercício proposto por Barthes em “A câmera clara”, quando ele fala sobre a escolha da imagem. Porque essa imagem e não aquela? Porque Geografia dos deslocamentos e não migração ou geografia da mobilidade? Como sujeito que deslocou em seis etapas, me atrevo a responder: “A Geografia dos Deslocamentos é fundada no sujeito que desloca”.

Eu gostei do que você falou, do deslocado. É isso mesmo, **a gente fica deslocado**, sem lugar, sem segurança, sem estabilidade financeira e emocional. Você ama sua terra, morre de saudade de lá. Sua família tá lá. Mas as perspectivas lá, não são muito boas. Aqui, a gente continua morrendo de saudade, tem vontade de ir lá. Tem feriado, tempo livre, a nossa vontade é de ir. Mas quando a gente tá lá, a gente já sente saudade daqui (sujeito III).

## TÍTULO: DESLOCAMENTO EM OITO ETAPAS SEM RETORNO

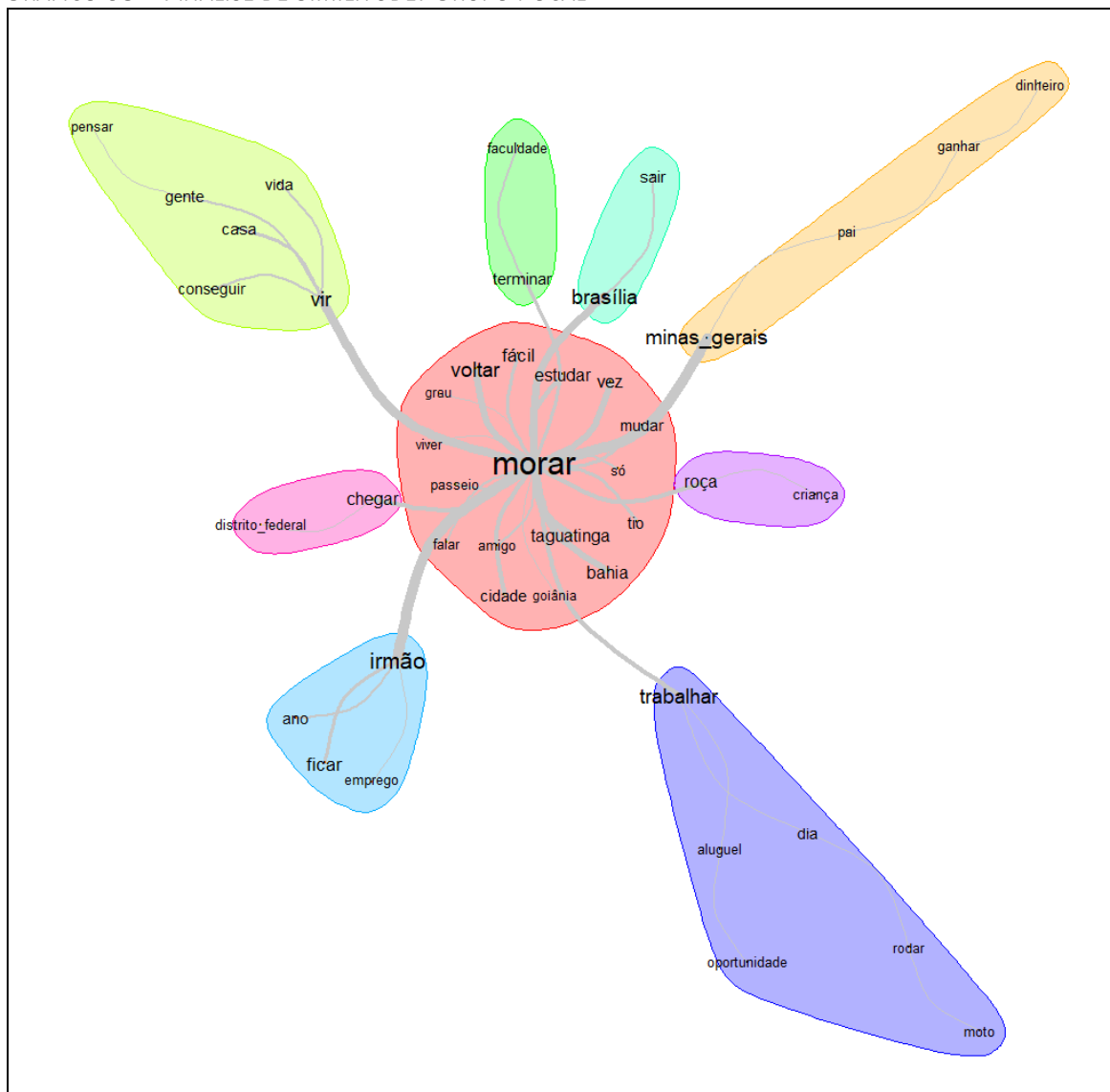


**FIGURA 46 – DESLOCAMENTO EM OITO ETAPAS SEM RETORNO**  
**ELABORADO POR: LESSA, Temízia Cristina Lopes (novembro/2019).**

### Etapas do deslocamento:

1º – Januária, Minas Gerais/MG; 2º – Montalvânia, Minas Gerais/MG; 3º – Montes Claros, Minas Gerais/MG; 4º – Pirapora, Minas Gerais/MG; 5º – Montes Claros, Minas Gerais/MG 6º – Vicente Pires, Distrito Federal/DF.

GRÁFICO 03 – ANÁLISE DE SIMILITUDE: GRUPO FOCAL



AUTORA: LESSA, Temízia Cristina Lopes (2019).

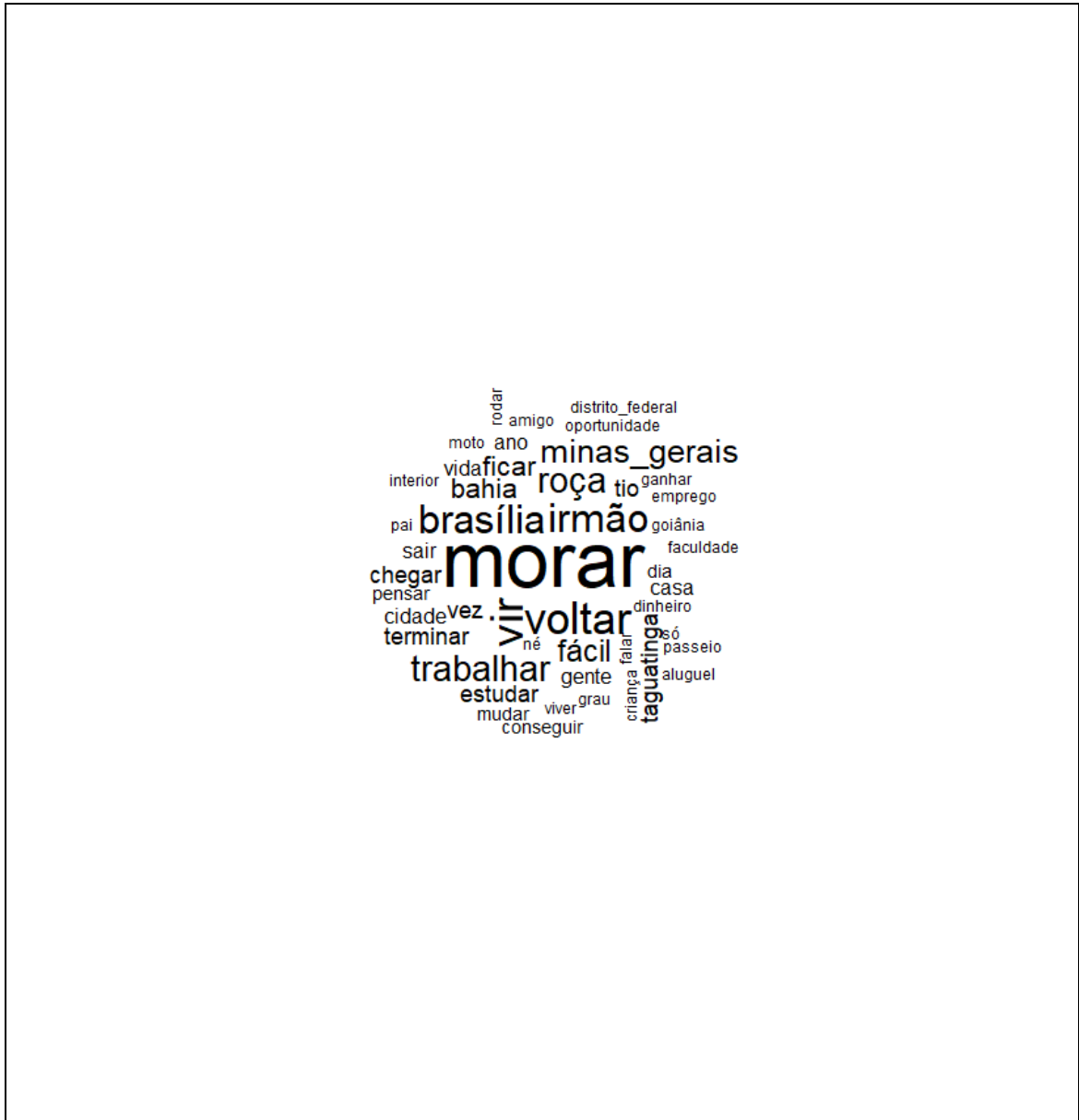
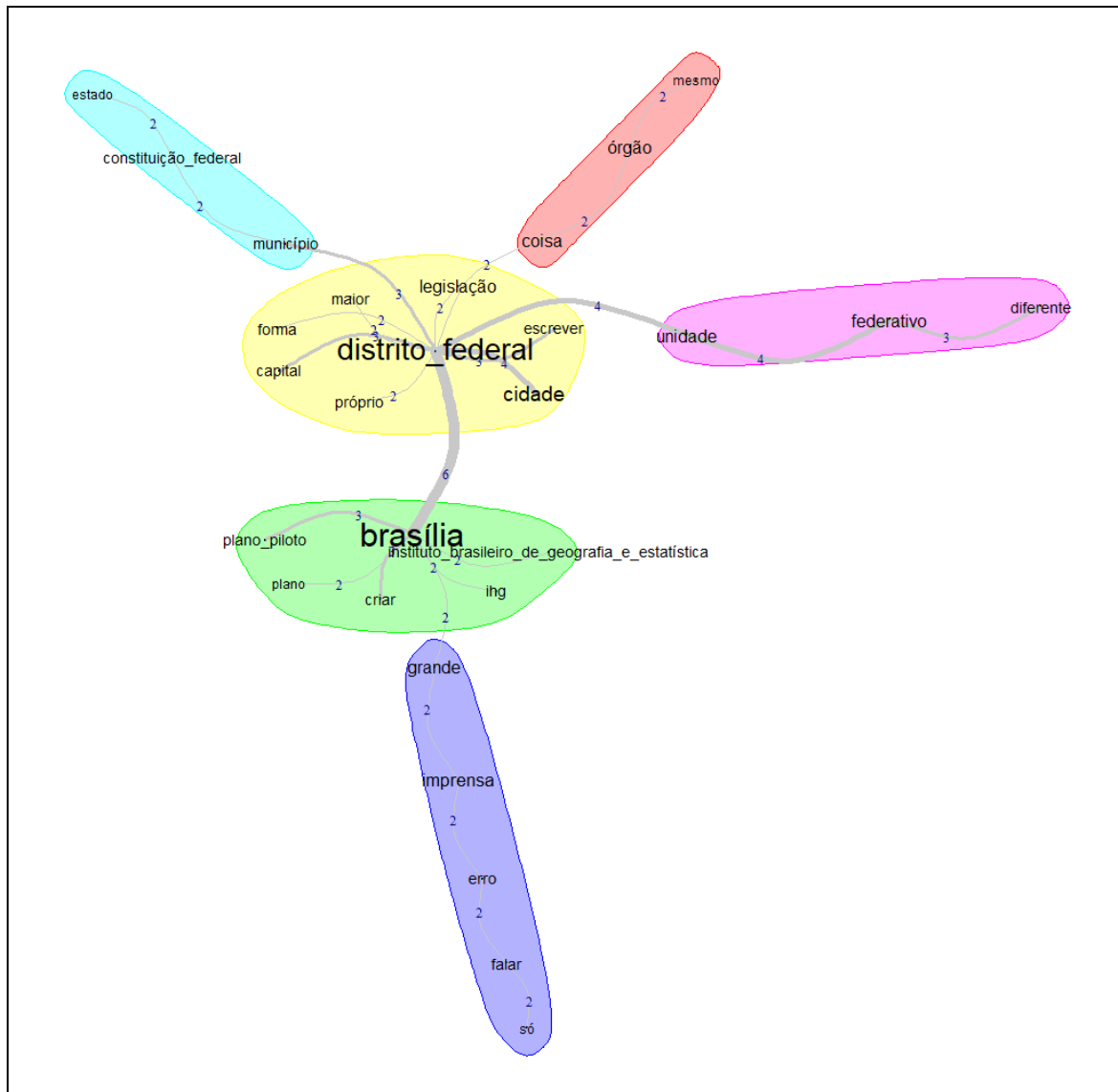


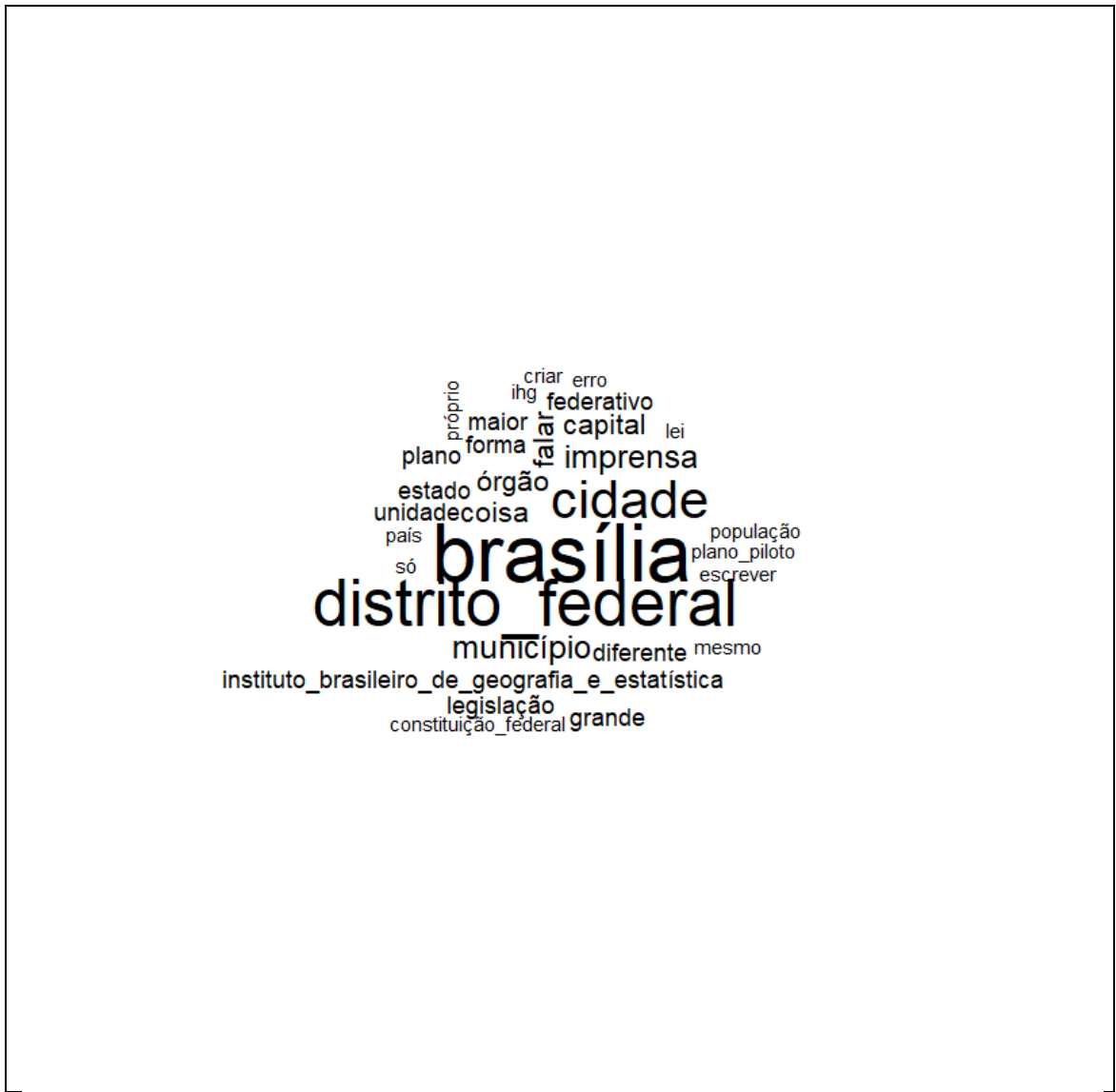
FIGURA 47 – NUVEM DE PALAVRAS: GRUPO FOCAL  
ELABORADO POR: LESSA, Temízia Cristina Lopes (2019).



**GRÁFICO 04 – ANÁLISE DE SIMILITUDE: PROFESSOR I**

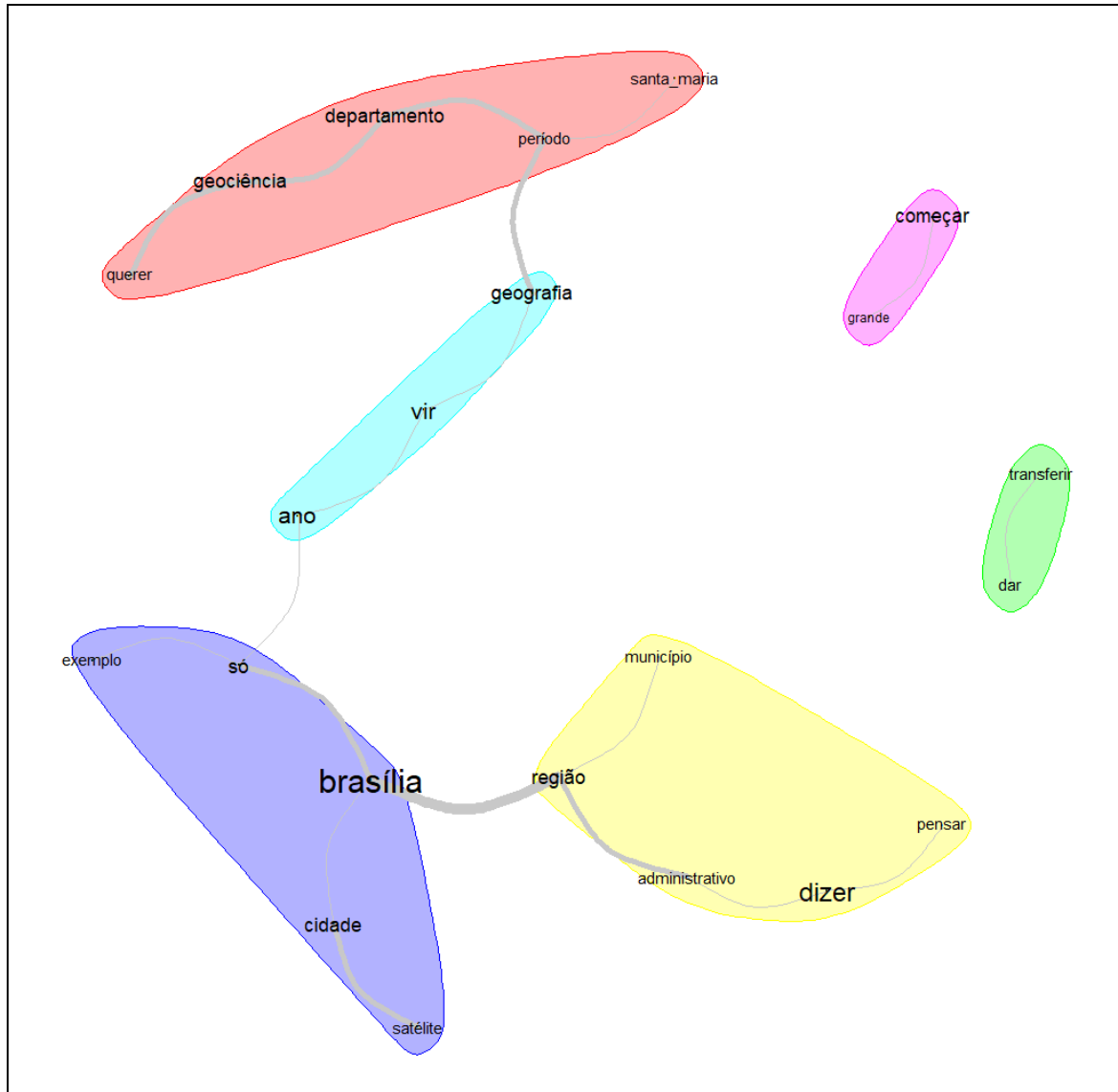


**AUTORA:** LESSA, Temízia Cristina Lopes (2019).

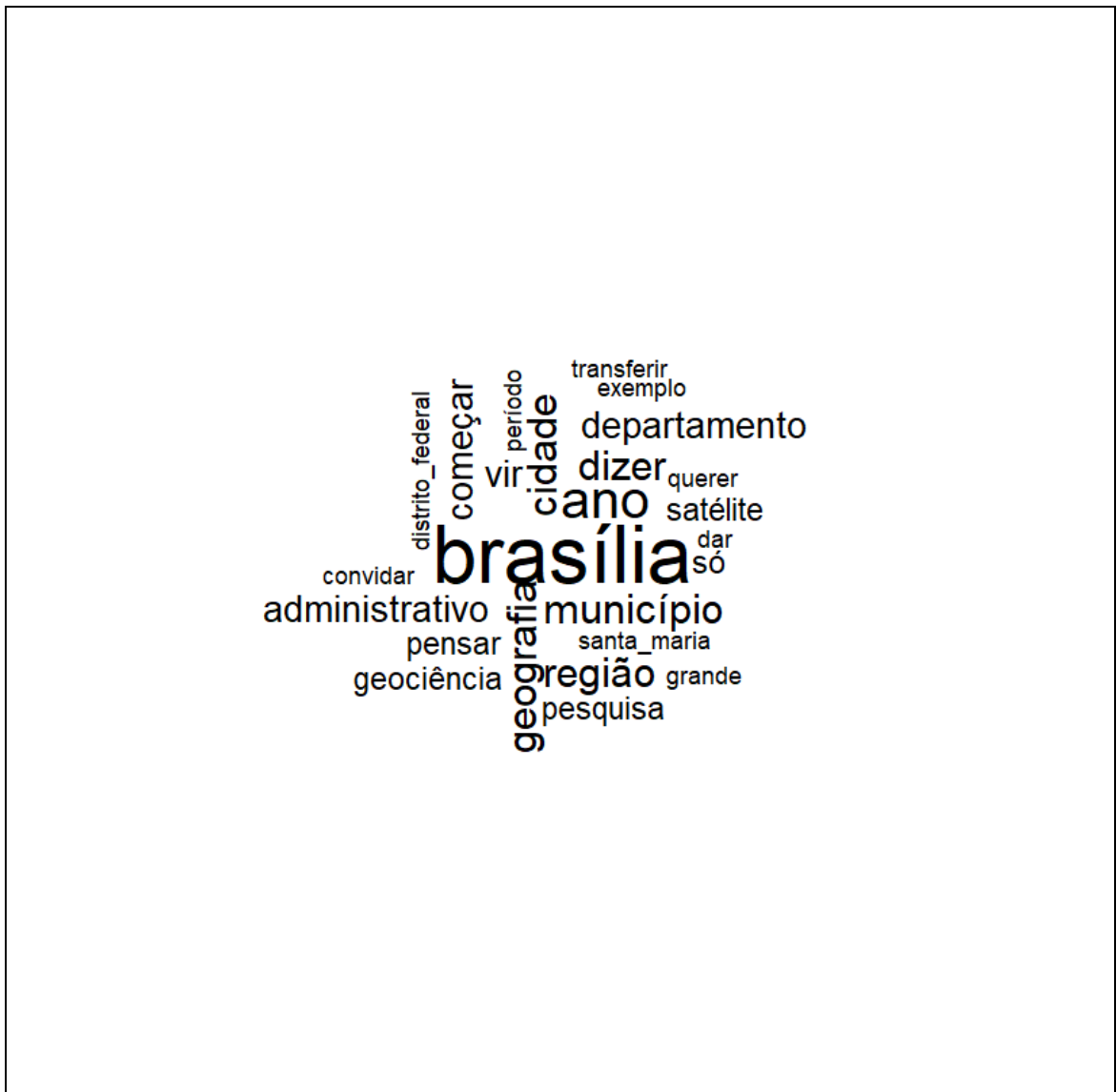


**FIGURA 48 – NUVEM DE PALAVRAS: PROFESSOR I**  
**ELABORADO POR: LESSA, Temízia Cristina Lopes (novembro/2019).**

**GRÁFICO 05 – ANÁLISE DE SIMILITUDE: PROFESSOR II**



ELABORADO POR: LESSA, Temízia Cristina Lopes (2019).



**FIGURA 49 – NUVEM DE PALAVRAS: PROFESSOR II**  
**ELABORADO POR: LESSA, Temízia Cristina Lopes (2019).**

## CAPÍTULO 6

*Utilize, para se exprimir, as coisas de seu ambiente,  
as imagens de seus sonhos e adjetos de suas lembranças  
(Rainer Maria Rilke)*



## CAPÍTULO VI

### QUEM FALA, DE ONDE FALA, SOBRE O QUE FALA: RESULTADOS<sup>10</sup>

Segundo Tuan, “duas pessoas não veem a mesma realidade [...] mas, com boa vontade a pessoa poderá entrar no mundo de outra, apesar das diferenças de idade, temperamento e cultura”. Pois de alguma forma, os sujeitos compartilham percepções e representações comuns, um todo em comum, em virtude de possuírem órgãos similares (TUAN, 2012, p.21).

A pesquisa mostrou que as histórias de vida dos sujeitos que deslocam também são muito semelhantes, às vezes pelas dificuldades encontradas nos locais de origem, outras pelas perspectivas de melhoria de vida, mas todos eles, independente da origem, da situação econômica e da escolaridade, vivenciam o duplo pertencimento, que Drummond, lindamente denomina “consequência um certo nascer ali.”

Quando vim da minha terra,  
se é que vim da minha terra  
(não estou morto por lá?),  
a correnteza do rio  
me sussurrou vagamente  
que eu havia de quedar  
lá donde me despedia.

Os morros, empalidecidos  
no entrecerrar-se da tarde,  
pareciam me dizer  
que não se pode voltar,  
porque tudo é consequência  
de um certo nascer ali.

Quando vim, se é que vim  
de algum para outro lugar,  
o mundo girava, alheio  
à minha baça pessoa,

---

<sup>10</sup> O IRAMUTEQ, é um software livre e desenvolvido sob a lógica da *open source*, licenciado por GNU GPL (v2). Ele ancora-se no ambiente estatístico do software R e na linguagem python. A sua utilização consiste num tipo específico de análise de dados, que se trata especificamente da análise material, que se trata especificamente da análise de material de material verbal transcrito.

O IRAMUTEQ apresenta rigor estatístico e permite aos pesquisadores utilizarem diferentes recursos técnicos de análise lexical.

e no seu giro entrevi  
que não se vai nem se volta  
de sítio algum a nenhum.

Que carregamos as coisas,  
moldura da nossa vida,  
rígida cerca de arame,  
na mais anônima célula,  
e um chão, um riso, uma voz  
ressoma incessantemente  
em nossas fundas paredes.

Novas coisas, sucedendo-se,  
iludem a nossa fome  
de primitivo alimento.  
As descobertas são máscaras  
do mais obscuro real,  
essa ferida alastrada  
na pele de nossas almas.

Quando vim da minha terra,  
não vim, perdi-me no espaço,  
na ilusão de ter saído.  
Ai de mim, nunca saí.  
Lá estou eu, enterrado  
por baixo de falas mansas,  
por baixo de negras sombras,  
por baixo de lavras de ouro,  
por baixo de gerações,  
por baixo, eu sei, de mim mesmo,  
este vivente enganado, enganoso.

(Carlos Drummond de Andrade. "A ilusão do migrante")

## **6.1 Entrevista de profundidade**

### *Classificação Hierárquica Descende (CHD)*

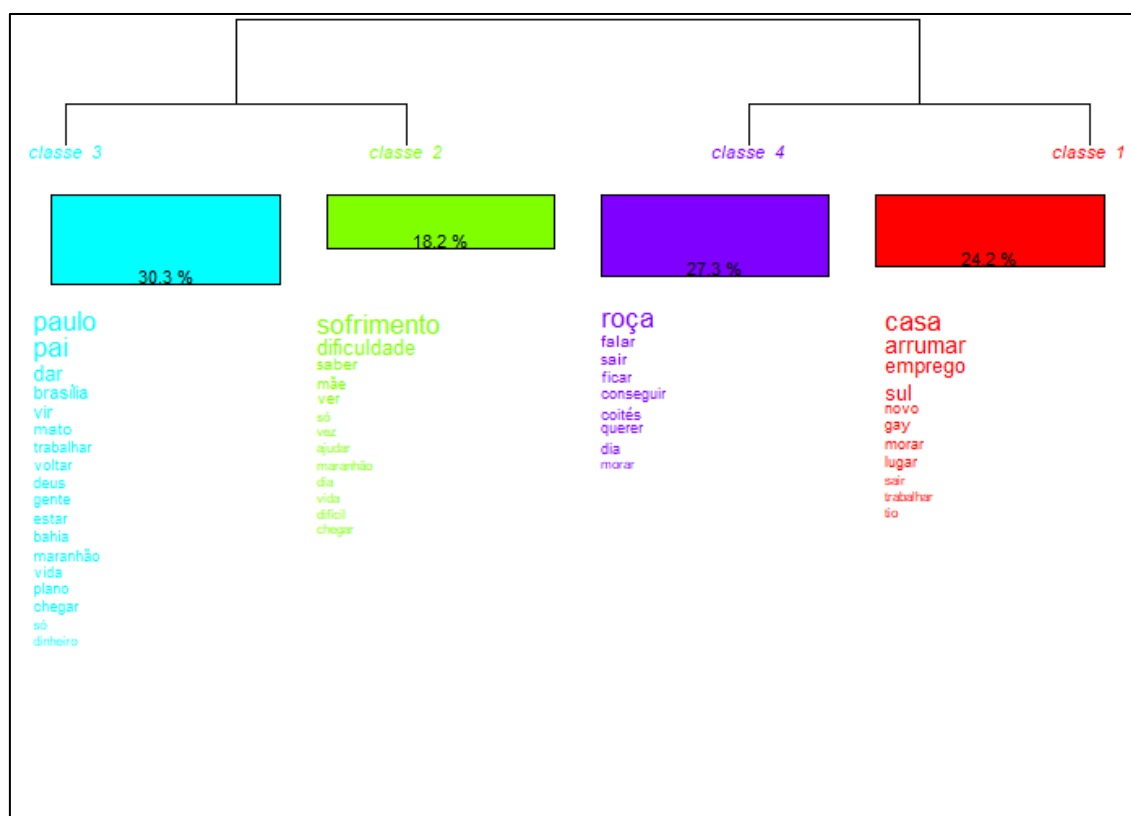
Os resultados obtidos a partir da análise das entrevistas de profundidade por meio da Classificação Hierárquica Descende (CHD) possibilitaram o reconhecimento de determinados conteúdos e significados referentes à trajetória e a representação de Brasília por parte dos imigrantes.

Foram identificadas 04 classes que utilizaram 73,33% do conteúdo do corpus inicial, no total de 33 unidades de contexto elementar UCES, o que representa uma porção adequada para a utilização do método de Classificação Hierárquica Descende (CHD), uma vez que proporções menores que 60,0%

para análise de entrevistas representaria descartar conteúdos significativos (Reinert, 1983).

## 6.2 Análise das classes

O dendograma apresentado no *GRÁFICO 06* desenha as relações entre as classes e indica o percentual de palavras de cada uma delas em relação ao conjunto de palavras – *corpus*.



*Gráfico 06: Dendograma de representação das classes*

### CLASSE 01 (IDENTIDADE)

Em termo de tamanho, a classe 04 ocupa o terceiro lugar de todo o conjunto de palavras (*corpus*) em questão de tamanho. Com 08 UCE (radicais de palavras) representa 24,24% das palavras do conjunto e revela-se relacionada com a classe 1.

O Conteúdo da classe 01 ressalta a noção de relação, uma vez que a pessoa está em um mundo e não apenas em um ambiente. Trata-se do caráter relacional, em que o sujeito, no jogo das relações sociais, está imerso



em um constante processo de negociação, de trocas simbólicas, desenvolvendo em espaço de intersubjetividade ou mais precisamente, como Sugere Spink (2019, p. 55), de inter-pessoalidade.

Em cada trecho do discurso desnuda um novo elemento dessas relações – o tio, a sogra do dono, a amiga e eles (remetendo aos pais). Ou seja, a partir desses elementos, é possível verificar que as práticas discursivas estão num constante processo de interanimação dialógica. Nesse contexto, tem-se o “posicionamento” – lugar ocupado pelo emissor e pelo receptor na estrutura de uma relação social – a produção de sentidos e uma produção discursiva de pessoas em interação. Assim, na análise das práticas discursivas, deparamos com a processualidades das construções identitárias.

Entre os seguimentos de texto que representam o conteúdo dessa classe, destaca-se:

“[...] logo arrumei outro emprego num restaurante do lago sul onde eu fazia drinks aí pouco tempo depois meu tio fala pra eu sair de casa porque eu era gay pode isso de novo[...].”

“[...] até a comida eu fazia na casa dessa amiga que me arrumou o barraco aí nesse restaurante do lago sul eu tinha uma gerente muito boa ela me deu geladeira e o pessoal se organizou e eu ganhei muita coisa[...].”

## **CLASSE 02 (DESAFIOS)**

A Classe 02 com 06 UCE representa 18,18% das palavras do conjunto, sendo a menor das classes. Está relacionada a classes 3. O conteúdo da classe 02, remete aos desafios enfrentados pelos sujeitos em deslocamento, bem como aos sentimentos que os acometem no que se refere aos parentes que ficaram.

Em todos os discursos, os sentimentos de sofrimento, dificuldade e tristeza estão ligados a problemas de ordem socioeconômica e cultural que as famílias enfrentam. Alguns alegam restrição de gêneros alimentícios de necessidade primária, falta de recurso para obtenção de um simples chinelo, analfabetismo que acomete todos os membros da família, falta de postos de trabalho e trabalho rural-extrativista que não gera recurso suficiente para a simples subsistência.

Entre os seguimentos de texto que representam o conteúdo dessa classe, destacam-se:

“[...] mãe hoje só tem feijão como é que melhora de vida assim não tem jeito é muito sofrimento muita dificuldade nem meu pai nem minha mãe nem minhas irmãs sabem ler[...]”

“[...] o negócio é mais complexo como se diz por aí o buraco é mais embaixo sair dum canto e chegar em outro é tanto perrengue sofrimento saudade e dificuldade [...]”

### **CLASSE 03 (DESLOCAMENTO E FÉ)**

A classe 03 é a maior, representa 30,3% das palavras do conjunto, caracterizando-se, com 10 UCE. Esta ligada à classe 02. A classe 03 evidencia as idas e vindas dos sujeitos, em sua maioria de origem rural, que se deslocaram para os centros urbanos na expectativa de melhorarem de vida.

É possível verificar ainda, que em todos os casos, os deslocamentos ocorreram por etapa. Situação em que o sujeito reavalia o processo em que se encontra, retorna ou segue a um novo destino. Nesse contexto, tem sempre a figura de um amigo próximo ou parente que motiva o deslocamento.

Ressalte-se ademais, a presença frequente de elementos da fé. Por exemplo, quando um dos sujeitos afirma: “a gente faz um plano, mas Deus é quem decide”. Os discursos deixam claro a confiança em Deus, que segundo eles, é responsável por sustentá-los em momentos difíceis. Assim, vocábulos como: “Vida”, “planos” (no sentido de desígnio) e “Deus”, aparecem na escala do sagrado, demonstração de fé, para além da religiosidade.

Entre os seguimentos de texto que representam o conteúdo dessa classe, destacam-se:

[...] de coité pra matões foi tranquilo porque estava perto dos meus pais perto dos parentes mas a saída pra São Paulo foi muito difícil mas vim pra Brasília foi mais tranquilo [...]

[...] iria pra São Paulo de novo mas se eu soubesse teria vindo direto pra Brasília eu gosto de sentir que dei a volta por cima aqui na vida é assim você faz seus planos mas Deus faz outros [...]

### **CLASSE 04 (EMPATIA)**

Esta classe, com 09 UCE, representa 27,27% das palavras do conjunto sendo a segunda classe mais expressiva das classes, relação com a classe 01. A classe 04 configura a essência da Geografia dos Deslocamentos,

isto é, demonstra uma profunda inquietação vivenciada exclusivamente pelo sujeito deslocado: “ausente onde está presente e presente onde está ausente”.

A saída se dá numa expectativa de melhoria, todavia, a agonia de deixar o lugar de afeto e a família deixam marcas para vida inteira. Nesse contexto, é relativamente fácil apreender elementos dos discursos dos sujeitos, descrevendo uma saudade constante do lugar de origem, mas quando vai a passeio, sente saudade do novo lugar. Esses sentimentos de empatia com os lugares de afeto (o novo e o velho), é o objeto da Geografia dos Deslocamentos.

Não se trata de um “simples” deslocamento geográfico (“sair de e chegar a”, é bem mais complexo – é o deslocamento da atenção, da memória, da atitude “natural” e espaço-temporal. O vocábulo: “Quero ficar”, destaca a adaptação com o local de chegada e a “roça” demonstra a origem rural dos sujeitos. Nesse contexto, o “lá” e “cá”, são recorrentes nos discursos destes sujeitos, sempre no mesmo grau de importância.

Entre os seguimentos de texto que representam o conteúdo dessa classe, destaca-se:

[...] muitos parentes já tinham saído da roça tias prima quando eu falei com minha mãe que eu ía embora ela não concordou ficou indignada não queria que eu saísse de lá mas com tempo ela foi se acostumando com a ideia e se conformando [...]

[...] mas trabalho lá é muito difícil por isso já me adaptei aqui quero ficar aqui quando saí da roça tive muito medo um sentimento de nervoso nem conseguia dormir muito tenso ansioso [...]

### 6.3 Análise de Similitude

Por meio da análise de similitude foi possível a compreensão dos agrupamentos e conexões entre os elementos identificados nas entrevistas (SÁ, C. P. 2002). A *gráfica 07* demonstra que houve 06 agrupamentos entre as ramificações das palavras, todas interconectados.

No agrupamento central se destaca a palavra **MORAR** que gera três ramificações: “**casa**”, “**Brasília**” e “**ficar**”. Nesse sentido, segundo Schutz (2012, p.25): “dado que a experiência é sempre uma experiência de algo, nos deslocamos do experienciar para o mundo do conteúdo da experiência”. Onde

o mundo da vida constitui a esfera de todas as experiências, orientações e ações cotidianas, mediante as quais o indivíduo buscam realizar seus interesses e seus negócios a partir da manipulação de objetos, da interação com as pessoas, da elaboração de planos e da efetivação destes (SCHUTZ, 2012, p.25).

Assim sendo, é possível verificar que o sujeito em deslocamento demonstra grande preocupação com a moradia, uma vez que a casa aparece sempre associada à segurança, ao cuidado, à família. Como sugere DAMATTA, (1997, p. 07), a casa, para o brasileiro surge como local privilegiado, muito mais que um simples local físico ou abrigo.

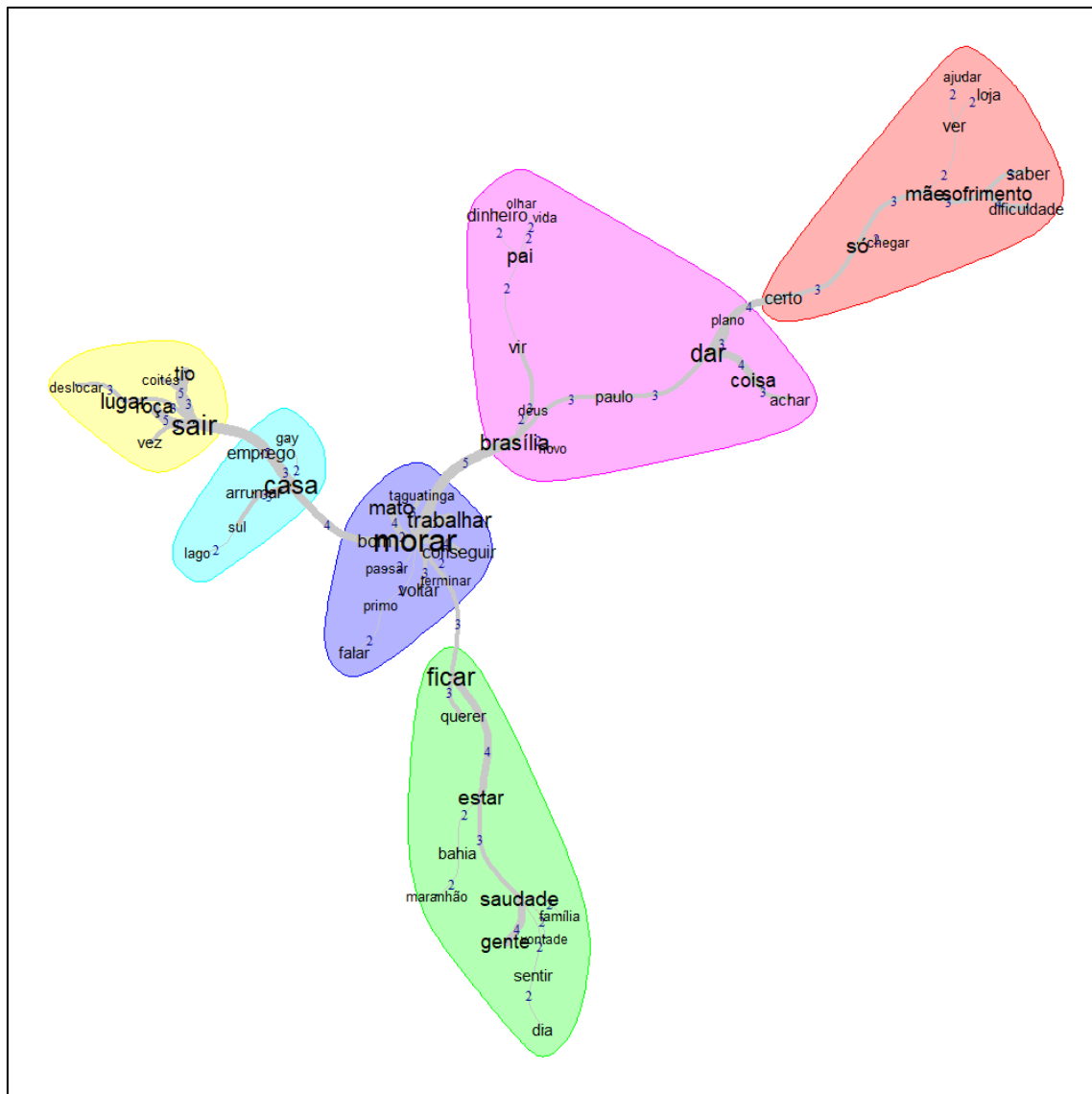
Em vista disso, a ligação entre os vocábulos: (morar – casa – Brasília – ficar), demonstram adaptação e interação do sujeito aos novos lugares. Todavia, a Brasília que eles se referem é a Região Administrativa em que moram, uma vez que este levantamento de dados não contemplou morador de Brasília.

- **BRASÍLIA, faz conexão com a ramificação MÃE** – Esta vinculação é compreensível, uma vez que em todos os discursos, o vocábulo “MÃE” é recorrente. O vocábulo “**MÃE**” foi predominante nos discursos de todos os participantes, sempre ao relatar a saída do lugar de origem, mas sobretudo, quando decidem ficar no local de destino.
- **CASA, faz conexão com SAIR** – Esse vínculo de vocábulos é explícito, pois, segundo as falas dos participantes, gera os sentimentos de angústia, ansiedade e medo. Até onde me foi possível observar, essa é a fase do discurso em que o sujeito costuma se emocionar muito.

Nesse caso, “**SAIR**” remete à possibilidade de ruptura com o habitual, de estranhamento, que é o passo primeiro para a desfamiliarização de noções que foram naturalizadas (SPINK & FREZZA, 1999, p.31).

- **FICAR** – O vocábulo ficar, por sua vez, demonstra a adaptação com as novas realidades, é o que Tuan, denomina *topofilia*, isto é, “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar” (TUAN, 2012, p.19)

**GRÁFICO 07: ANÁLISE DE SIMILITUDE DAS ENTREVISTAS DE PROFUNDIDADE.**



## 6.4 EVOCAÇÕES

### Análise Prototípica

A análise prototípica permitiu identificar os quadrantes que identificam a representação social de Brasília dos imigrantes entrevistados. Como ponto de corte distinguir as periferias do núcleo central e dos contraentes foi utilizado  $Ordem=3,8$  para distinguir Núcleo Central e Primeira Periferia do Contraste e da Segunda Periferia foi utilizado  $Frequência = 8$ , conforme quadro B.

**QUADRO B: QUADRANTES DA ANÁLISE PROTOTÍPICA**

3,8 >= Ordem < 3,8				
8 >= 8 Frequência > 8	Núcleo Central		Primeira Periferia	
	Arquitetura Moderna	(F=7; Ord=3,9)	Organizada	(F=16; Ord=3,6)
	Lugar de Se Morar	(F=17; Ord=3,8)	Terra de Oportunidades	(F=54; Ord=3,4)
	Contraste		Cidade Jardim	(F=8; Ord=3,4)
	Tudo Caro	(F=1; Ord=6,0)	Ciência Bonita	(F=12; Ord=2,9)
	Motivo de Orgulho	(F=1; Ord=6,0)	Diversidade Cultural	(F=8; Ord=2,1)
	Tudo Longe	(F=2; Ord=5,5)	Segunda Periferia	
	Onde Tudo é Caro	(F=2; Ord=5,5)	Estruturada	(F=2; Ord=3,5)
	Desigualdade Social	(F=2; Ord=5,0)	Cidade que escolhi	(F=2; Ord=3,5)
	Paraíso dos Políticos	(F=1; Ord=5,0)	Clima Agradável	(F=3; Ord=3,0)
Migrantes	(F=6; Ord=4,2)	Meu Lugar	(F=2; Ord=3,0)	
Patrimônio Cultural da Humanidade	(F=2; Ord=4,0)	Terra da Corrupção	(F=1; Ord=3,0)	
Onde Tudo é Longe	(F=1; Ord=4,0)	Capital do Brasil	(F=6; Ord=2,8)	
Solidão	(F=5; Ord=3,8)	Começo de Tudo que Consegui na Vida	(F=1; Ord=1,0)	
3,8 >= Ordem < 3,8				

**QUADRO B: QUADRANTES DA ANÁLISE PROTOTÍPICA**

*Elaborado por: LESSA, Temízia Cristina Lopes Lessa (2019)*

O núcleo central agrupou os termos: **(1) Arquitetura Moderna**; e **(2) Lugar de se morar**, remetendo a ideia de que como principal associação que os imigrantes fazem com Brasília está relacionado à duas questões específicas. Primeiro, “arquitetura moderna” é um termo amplamente difundido, não só no Distrito Federal, mas em escala nacional e mundial e aparece no discurso do sujeito, mais como uma espécie de “conhecimentos gerais”, que uma característica que ele de fato tenha interesse e ache importante. É como uma espécie de fetiche.

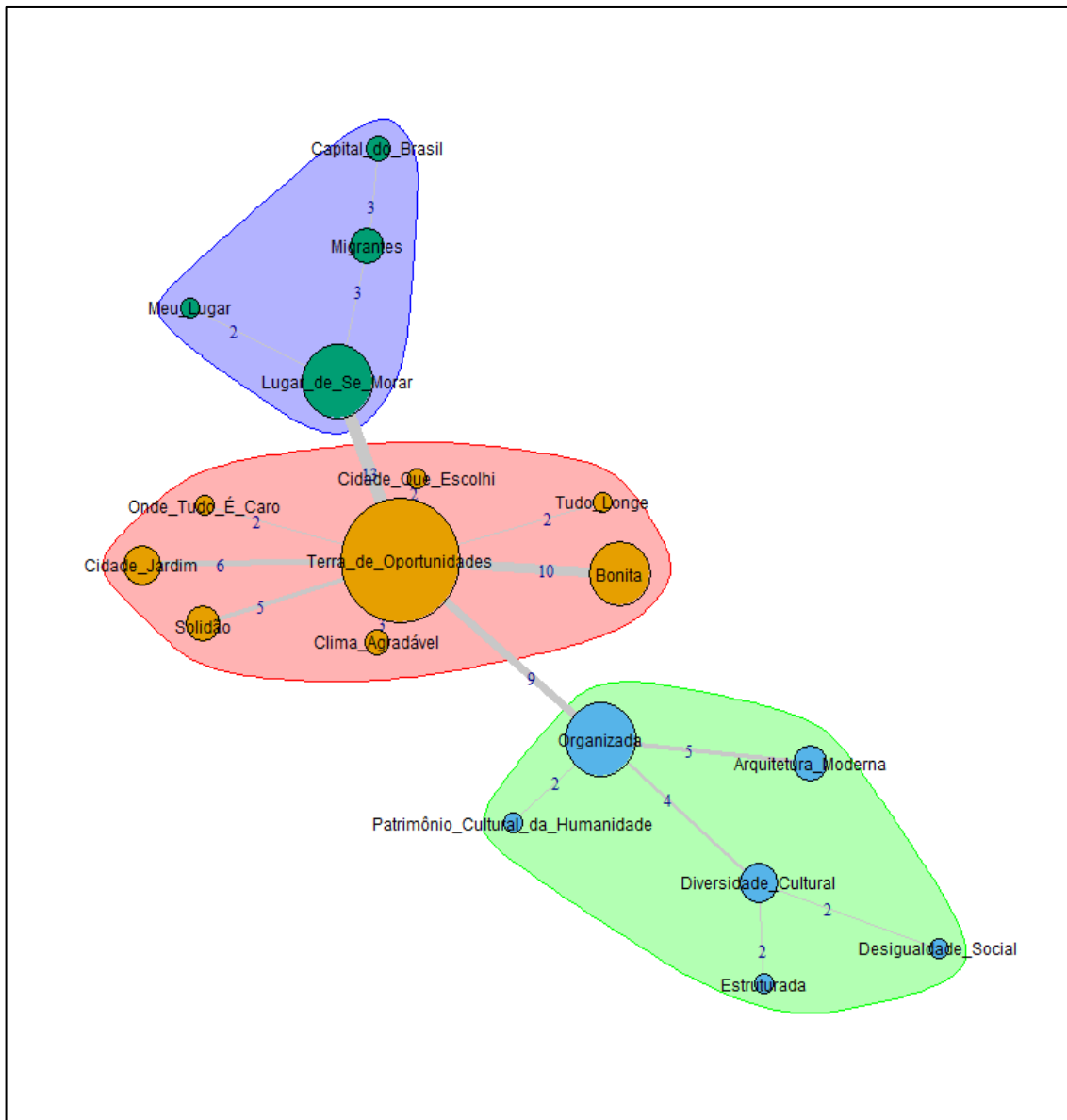
Já a expressão **“lugar de morar”** tem um peso na fala dos sujeitos, que ressaltam uma infinidade de adjetivos, inclusive comparando com outras capitais. Todavia, cabe mais uma vez ressaltar, os participantes moram em Regiões Administrativas.

Nesse sentido, a **“arquitetura moderna”**, está, de fato, associada à Brasília, mas, **“lugar de morar”** aparece no discurso como referência ao local que o sujeito mora, logo, uma Região Administrativa.

Os termos que compõem o primeiro Núcleo Periférico remetem as ideias de sofrimento, dificuldades, desafios e chegada (formam os núcleos periféricos), esses núcleos sustentam os elementos concretos, que aparecem no Núcleo Central.

O segundo Núcleo periférico, também remete à origem, ao lugar de saída, mas sem carga de sofrimento, mas num entendimento racional, de que “era necessário sair” ou “eu não tinha outra coisa a fazer, a não ser sair”. Todavia, é importante ressaltar que essa hierarquia entre os elementos, tanto favorece como produzem a centralidade.

**GRÁFICO 08: ANÁLISE DE SIMILITUDE – EVOCAÇÕES LIVRES**



*Elaborado por: LESSA, Temízia Cristina Lopes (novembro/2019).*

De acordo com o gráfico da análise de similitude das evocações (Gráfico 08), houve 3 agrupamentos. O agrupamento central teve como destaque o termo “**TERRA DE OPORTUNIDADES**”, que corresponde ao **NÚCLEO CENTRAL DAS REPRESENTAÇÕES** dos sujeitos participantes desta pesquisa sobre Brasília.



Nesse sentido, é importante ressaltar que a representação social se consoma através de operações e etapas sucessivas. A primeira fase de elaboração da representação consiste no envolvimento dos indivíduos, que mantem, de maneira seletiva, uma parte da informação que circula na sociedade, para verter em um modo particular de conhecimento a respeito do objeto. Aqui, vale a máxima: “A sociedade fala, o sujeito emite o discurso”.

Mais uma vez, é relevante reforçar que os elementos periféricos se organizam ao redor do Núcleo Central, uma vez que estão em ligação direta com ele. É o mesmo que dizer, sua presença, ponderação, seu valor e sua função estão determinados pelo Núcleo Central (ABRIC, 2001). Nesse caso, as duas ramificações associadas ao Núcleo Central Destacam-se: “**Lugar de se morar**”, seguido de “**organizada**”.

Os núcleos periféricos, por sua vez, constituem os conteúdos essenciais da representação, seu lado mais acessível, mas também, mais vivo e concreto, uma vez que envolvem informações retidas, selecionadas e interpretadas, juízos formulados a respeito do objeto e o seu entorno, como estereótipos e crenças

## À GUIZA DE CONCLUSÃO

*Parece-me agora que sigo melhor e que penso com mais exatidão de meus estudos. Chegarei à meta tão buscada e há tanto tempo perseguida? Estudo sempre a partir da natureza e parece-me que faço lentos progressos.*  
(J. Gasquet, Cézanne)



## À GUIA DE CONCLUSÃO

Na tentativa de arrematar todo esforço despendido na realização de um trabalho, recordo a principal obra de Merleau-Ponty, *Fenomenologia da percepção*, em que a percepção é compreendida como “acesso à verdade”. Todavia, a verdade nunca nos dá o acabado. Para Merleau-Ponty (2013, p. 155), a verdade acabada paralisa o presente, da situação em que me encontro, tanto fonte de meus acertos quanto de meus erros. É esse inacabado da percepção, sua abertura, suas falhas e seus brancos, que nos mostra que a verdade nunca está pronta. Contudo, temos uma certeza: aquilo que nos aparece, ao mesmo tempo nos escapa.

Diante disso, destaco duas constatações – o sujeito é um exímio produtor de sistemas simbólicos e sociais; e as interações intra e intergrupos são determinantes tanto para o funcionamento e quanto para a mudança da sociedade.

A escolha da Representação Social como teoria e método para a compreensão da Geografia dos Deslocamentos foi acertada, pois esta teoria privilegia o “posicionamento e localização da consciência subjetiva nos espaços sociais, com o sentido de constituir percepções por parte dos indivíduos”. Isso quer dizer que a representação que se tem de um objeto social se dá por meio de um processo de formação entendido como um encadeamento de fenômenos interativos, fruto dos processos sociais vividos pelos sujeitos.

Como a Geografia dos Deslocamentos, pretende-se, enquanto área de conhecimento, centrar-se no sujeito, que foi, durante muito tempo, elemento secundário nos estudos geográficos.

No que se refere à intenção de apreender como o migrante, agora residente em Brasília e nas demais Regiões Administrativas apreendem a totalidade do Distrito Federal. É importante destacar que a visão predominante é a de Brasília como centro e as demais Regiões Administrativas exercem o papel de bairro. Todavia, é válido lembrar ainda, que ao longo deste trabalho, foi esclarecido que existem questões institucionais que precisam ser respeitadas.

Todavia, muito da visão que o morador do Distrito Federal apresenta sobre Brasília é resultado da forte influência mediática, haja visto o que foi relatado ao longo dos capítulos, especialmente, a seleção de reportagens, que mesmo sem pretensão declarada, acaba por influenciar os leitores nas suas representações sobre Brasília.

Nesse sentido, trabalhar a Representação Social em diálogo com a Geografia dos Deslocamentos, é o desafio que proponho, pois constato que as pesquisas que utilizam a RS como método, procuram estabelecer um aprofundamento no estudo do sujeito.

A utilização dos termos – homem, humanidade e realidade social são vocábulos generalizantes. Daí a importância da Geografia dos Deslocamentos, uma área da Geografia centrada no sujeito a partir de perspectivas geográficas, pois o sujeito não é geral. O sujeito é singular!

Diante disso, a estruturação da Geografia dos Deslocamentos como categoria de análise geográfica, é necessária, haja vista que o vocábulo “migração” enquanto conceito não dá conta da complexidade que está entre o “sair de” e o “chegar a”. Entre o “sair” e o “chegar” se encontram motivações pessoais diversas, que não excluem as questões sociais, mas que constituem profundas mudanças identitárias.

Para mais, o encantamento com o novo não rompe em nós migrantes, deslocados, o afeto com o antigo, mas a cada novo, revaloramos as experiências vivenciadas no lugar de origem. Assim, a Geografia dos Deslocamentos pretende apreender o sujeito em travessia.

## REFERÊNCIAS

*Quem foi que assim nos fascinou para que tivesse  
um olhar de despedida em tudo o que fazemos.  
(Rainer Maria Rilke)*



## REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. A Zona muda das Representações Sociais. In: OLIVEIRA, Denize Cristina de; CAMPOS, Pedro Humberto Faria (Org.). Representações Sociais – Uma teoria sem fronteiras. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

\_\_\_\_\_. Jeux, Conflits et representations sociales, these d'Etat. Aix-en-Provence. Université de Provence, 1976.

\_\_\_\_\_. Méthodes d'étude des representations sociales. Pages à 10, 2005. Disponível em: <https://www.cairn.info/methodes-d-etude-des-representations-sociales--9782749201238.htm#> . Data de acesso: 10 de novembro de 2019.

\_\_\_\_\_. Las representaciones sociales: Aspectos teóricos. In: Práticas Sociais y Representaciones. Primera edición: 2001.

ALBA, Martha de. Representações sociais e memória coletiva: uma releitura. In: OLIVEIRA, Ângela Maria de.; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeide Araújo Trindade. Teoria das Representações Sociais: 50 anos. Brasília: Technopolitik, 2014.

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. *Comum*. Rio de Janeiro – v. 6 – nº 177 – p. 111 a 125 – jul./dez. 2001.

\_\_\_\_\_. Representação Social: Uma genealogia do conceito. *Comum* – Rio de Janeiro. V. 10, no 23, Jul/dez 2004.

ALLAIN, Juliana Mezzomo. CAMARGO, Brígido Vizeu. O papel da mídia brasileira na construção das representações sociais de segurança alimentar. *Psicologia: Teoria e Prática* – 2007, 9 (2): 92 – 108.

ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira. SANTOS, Maria de Fátima de Souza. TRINDADE, Zeide Araújo [org.]. *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik, 2014.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado (Notas para uma investigação)*. In: ZIZÉK, Slavoj. Tradução: Vera Ribeiro. Ed. Contraponto. Rio de Janeiro, 1994.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Dinâmica territorial: Cartografia – Monitoramento – Modelagem. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2008.

Ântico, Cláudia. Por que migrar? In: PATARRA, Neide; et al. Migrações, condições de vida e dinâmica urbana. Campinas: Instituto de Economia Unicamp; Fapesp, 1997.

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. REIS JÚNIOR, Dante Flávio da Costa. *As representações sociais no espaço geográfico*. GEOTemas, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, v.2, n. 1, p. 87-98, jan./jun., 2012.

ARRUDA, Ângela. *As Representações Sociais: Desafios de pesquisa*. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: EDUFSC, Especial Temática. 2002.

\_\_\_\_\_. *Modernidade & CIA.: Repertórios da mudança*. In: JESUÍNO, Jorge Correia. MENDES, Felismina R. P.; LOPES, Manoel José. (orgs.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. – Coleção Psicologia Social.

AZZONI, 1995; BAENINGER, 1998; MARTINE, 1995; DINIZ, 1991; SANTOS, 1993; KOUCHER, 2014).

BACHELARD, Gaston. *A intuição do instante*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 2. Ed. Campinas: Verus Editora, 2010.

BAENINGER, Rosana (Org.). *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

BAPTISTA, Maria Manuel. *Estereotipia e representação social – Uma abordagem psico-sociológica*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra, 1996.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução de Júlio Castañon Gimarães. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.

BAUER, M. *A popularização da ciência como imunização cultural: a função de resistência das representações sociais*. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.) *Textos em representação sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 229-257, 1995.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. *A Construção social da realidade – Tratado de sociologia do conhecimento*. Editora Vozes. Petrópolis 2004, 24ª edição.

BERNARDES, Anita Guazzelli. HOENISCH, Júlio César Diniz. *Subjetividade e identidades: Possibilidades de interlocução da Psicologia Social com os Estudos Culturais*. In: GUARESCHI, Maria de Fátima. BRUSCHI, Michel Euclides (organizadores). *Psicologia Social nos estudos culturais – Perspectivas e desafios para uma nova psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BRADO, Jesus Cardoso. GOMES, Ana Silva Alves. *Teste de evocações semiestruturado como ferramenta para o estudo de representações sociais: possibilidades de aplicação na pesquisa em ensino de ciências*. Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – IX ENPEC Águas

de Lindóia, SP – 10 a 14 de novembro de 2013. *Temas em Psicologia* – 2013, vol. 21, nº 1, 97 – 104.

BRETTEL, Caroline B. e HOLLIFELD, James F. Migration theory: taking across disciplines. In: BRETTEL, Caroline B. e HOLLIFELD, James F. *Migration Theory: taking across disciplines*. London: Routledge, p. 1-29, 2008.

BRITO, Fausto. A politização das migrações internacionais: direitos humanos e soberania nacional. *R. bras. Est. Pop.*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 77-97, jan./jun. 2013.

\_\_\_\_\_. Brasil, final do século: a transição para um novo padrão migratório. In: Carleial, Adelita (org). *Transições migratórias*. Fortaleza: Inplance, 2002.

\_\_\_\_\_. Ensaio sobre as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. *Rev. Bras. Estudos Pop.*, Campinas, 1995.

\_\_\_\_\_. Urbanização, metropolização e mobilidade espacial da população: Um breve ensaio além dos números. Comisión Económica para América Latina y el Caribe, CELADE-División de Población, con el apoyo y auspicio del Banco Interamericano de Desarrollo (BID). Brasília, Brasil, 2007.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. *IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais*. *Temas em Psicologia*, vol. 21, nº 2, p. 513-518, 2013.

CARVALHO, José A.; FERNANDES, Fernando. Estimativas dos saldos migratórios e taxas líquidas de migração das Unidades da Federação e grandes regiões do Brasil. 1994. Disponível em: [www.cedeplar.ufmg.br](http://www.cedeplar.ufmg.br). >acesso em: 22/10/2017.

CHAMPION, A.; HUGO, G. *News forms of urbanization: beyond the urban-rural dichotomy*. Burlington/USA: Ashgate, 2003.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. 11 (5), 1991.

CHOMBART DE LAUWE, M. J. Liens entre les représentations véhiculées sur l'enfant et les représentations intériorisées par les enfants. In: DOISE, W.; PALMONARI, A. (orgs.), *L'étude des représentations sociales*. Paris: Delachaux & Niestlé, p. 96-117, 1986.

CORRALIZA, José Antônio. BERENGUER, Jaime. *Ciencias sociales y cambio ambiental global – Contribuições de la psicología Ambiental*. In: *Psicologia y médio ambiente. Aspectos psicosociales, educativos y metodológicos*. Galicia/Espanha: Unidad de investigacion persna/ambiente – Universidad de A Coruña/ Universidad de Santiago de Compostela. 2002.



CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHAL, Zeny (Orgs). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

COSGROVE, Denis. *A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas*. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

COSTA, Paulo Cesar Gomes. O lugar do olhar. Elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

CUNHA, José Marcos Pinto da. Migração e urbanização no Brasil: alguns desafios metodológicos para análise. São Paulo em Perspectiva, v. 19, nº 4, p. 3-20, out/dez. 2005.

CUNHA, José Marcos Pinto da; BAENINGER, Rosana. A Migração nos Estados Brasileiros no período recente: principais tendências e mudanças. In: Hogan, Daniel Joseph [et. al.] (orgs.) Migração e ambiente em São Paulo: aspectos relevantes da dinâmica recente. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2000.

DA MATTA, A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DADALTO, Maria Cristina. Imigração e permanência do sonho. Ano 7, nº.2, jul./dez., São Paulo. Disponível em: [www.csem.org.br](http://www.csem.org.br).

DAMIANI, Amélia Luísa. População e Geografia. 5. ed – São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. A cidade (des)ordenada e o cotidiano. In: SILVA, José B. da; COSTA, Maria C. L.; e DANTAS, Eutógio W. C. (Org.). A cidade e o urbano. Fortaleza: EUFC, 1997. p. 221-234.

DEZAN, M. D. de S. Impactos da Imigração Japonesa Sobre a Diversidade Cultural na Organização do Espaço Geográfico Piracicabano-SP. Rio ClaroSP: Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2007.

DOISE, W. (1993). Debating social representations. Em, G.M. Breakwell e D.V. Canter (Orgs.) Empirical Approaches to Social Representations. Oxford: Clarendon Press.

DOISE, W.; PALMONARI, A. *L'étude des Représentations Sociales*. Delachaux & Niestlé. Neuchâtel, Paris, 1986.

DOISE, Willem. Psicologia social e mudança social. In: JESUÍNO, J. C.; MENDES, F. R. P.; LOPES, M. J. (orgs.). As representações sociais nas sociedades em mudança. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

DREIER, O. Representations, identities, resistance. In: DEAUX, K. & PHILOGENE, G. (orgs.). Social representations: introduction an exploration. Oxford: Blackwell. 1999.

DUARTE, Sebastião Júnior Henrique; MAMEDE, Marli Villela; ANDRADE, Sônia Maria Oliveira de. Opções Teórico-Methodológicas em pesquisas qualitativas: Representações Sociais e Discurso do sujeito coletivo. Saúde Soc. São Paulo. V. 18, n. 4, 2009.

ECHANDI, Isabel Álvarez. Mirando al norte: algunas tendencias de la migración Latinoamericana / Isabel Álvarez Echandi, comp. – 1ª. ed. – San José,C.R. : FLACSO, 2012.

ECO, UMBERTO. AS FORMAS DO CONTEÚDO. SÃO PAULO, PERSPECTIVA. 1974.

ENS, Romilda Teodora. A epistemologia do/no campo das representações sociais: Um diálogo com o campo das políticas docentes. Anais Educere – XII Congresso Nacional de Educação. 2015.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Os estudos culturais e a constituição de sua identidade. In: GUARESCHI, Neusa Maria de Fátima. BRUSCHI, Michel Euclides. Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FAISSOL, S. O espaço, território, sociedade e desenvolvimento brasileiro. Rio de Janeiro: IBGE, 1994.

FARRET, Ricardo Libanez. O Estado a questão territorial e as bases da implantação de Brasília. In: PAVIANI, Aldo. Brasília, ideologia e realidade – espaço em questão, p.25-36, 2010 (publicado originalmente em 1985, p. 17-25)

FERNANDES, Cleudemar Alves. BERTOLDO, Ernesto Sérgio. MUSSALIM, Fernanda. SANTOS, João Bosco Cabral dos. Sujeito, Identidade e Memória. 2ª edição. Uberlândia: EDUFU, 2013.

FERREIRA, Ignez Costa Barbosa. Brasília: mitos e contradições na história de Brasília. In: PAVIANI, Aldo [et.al.] (orgs.). Brasília 50 anos: da capital a metrópole. Brasília: Editora UnB, 2010.

\_\_\_\_\_. O processo de urbanização e a produção do espaço metropolitano de Brasília. In: PAVIANI, Aldo. Brasília, ideologia e realidade – espaço em questão, p.61-81, 2010 (publicado originalmente em 1985, p. 43-56).

FLAMENT Claude. Estructura, dinámica y transformación de las representaciones sociales. In: Práticas Sociales y Representaciones. Primera edición: 2001.

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. Foucault e a arqueologia do sujeito. In: Sujeito, identidade e memória. 2ª edição. Uberlândia: EDUFU, 2013.

FOUCAULT, Michel (1984). Une esthétique de l'existence. In: Dits et écrits, v. IV. Paris: Gallimard, 1994, p.730-735

\_\_\_\_\_. A Arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

\_\_\_\_\_. A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_. Arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIN, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia, 2004.

GALTUNG, Johan. Teoria e métodos da investigação social. NORUS, vol. 01, no. 01, jan./Jun, 2003.

GIBSON, J.J. (1950). The perception of the visual word. Westport, Connecticut: Greenwood Press Publishers, 1974.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. (trad. Raul Fiker) São Paulo: Ed. UNESP, 1991. 177p.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. O lugar do olhar – Elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GONÇALVES, Juliano Rosa. Identidade territorial brasiliense em questão: conversações em redes sociais sobre a capital federal. 2017. 202 f., il. Tese (Doutorado em Geografia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. BRUSCHI, Michel Euclides [orgs.]. Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GUIDDENS, A. A constituição da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GUIMARÃES NETO, L. Desigualdades regionais e federalismo. In: Affonso, R. de B. A.; SILVA, P. L. B. (orgs.). Federalismo no Brasil: Desigualdades regionais e desenvolvimento. São Paulo: Fundap; Unesp, p. 13-59, 1995.

GUIMELLI, Christian. La función de enfermera. Prácticas y representaciones sociales. In: Prácticas Sociales y Representaciones. Primera edición: 2001.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton [et. al.]. Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, 3ª edição.

HALBWACHS, Maurice. (1925), *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris, Presses Universitaires de France.

HARVEY, David. Espaço como palavra-chave. *Revista GEOgraphia*. Rio de Janeiro, UFF, v.14, n.28, p. 8-39, 2012.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. Ed. Paz e Terra Filosofia. 4ª edição, 1992.

Hogan, Daniel Joseph (org.). *Migração e ambiente em São Paulo: aspectos relevantes da dinâmica recente*. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2000.

JANSEN, Clifford J. (1969), "Some sociological aspects of migration", in J.A. Jackson (Ed.), *Migration*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 60-73.

JODELET, Denise. *A fecundidade múltipla da obra "A psicanálise, sua imagem e seu público"*. In: ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira. SANTOS, Maria de Fátima de Souza. TRINDADE, Zeidi Araújo [org.]. *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik, 2014.

\_\_\_\_\_. *Experiência e Representações sociais*. École des Hautes Études em Sciences Sociales – Paris. Tradução de Maria Suzana de Stefano Menin (mimeo?).

\_\_\_\_\_. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das Representações Sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set/dez, 2009

JOVCHELOVITCH, Sandra. Re(des)cobrimdo o outro: Para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais. In: ARRUDA, Ângela. *Representando a alteridade*. Petropolis, RJ: Vozs, 1998.

JUNQUEIRA, Lília. A noção de Representação social na sociologia contemporânea. *Estudos de sociologia*, Araraquara, 18/19, 145-161, 2005.

KOUCHER, Ademir Barbosa. Migrações internas no Brasil: novo problema, novos cenários. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 35, p.177-200, jun. 2014.

KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LA BLACHE. Paul Vidal de. As condições geográficas dos fatos sociais. *Geografia*. Ano IX, no. 18. 2007.

LAHLOU, Saadi. *Difusão das representações e inteligência coletiva distribuída*. In: ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira. SANTOS, Maria de Fátima de Souza. TRINDADE, Zeidi Araújo [org.]. *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik, 2014.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. *Usos e abusos do conceito de Representação Social*. In: SPINK, Mary Jane (org). *O conhecimento no cotidiano – As perspectivas sociais na perspectiva da psicologia social*. Brasiliense. São Paulo, 1993.

LASSANCE, Adalberto. *Brasília e Distrito Federal: Imperativos institucionais*. Brasília: Verano. Editora, IHGD, 2002.

\_\_\_\_\_. LOPES, Cleusa Neves da [et al.] *Brasília: Capital do Brasil – Educação e cultura pelo turismo. A História da capital em perguntas e respostas*. Brasília, Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal; Pórfiro, 2003.

\_\_\_\_\_. Paranoá, um lago multissecular. In: Vera Ramos [et. al.] *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal*. Goiânia: Kelps, p. 11-30, 2017.

LEITE, MIRIAM MOREIRA. *RETRATOS DE FAMÍLIA*. SÃO PAULO, EDUSP, 1993.

LESSA, Temízia Cristina Lopes. ARAÚJO SOBRINHO, Fernando Luiz. *Migrar, chegar, permanecer: A construção do lugar de afeto*. Jundiaí, Paco Editorial, 2017.

LESSA, Temízia Cristina Lopes. *O migrante e a formação de territórios no Distrito Federal: o caso da Estrutural, o espaço construído no contexto do lixo*. 2014. 140 f., il. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MACHADO, Laêda Bezerra. ANICETO, Rossimere de Almeida. *Núcleo Central e periferia das representações sociais de ciclos de aprendizagem entre os professores*. Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n.67, p. 345-364, abr./jun.2010.

MARANDOLA JR. Eduardo. GALLO, Priscila Marchiori. *Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração*. VI Encontro Nacional sobre migrações. Agosto, 2009.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. *Entre muros e rodovias: os riscos do espaço e do lugar*. In: *Antropolítica*, n. 24. 2008

Marchand, P., & Ratinaud, P. (2012). *L'analyse de similitude appliqué aux corpus textuelles: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française*. In *Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles*. JADT 2012 (pp. 687-699).

MARQUES, Andressa Clycia Mello de Souza. LEAL, Marília Daniella Freitas Oliveira. *MIGRANTES VENEZUELANOS NO BRASIL: COOPERAÇÃO COMO MEIO PARA GARANTIR DIREITOS*. Congresso Internacional de Direitos Difusos. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conidif/resumo.php?ldtrabalho=171>. Data de acesso: 21/11/2018

MARTINE, G. A evolução especial da população brasileira. In: Affonso, R. de B. A.; SILVA, P. L. B. (orgs.). *Federalismo no Brasil: Desigualdades regionais e desenvolvimento*. São Paulo: Fundap; Unesp, p. 61-91, 1995.

MARTINELLI, Alberto e Neil J. SMELSER (1990), "Economic sociology: historical trends and analytic issues", in A. Martinelli e N.J. Smelser (Ed.), *Economy and Society: Overviews in Economic Sociology*, Londres, Sage, pp. 1-49

MARTINS, Dora; VANALLI, Sônia. *Migrantes*. São Paulo: Contexto, 1994.

MARTINS, José de S. *O sujeito oculto: ordem e transgressão na reforma agrária*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

MARTINS, José de Souza (org). *Introdução crítica a sociologia rural*. São Paulo: Hucitec, 1986.

MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: Fotografia e história interfaces*. Tempo, Rio de Janeiro. Vol.1, nº.2, 1996.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. *A abordagem estrutural das representações sociais*. *Psicologia da Educação*. São Paulo, 14/15, 1º e 2º semestre de 2002, pp.17-37.

\_\_\_\_\_. *Representações sociais: Aspectos teóricos e aplicações à educação*. Em aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MIRA, Ricardo García. SABUCEDO, José Manuel. REAL, José Eulogio. *Medio Ambiente y comportamiento humano*. In: *Psicología y medio ambiente. Aspectos psicosociales, educativos y metodológicos*. Galicia/ Espanha: Unidad de investigación persona/ambiente – Universidad de A Coruña/ Universidad de Santiago de Compostela. 2002.

MOREIRA, Ruy. *Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo*. Etc, espaço, tempo e crítica – *Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas*. Junho/ 2017, no. 1(3), Vol. 1.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro. Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978 (publicado originalmente em 1961).

\_\_\_\_\_. *A representação social da psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. *Das Representações coletivas às representações sociais: Elementos para uma história*. In: JODELET, Denise (org.). *As Representações Sociais*. Ed. UERJ, Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. *Das representações coletivas às representações sociais: Elementos para uma história*. In: JODELET, Denise (Org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. *La Psychanalyse son image et son public*. 2ª ed., revista. Paris: PUF, 1976.

\_\_\_\_\_. *The Myth of the Lonely Paradigm: A Rejoinder*. *Social Research*, vol. 51, nº 4, 1984.

MUSGROVE, Frank. *The migratory Elite*. Londres, Heinemann. 1963.

NUNES, Brasilmar Ferreira. In: PAVIANI, Aldo. *Brasília, moradia e exclusão* (org.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

OLIVEIRA, Fátima de O. de; WERBA, Graziela C. *Representações Sociais*. In: STREY, Marlene Neves [et.al.]. *Psicologia social contemporânea*. Petropolis, RJ: Vozes, 1998

OLIVEIRA, Fátima O. de; WERBA, Graziela C. *Representações sociais*. In: STREY, Marlene Neves [et. al.]. *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, Marília Luiza Peluso. *O mercado imobiliário urbano na periferia do Distrito Federal: Um estudo de caso – A ocidental*. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília. Brasília, 1983.

ORDAZ, O.; VALA, J. *Objetivação e Ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita*. In: MOREIRA, A. P.; OLIVEIR, D. C. (orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, p. 87-114, 1999.

PATARRA, Neide L. et al. (Org.). *Migração, condições de vida e dinâmica urbana*. Campinas, SP: Unicamp/Fapesp, 1997.

PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de. *Integração dos migrantes rurais no mercado de Trabalho em montes claros, norte de Minas Gerais: “a esperança de melhoria de vida”*. Dissertação-Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). 2009.

\_\_\_\_\_. *Travessias: movimentos migratórios em comunidades rurais no sertão do norte de Minas Gerais*. Tese-Doutorado. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). 2014.

PAVIANI, Aldo (org.). *Brasília: moradia e exclusão*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1996.

PEIXOTO, João. As teorias explicativas das Migrações: Teorias micro e macro-sociológicas. Centro de investigação em sociologia econômica e das Organizações. Lisboa. 2004.

PELUSO, Marília Luiza. *O potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental*. Estudos de Psicologia, 2003, 8(2), 321-327.

\_\_\_\_\_. *O sujeito na geografia do século XXI: Notas para uma reflexão*. (Texto apresentado para debate no minicurso ministrado no XI EREGEO, realizado em Catalão/ GO, nos dias 3-5/1999).

PEREIRA, Anaíza Garcia Pereira. TUMA FILHO, Fadel David Antonio. Informe Gepec, Toledo, v. 15, número especial, p. 279-287, 2011.

PIRES, Rui Pedro Pena. Migrações e integração: teoria e aplicações á sociedade portuguesa. Oeiras: Celta Editora, 2003.

POLLI, Gislei Mocelin. WACHELKE João. Confirmação de Centralidade das Representações Sociais pela Análise Gráfica do Questionário de Caracterização.

POSSENTI, Sírio. Notas sobre a noção de acontecimento. In: Sujeito, identidade e memória. 2ª edição. Uberlândia: EDUFU, 2013.

RAVESTEIN, Ernest G..The laws of migration. Journal of the Royal Statistical Society of London, vol.48, Part II, p. 167-227, jun.,1885.

Reinert, M. (1983). Une méthode de classification descendante hiérarchique: application à l'analyse lexicale par contexte. *Les cahiers de l'analyse des données*, VIII, (2), 187-198.

REY, Fernando González. O social na psicologia e a psicologia social – A emergência do sujeito. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. 3. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ROAZZI, Antônio; FEDERICCI, Fabiana C. B.; WILSON, Margaret. A estrutura primitiva da Representação Social do medo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2001.

SÁ, C. P. Núcleo Central das Representações Sociais. 2. ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

\_\_\_\_\_. *Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria*. In: SPINK, Mary Jane (org). *O conhecimento no cotidiano – As perspectivas sociais na perspectiva da psicologia social*. Brasiliense. São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.



\_\_\_\_\_. Representações Sociais: Teoria e pesquisa do núcleo Central. *Temas em Psicologia*, nº. 3, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. *Percepção: Fenomenologia, ecologia, semiótica*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. Porto: Edições Apontamento, 1994.

SANTOS, João Bôsco Cabral dos. *Apresentação: Sujeito, identidade e memória*. In: *Sujeito, identidade e memória*. Cleudemar Alves Fernandes [et. al.], orgs. 2 ed. Uberlândia: EDUFU, 2013.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. *Espaço e método*. 5. Ed., 1 reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SAWAIA, Bader Burihan. *Representação e ideologia – o encontro desfeticizador*. In: SPINK, Mary Jane (org.). *O conhecimento no cotidiano – As representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 73-84, 1993.

SCHMITHÜSEN, Hans Bobek e Josef. *A paisagem e o sistema lógico da geografia*. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

SCHUTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Tradução de Raquel Weiss. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SERPA, Ângelo. *Lugar e mídia*. São Paulo: Contexto: 2011.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. *Teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002 Nº 20.

\_\_\_\_\_. *A particularidade do processo de socialização contemporâneo*. *Tempo social, revista de sociologia da USP*, V. 17, nº. 2.

SHIMIZU, Alessandra de Moraes. *O potencial de influência da mídia na construção de representações de aspectos socio-morais*. *Revista científica eletrônica de Psicologia*. Ano I – Número 2, maio de 2004.

SILVA, GOBBI e SIMÃO (2004, p.2)

SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estado. In: MOURA, H. A. (Org.) Migração interna, textos selecionados. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980, p. 211-244, 722p.

SOJA, Edward. Para além de postmetropolis. Revista UFMG, v. 20, p.137-161, 2013.

SOUZA FILHO, E. A. Análise de representações sociais. In: SPINK, M. J. (Org.). o conhecimento no cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 109-145, 1993.

\_\_\_\_\_. Metodologias de estudo de Representações Sociais o papel da entrevista. II Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico em Psicologia. Gramado, 1989.

SOUZA, Marcelo José L de. A cidade, a palavra e o poder: práticas, imaginários e discursos heterônomos e autônomos na produção do espaço urbano. In: CARLOS, Ana F. A et. al. A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2012.

SOUZA, Marcelo José L de. Da diferenciação de áreas à diferenciação socioespacial: a visão (apenas) de sobrevoos como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. Cidades, Revista Científica, v. 4, n. 6, Presidente Prudente, 2007, p. 1-114.

SPINK, Mary Jane (org). *O conhecimento no cotidiano – As perspectivas sociais na perspectiva da psicologia social*. Brasiliense. São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. (Orgs.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro, 2013.

SPINK, Mary Jane P. e FREZZA, Rose Mary. Práticas Discursivas e Produção de Sentido. In: SPINK, Mary Jane (Orgs.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro, 2013.

SPINK, Mary Jane P. e MEDRADO, Benedito. Produção de Sentido no Cotidiano. In: SPINK, Mary Jane (Orgs.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro, 2013.

. *O conceito de Representação Social na abordagem Psicossocial*. Caderno de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 9(3): 300-308, jul/set, 1993.

SPINK, Mary Jane P.; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social. In: Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. Mary Jane P. Spink (org.) São Paulo: Cortez, 1999.

TITTONI, Jaqueline. MAURENTE, Vanessa. Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: A fotocomposição e outros caminhos possíveis. *Psicologia & Sociedade*, vol. 19, no.3, set-out, p.33-38, 2007.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*; tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VIEIRA, Elisangela Aparecida. Aqui é melhor do que lá: Representação social da vida urbana das populações migrantes e seus impactos socioambientais em Manaus. *REU*, Sorocaba, SP, v. 37, n. 1, jun. 2011.

WACHELKE, João Fernando Rech. CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento. *Revista Interamericana de Psicologia*. Vol. 41, nº. 3, 2007.

ZIZÉK, Slavoj. *Um mapa da ideologia*. Ed. Contraponto. Rio de Janeiro, 1994.

## **APÊNDICE**

## A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

## ROTEIRO DE PESQUISA

Pesquisadora: Temízia Cristina Lopes Lessa | Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Luiza Peluso

**Objetivo Geral:** Apresentar um estudo sobre a Geografia dos Deslocamento, o sujeito deslocado e suas Representações Sociais sobre Brasília e o Distrito Federal a partir da perspectiva dos migrantes que escolheram o Distrito Federal como destino, considerando a Geografia dos Deslocamentos como categoria de análise.

### DA ORIGEM

Qual o seu nome?

Qual a sua idade?

Quando e onde nasceu?

É casado(a)? ( ) Sim ( ) Não

Tem filhos? ( ) Sim ( ) Não

Sempre morou nessa localidade?

O que você entende por migração?

Você se considera migrante?

### DA SAÍDA

Como foi a primeira experiência de saída da sua cidade (terra) Natal?

Quem estava com você?

Como foi a saída? (teve festa, comemoração, desentendimento)

Para onde você foi?

Porque você escolheu esse lugar?

De quem foi a ideia de migrar?

Você decidiu sozinho ou teve orientação de alguém?

Alguém da sua família foi contra?

Quem mais lhe apoiou?

Você tinha recurso para a viagem ou precisou de ajuda?

Porque você quis sair da sua terra?

### DA TRAVESSIA (SOBRE A SAÍDA)

Viajou em que tipo de veículo?

Lembra o horário da saída?

O que você mais se recorda do dia em que saiu da sua terra? Qual foi a sensação?

Sente saudade de lá?

O que você sentia durante a viagem?

## ROTEIRO DE PESQUISA

Pesquisadora: Temízia Cristina Lopes Lessa | Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Luiza Peluso

### TRAVESSIA (SOBRE A CHEGADA)

Quando chegou, tinha lugar certo para morar? ( ) Sim ( ) Não
Já veio com trabalho certo? ( ) Sim ( ) Não
Qual foi o seu primeiro trabalho? (quanto tempo?)
Como era o trabalho, pode explicar? (você gostava?)
Sua vida melhorou aqui?
O que você sentiu quando chegou aqui?
Você poderia dizer o que sentiu na chegada? (teve medo, dúvidas, vontade de desistir)
Você gostou do lugar onde foi morar? Pode contar como foi?

### QUESTÕES SOBRE FAMILIARES

Alguém da sua família já tinha migrado antes? ( ) Sim ( ) Não
Para onde? Como ocorreu?
Você conhece histórias de pessoas que vieram para cá e deram certo?

### QUESTÕES SOBRE FAMILIARES

Veio só? ( ) Sim ( ) Não
Como você deu a notícia aos parentes (familiares) sobre a sua decisão de migrar?
O que você mais sente falta de lá?
O que você mais gosta, de estar morando aqui?
Tem alguma data comemorativa ou datas importantes de lá que lhe faz falta?
Você ainda tem parentes lá?
Você tem parentes aqui? (qual o grau de parentesco?)
Quando você veio, costumava mandar dinheiro para lá? Ou alguém de lá mandou dinheiro para você?

### NO DESTINO (A CHEGADA NO DF)

Atualmente, você trabalha fazendo que?
Recebe auxílio de algum programa do governo? (Bolsa família...)
Você convive (reúne) aqui com pessoas de lá?
Tem casa própria? ( ) Sim ( ) Não
Quanto paga de aluguel?
Quanto tempo leva de casa ao seu trabalho?
Como se dá o deslocamento até o trabalho?
Você conhece o Brasília/ Distrito Federal?

## ROTEIRO DE PESQUISA

Pesquisadora: Temízia Cristina Lopes Lessa | Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Luiza Peluso

### *\*Quem veio com família\**

*Teve facilidade para encontrar escola para as crianças?*

*As crianças sentem falta de lá?*

*As crianças gostam daqui?*

*Você costuma passear com a família? Onde costuma levar a família/ Onde costuma ir?*

## RETORNO

*Como está sua vida hoje?*

*Como você avalia a decisão de sair de lá e escolher aqui?*

*Tem vontade de voltar para lá?*

*Pretende mudar novamente, para outro lugar?*



## **ROTEIRO DE PESQUISA**

*Pesquisadora: Temízia Cristina Lopes Lessa | Orientadora: Profª. Dra. Maria Luiza Peluso*

### **:: QUESTIONAMENTOS A SEREM RESPONDIDOS ::**

<b>01</b>	Como o brasiliense entende o Distrito Federal e sua divisão político-administrativa?
<b>02</b>	Como o migrante, agora residente no Plano Piloto e nas demais Regiões Administrativas apreendem o Distrito Federal e sua divisão político-administrativa?
<b>03</b>	O deslocamento pode, de alguma forma direcionar o posicionamento dos entrevistados sobre a percepção e apreensão de Brasília e do Distrito Federal?
<b>04</b>	Com base em que os moradores justificam as formas de compreensão que apresentam sobre Brasília e o Distrito Federal?
<b>05</b>	É possível afirmar que as mídias locais/ regionais/ nacionais influenciam os posicionamentos dos moradores do Distrito Federal?

### **:: PERGUNTAS PARA CONDUÇÃO DOS CAPÍTULOS ::**

<b>01</b>	Como o processo migratório reflete e modifica os modos de vida e trabalho dos sujeitos?
<b>02</b>	Qual a relação das RS da objetividade como condição para a produção de conhecimento válido da Geografia dos Deslocamentos?
<b>03</b>	Como a constituição de categorias pode colaborar para o entendimento entre a história local e a história dos sujeitos deslocados?
<b>04</b>	Como se deu o deslocamento e a interação do migrante com os novos cenários, espaços, lugares e territórios de Brasília e do Distrito Federal?
<b>05</b>	Qual o papel e o lugar do sujeito na Geografia dos Deslocamentos pelos olhos da TRS? (Como o deslocado se reconhece no novo território? Identidade, sentimento de ruptura e Representação Social)

## B – TERMO DE CONCESSÃO DE INFORMAÇÕES

*Projeto de Pesquisa de Tese:*  
**BRASÍLIA, ENTRE IMPERATIVOS INSTITUCIONAIS E EXISTENCIAIS:  
A Geografia dos Deslocamentos pela Representação Social do migrante**

*Pesquisadora: Temízia Cristina Lopes Lessa | Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Luiza Peluso*

## **TERMO DE CONCESSÃO DE INFORMAÇÕES**

Estou ciente dos objetivos do projeto intitulado: “Brasília, entre imperativos constitucionais e existenciais: A Geografia dos Deslocamentos pela Representação Social do migrante”, sob a coordenação da Profa. Dra. Marília Luiza Peluso, executado pela Universidade de Brasília – UnB.

Autorizo a gravação das informações por mim prestadas nesta entrevista. Concordo com a divulgação dos resultados de tais informações para utilização científica em congressos, encontros, debates, textos, artigos, entre outros.

Autorizo ainda, a divulgação de minha imagem e/ou informações por mim prestadas.

---

*Assinatura do entrevistado*

